



HUMANIDADES



ATHENEUS
coleção acadêmica

A voz do caminhoneiro no rádio amador

discurso e resistência

THIAGO ANDRÉ RODRIGUES LEITE


editora ifg

A VOZ DO CAMINHONEIRO NO RÁDIO AMADOR: discurso e resistência oportuniza reflexões relevantes que convidam à discussão todos aqueles que, de uma forma ou de outra, empenham-se na análise da problemática social que se apresenta em torno das chamadas minorias e seus lugares no espaço social, assim como todos aqueles que se interessam pela linguagem e seu funcionamento. Longe de uma perspectiva militante, Thiago Leite nos apresenta uma abordagem teórica importante sobre o funcionamento discursivo do (se) dizer do caminhoneiro, na relação discursiva do grupo PX de rádio amador. Filiado à Análise de Discurso, Leite assume que, apesar de a relação discursiva do grupo PX de rádio amador ser marcada pela própria heterogeneidade do grupo, há um modo particular de o sujeito ali (se) dizer. Um dizer/brincar com o outro, consigo mesmo, com a vida.



**A voz do
caminhoneiro
no rádio amador**

discurso e resistência

THIAGO ANDRÉ RODRIGUES LEITE



A voz do caminhoneiro no rádio amador

discurso e resistência

THIAGO ANDRÉ RODRIGUES LEITE



ISBN 978-85-67022-33-8

© 2022 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

L533v	Leite, Thiago André Rodrigues A voz do caminhoneiro no rádio amador: discurso e resistência / Thiago André Rodrigues Leite. – . 1. ed. – . Goiânia : Editora IFG, 2022. – (Coleção Atheneus). 192 p. ISBN 978-85-67022-33-8 ISBN (e-book) 978-85-67022-34-5 1. Caminhoneiro. 2. Rádio amador. 3. Jogos de linguagem. 4. Ludicidade e resistência. I. Instituto Federal de Goiás (IFG). II. Título. CDD 22ed. – 384.54
Catalogação na publicação: Shilton Caldeira Nunes CRB 1/2505	

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG
Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América
Goiânia/GO | CEP 74270-040

(62) 3612-2251
editora@ifg.edu.br

Sumário

Apresentação	7
Prefácio	9
Introdução	17
1. Grupo PX, rádio amador e caminhoneiros	25
1. Classe social e grupo social: uma relação de imbricamento – grupo PX em foco	25
2. Grupo PX de rádio amador, linguagem própria e modo próprio de dizer	34
3. Identidade de grupo, imaginário e representação imaginária	41
4. Representações imaginárias sobre os caminhoneiros: entre o vangloriar e o repudiar	45
5. Condições de vida dos caminhoneiros: “vida de tapetão” e rádio amador	55
6. (Des)valorização e (não) reconhecimento acerca dos caminhoneiros	59
7. Amor pela máquina: caminhão e caminhoneiro, “caminhãooneiro”	62
2. Análise de Discurso: construções e relações	65
1. O campo da Análise de Discurso: constituição, discurso e sentido	65
2. Interdiscurso, processos discursivos, práticas discursivas e espaços discursivos	71
3. Discursividades, discursivizações e condições de produção	75

4. Discurso na AD3 (estrutura e acontecimento): posições discursiva e enunciativa	81
5. Noção de sujeito da AD3 em relação ao grupo PX: sujeito social da e na ludicidade	86
6. Sentido histórico: real (real da língua e real da história), simbólico e imaginário	92
3. Construindo a análise: recortes e procedimentos	99
1. Constituição do material de análise, materialidade e posição do analista de discurso	99
2. Constituição do <i>corpus</i> a partir de recortes: o procedimento de análise	103
4. Mo(vi)mento de análise: (des)dizer de si na prática pxzeira	111
1. Poder, resistência e o “tubarão” do rádio amador: entre a conversa e a conversação	111
2. Resistência simbólica e o caminhoneiro pxzeiro	118
3. Jogos de linguagem: ludicidade como possível efeito	122
3.1 Jogos de riso e jogos linguísticos	129
3.2. Jogos de voz musicada	147
4. O funcionamento discursivo do grupo PX de rádio amador	164
Considerações finais	177
Referências	183

Apresentação

Na casa dos meus pais, chiados constantemente me acordavam bem no início da manhã. Barulhos de diferentes bipes e vozes adentravam meu quarto. Minha mãe, dona Imaculada, passando aquele cafezinho cheiroso, e meu pai, seu Vicente, mais conhecido como Barra Forte na prática de radioamadorismo, em meio a essa imensidão de manifestações de sons, procurava fazer “grupo” a partir dos dizeres que advinham de seus aparelhos de rádio amador.

Antes disso, por volta do ano de 2000, comprei um aparelho de rádio amador influenciado pelo meu grande amigo Paulo, simplesmente conhecido como Perereca, que, na época, já praticava o radioamadorismo e começava a aprender a profissão de caminhoneiro. Dado esse acontecimento, considero que o estudo aqui apresentado se estende de 2000 a 2015, ou seja, um período de 15 anos, visto que tive contato com dizeres via rádio amador durante todo esse tempo (e ainda tenho), seja praticando (timidamente), seja simplesmente ouvindo e me deleitando.

O aparelho de rádio amador acima mencionado teve como destino as mãos, as vozes, os dizeres e as habilidades associativas do Barra Forte (mecânico aposentado de trem de ferro), porque ele, mais do eu, foi capturado de imediato pela produção de linguagem do grupo PX de rádio amador. Isso faz pensar que o ser humano parece estar sempre (re)inventando maneiras de encurtar distâncias, podendo promover, assim, certas aproximações que desembocam em formações de variados grupos sociais. Prova disso são as mais diversas tecnologias usadas para proporcionarem diferentes estreitamentos, as quais são, de um ponto de vista discursivo, intransponíveis, no sentido de que, além de terem sua função social, provocam a produção de práticas discursivas ímpares.

Embora estejamos vivendo e vivenciando uma forte era digital, em que as “telinhas” de celulares são tocadas diariamente ao redor do mundo, o

aparelho de rádio amador, que surgiu há mais de um século, permanece em constante uso, uma vez que tem utilidade e funcionalidade únicas para certos trabalhadores, por exemplo. Essa tecnologia, que resiste ao tempo das novas tecnologias, é aprazível e confortável para muitos.

Neste livro, apresentamos como o uso do aparelho de rádio amador por caminhoneiros resvala em um dos possíveis sentidos dados para a subjetividade brasileira: ludicidade diante de momentos, de certa forma, (in)tenso. A ludicidade, produto de jogos de linguagem, parece permitir a muitos caminhoneiros a continuação da vida da e na estrada. Desse modo, a prática de rádio amador do grupo PX, um grupo específico do radioamadorismo que tem como membros, em sua maioria, os caminhoneiros, parece proporcionar a eles uma forma subjetiva de (r)existência de si, o que mostra o quão *sui generis* é esse tipo de rádio nas mãos e, sobretudo, nas vozes desses profissionais, uma possível voz de resistência simbólica.

“A voz do caminhoneiro no rádio amador: discurso e resistência” é uma possível voz dos brasileiros membros de grupos marginalizados socialmente. Essa voz, acompanhada, muitas vezes, de risos e jogos linguísticos, indicia brincadeiras com e sobre certas mazelas. Caminhoneiro, rádio amador e voz: tudo isso representando uma “vida de tapetão”, tudo isso representando uma vida (des)apegada...

O autor

Prefácio

Constitui um prazer imenso prefaciá-lo livro *A voz do caminhoneiro no rádio amador: discurso e resistência*, de Thiago André Rodrigues Leite. Ao reler o livro ainda em manuscrito, fui tomada por um mo(vi)mento de sentidos, por lembranças doces e aprazíveis da convivência amigável e frutífera que a relação acadêmica pode proporcionar quando há empatia e respeito em jogo. Assim, imbuída no processo de revisitação do trabalho realizado, essa tarefa oportunizou reflexões relevantes que convidam à discussão, sob nossa ótica, todos aqueles que, de uma forma ou de outra, empenham-se na análise da problemática social que se apresenta em torno das chamadas minorias e seus lugares no espaço social, assim como todos aqueles que se interessam pela linguagem e seu funcionamento.

Longe de uma perspectiva militante, o autor nos apresenta uma abordagem teórica importante sobre o funcionamento discursivo do (se) dizer do caminhoneiro, na relação discursiva do grupo PX de rádio amador. Esse grupo é constituído, sobretudo, por caminhoneiros, mas também por mecânicos, borracheiros, entre outros. Ou seja, é constituído, em grande parte, por sujeitos envolvidos com o trabalho de transporte de cargas por rodovia. Mostra-se, no livro, que os caminhoneiros, embora haja um imaginário de glamour e de liberdade sobre a “vida de tapetão”, sofrem preconceitos de diferentes ordens, sendo, muitas vezes, significados como irresponsáveis, mulhereiros, desclassificados, sujeitos etc. Isso indicia uma situação de vida contraditória, que envolve dificuldades e enfrentamentos cotidianos de naturezas diversas. Nessa conjuntura, pertencer ao grupo PX de rádio amador constitui um gesto de resistência e de existência simbólica para o sujeito na condição de caminhoneiro.

Filiado à Análise de Discurso, Leite assume que, apesar de a relação discursiva do grupo PX de rádio amador ser marcada pela própria

heterogeneidade do grupo, há um modo particular de o sujeito ali (se) dizer. Esse modo particular é, segundo o autor, configurado por uma recorrência de jogos de linguagem, cujo efeito é instaurar certa ludicidade entre os pxzeiros. Um dizer/brincar com o outro, consigo mesmo, com a vida. Nesta abordagem, os jogos de linguagem são concebidos como movimentos nas regras linguísticas que exorbitam certas regularidades linguísticas e discursivas, por meio de voz musicada, risos e/ou elementos linguísticos (res)significados, alterados, deslocados e, sobretudo, (re)formulados e (re)cortados.

O autor analisa esse modo particular de dizer do grupo PX de rádio amador, em especial os dizeres dos caminhoneiros pxzeiros, a fim de explicitar e compreender as regularidades linguísticas e discursivas relativas ao modo lúdico de (se) dizer desses trabalhadores na prática de rádio amador. Para tanto, questiona-se sobre o que a ludicidade, produzida por esse modo particular de (se) dizer pode (re)velar sobre eles e sobre a condição deles na sociedade. Essa compreensão torna-se relevante, uma vez que esses trabalhadores têm uma importância capital no cenário nacional, posto que transportam, anualmente, milhares de mercadorias pelas malhas rodoviárias do país.¹ Ademais, trata-se de um grupo em situação simbólica de minoria,² que não recebe, por isso, uma valoração social condizente a essa importância. Ao contrário, a sociedade brasileira vê seus membros, em certo sentido e em relação de dominância, de maneira pejorativa.

Sobre a questão da relação de dominância, de o sentido ser em relação “a”, Orlandi (1993, 1988) nos ensina que os sentidos são constitutivamente

¹ É recorrentemente dito em pesquisas e reportagens que o transporte rodoviário, no Brasil, é o mais utilizado na distribuição comercial dos recursos e mercadorias pelo país. No site G1, na reportagem “Por que o Brasil depende tanto do transporte rodoviário”, publicada em 24 de maio de 2018, é dito que “a malha rodoviária é utilizada para o escoamento de 75% da produção no país, seguida da marítima (6,2%), aérea (5,8%), ferroviária (5,4%), cabotagem (3%) e hidroviária (0,7%), de acordo com a pesquisa Custos Logísticos no Brasil, da Fundação Dom Cabral”. Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/por-que-o-brasil-depende-tanto-do-transporte-rodoviario.ghtml>.

² Dizemos em “situação simbólica de minoria” para registrar que não se trata de uma questão numérica, quantitativa, mas de uma questão discursiva, de significação.

divididos, políticos e, por isso, funcionam em unidade e dispersão. Daí falarmos em relação de dominância. Os sentidos estão em relação de disputa por significar, já que, para dizer y para significar x , é preciso silenciar outros sentidos, o que significa que todo dizer tem sentidos silenciados em si. Assim, como bem pondera Orlandi (1993, p. 71), “[o] sentido é múltiplo porque o silêncio é constitutivo”. No entanto, a relação de dominância leva o sujeito de uma formação discursiva a resistir aos outros sentidos que a tangenciam, que a constituem como exterioridade.

Assim compreendendo o silêncio dos/nos sentidos, a noção de “político” torna-se fundamental à compreensão da prática de leitura discursiva, como diz Rodrigues (2014). Entendo o político como o fato de que há “um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma re-divisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 16), ou seja, “um conflito sobre a constituição mesma do mundo comum, sobre o que nele se vê e se ouve, sobre os títulos dos que nele falam para ser ouvidos e sobre a visibilidade dos objetos que nele são designados” (RANCIÈRE, 1996, p. 374). Considero, como abordei em minha tese retomando Courtine (1981), que “o político é incontornável, porque o homem fala, porque o sentido do ‘seu’ dizer é sempre dividido, especificando uma direção que não é separada das relações de força que estruturam a sociedade [...]. O político é dividido pela contradição que o constitui.” (AGUSTINI, 2003, p. 36). A partir de Pêcheux (1975), compreende-se que os sentidos existem em constante relação com outros sentidos, os quais, quando são apagados pelo dizer, em referência à noção de político, “dão visibilidade aos sentidos que aí se constroem e à sua diretividade argumentativa, ou seja, à ideologia que aí predomina” (AGUSTINI, 2003, p. 36).

Nas palavras de Orlandi (2001, p. 34), o político é concebido como “relações de força que se simbolizam, ou em outras palavras, o político reside no fato de que os sentidos têm direções determinadas pela forma da organização social que se impõem a um indivíduo ideologicamente interpelado”. Assim, Rodrigues (2014) lembra-nos de que

o processo de interpelação é um processo de identificação, que se materializa a cada gesto de formulação, no modo como este acontece materialmente ao se inscrever na história. A interpelação é um processo de identificação em que um indivíduo é “chamado à existência”, a “figurar” como sujeito de seu próprio dizer, a “dar” sentido às coisas – fornecendo, esclarece Pêcheux (1997b, p. 162), “a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas”. (RODRIGUES, 2014, p. 43).

Nessa perspectiva, podemos dizer que o caminhoneiro é interpelado, a cada gesto de formulação na prática discursiva do grupo PX, a figurar como (um) sujeito dessa prática, dando sentido à sua “realidade”. Nos termos do autor, o modo de (se) dizer do grupo PX, marcado por ludicidade, constitui um índice de resistência ao modo como são vistos, às dificuldades da profissão, ao tédio da mesmice da rodovia, à solidão da cabine do caminhão, de maneira a tornar significativa a continuidade do/no modo de vida do caminhoneiro. Ou seja, uma espécie de resposta à contradição, ao caráter político dos sentidos que os constituem. Para caucionar sua consideração, Leite (2022, p.19), ao citar Rose (2001, p.47), afirma que “a resistência é ‘[...] a oposição a um regime particular para a conduta da própria conduta [...]’, ou seja, para a conduta do próprio modo de vida, resistindo a outros modos de vida”. É preciso olhar para os aspectos da “vida de tapetão” com ludicidade para continuar, para “saborear”, nos momentos oportunos, o que ela pode trazer de bom.

Assim, o autor compreende a resistência simbólica do grupo PX de rádio amador como uma saída lúdica aos reveses da vida que constitui o sujeito dessa prática, na medida em que, de acordo com Orlandi (1999, p. 1), “o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso”. Essa concepção de sujeito permite compreender o porquê de outros pxeiros, mesmo não exercendo a profissão de caminhoneiro, assumirem essa posição discursiva, inscrevendo-se nesse modo de (se) dizer particular ao grupo. É nesse movimento de projeção que os sujeitos se especificam e se diferenciam de outros sujeitos de/em

outras práticas sociais e discursivas, estabelecendo uma identidade do grupo, como uma lei de pertencimento. Nos dizeres de Orlandi (2012, p. 193), “é pela linguagem que o sujeito se constitui e é também pela linguagem que ele elabora sua relação com o grupo”.

Essa compreensão permite ver como a resistência afeta o modo de os pxzeiros (se) dizerem na prática discursiva do grupo e como “a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos (ou outros) lugares” (ORLANDI, 1999, p. 3). No caso do grupo PX, o lugar de tubarão, o bom pxzeiro, aquele que (re)cria sua condição de vida a partir do jogo de linguagem, da ludicidade, do afeto, do otimismo que esse modo de (se) dizer projeta e com o qual os pxzeiros demonstram prazer em conversar. É assim que as temáticas relativas ao cotidiano da “vida de tapetão” se tornam um suporte para a existência do caminhoneiro e do grupo PX.

Nessa perspectiva, um simples cumprimento já é condição de/para brincar e (se) bem dizer entre os pxzeiros, como em:³

CARABINA: [xxx] Bom dia e um braço aí, Barrinha. Satisfação imensa em ouvir esse tubarão novamente.

BARRA FORTE: Tá legaaal, tá bão ô, ô, Carabina. Quero ver não conhecer, né?! Como é que num conhece uma voz de locutor de ouro desse, né?! A voz do Ciiid Moreeera... Tá bão ô, ô, Carabina. Bom dia pro cê, baita dum braço, tá bão, meu jóvio. Seja bem-vindo novamente pu lado de cá. Como é que tá o senhor aí? Como é que tá o enchimento do caxooote? Cê tá onde por aí, meu jóvio? (LEITE, 2022, p. 138).

O alongamento das vogais e a modulação aberta da voz, acrescido à extensão do cumprimento, às frases, aos jogos de palavras e ao repertório genérico, produzem um efeito de alegria, de afeto, como se os pxzeiros, como bons e velhos amigos, se abraçassem simbolicamente. Um estar juntos por meio do

³ No recorte, “tubarão” significa bom operador de rádio amador; “jóvio”, jovem; “caxooote”, carregamento de caminhão ou carreta.

rádio amador, por meio do estabelecimento de um laço social permeado de trivialidades da vida, comuns às conversações diárias de bons amigos, uma convivência solidária, marcada pela ajuda e pelo afeto, mas também pela zoação, pelo gabo, pela descontração, pela brincadeira e pelo riso.

Como é possível observarmos no recorte, esse modo de (se) dizer simboliza a resistência do grupo PX a outros modos de subjetivação, constituindo-se como “a ‘brecha’ para transformações possíveis, porque instaura o diferente, o que não é do discurso” (AGUSTINI, 2004, p. 67) logicamente estabilizado das instituições oficiais do Estado. Isso é possível, pois a língua é constitutivamente atravessada, ao mesmo tempo, pelas relações de significação estabilizadas e pelas transformações do sentido, no mo(vi)mento da formulação do (se) dizer. Por isso, o (se) dizer do sujeito pxzeiro, embora possa assemelhar-se a outros modos de (se) dizer, particulariza-se no espaço discursivo de sua prática.

Ao chegar a essa compreensão do funcionamento da prática discursiva do grupo PX de rádio amador, Leite aventa que esse grupo funciona discursivamente no deboche e na compensação, transformando situações difíceis em brincadeira, em jogo de linguagem, em riso. Esse mo(vi)mento provoca uma disjunção discursiva do (se) dizer que pode ser traduzida por “a vida não está fácil, mas está bom”, indiciando a necessidade de continuá-la, de vivê-la. Operação-tensão que instaura no (se) dizer das formulações dos pxzeiros uma textualidade cujo arranjo material se faz discursividade na e pela contradição, na tomada de posição porque “não está nada fácil, mas está bom”.

Nessa prática discursiva, a ludicidade torna-se séria, como diz Leite. Assim o é, pois é por meio da ludicidade que o pxzeiro, ao (se) dizer sobre o que é sério, pode ser ouvido, pode fazer e manter laço, pode solidarizar-se, pode não estar numa condição nada fácil, mas pode estar bom e, por isso, pode continuar... Essa consideração pode ser estendida a outras minorias. No dizer de Leite, a ludicidade pode ser estendida à dita subjetividade brasileira, uma vez que ela está presente nas nossas práticas discursivas, mesmo que por outros arranjos materiais de manifestação da linguagem.

Concluimos essa venturosa tarefa de (re)visitação, reiterando que os aspectos, por nós, abordados neste prefácio estão longe de alcançar o valor reflexivo que a leitura do livro *A voz do caminhoneiro no rádio amador: discurso e resistência*, de Thiago André Rodrigues Leite, pode proporcionar a todos aqueles que se interessam pela questão da linguagem, em sua relação constitutiva com o sujeito, o social, a história e a significação. Por isso, convidamos o caro leitor a deliciar-se com suas páginas, de escrita fluida, acessível e consistente, e, assim, aferir por si próprio o prazer do texto e de sua reflexão.

Profa. Dra. Cármen Lúcia Hernandes Agustini

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Referências

AGUSTINI, Cármen. *A enunciação do transbordamento das regras: a estilística no discurso da gramática*. Tese. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

AGUSTINI, Carmén. *A estilística no discurso da gramática*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique (le discours communiste adressé aux chrétiens). *Langages*, Paris: Larousse, n. 62, 1981.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

LEITE, Thiago A. R. *A voz do caminhoneiro no rádio amador: discurso e resistência*. Goiânia: Ed. IFG, 2022.

ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1988.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

ORLANDI, Eni. Do sujeito na história e no simbólico. *Escritos*, n. 4, Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1975.

RANCIÈRE, Jacques. O dissenso. In: NOVAES, Adauto (org.). *A crítica da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 367-383.

RODRIGUES, Eduardo A. *Sentido-Sujeito-Espaço: (des)limites da espacialidade em Cinema, aspirinas e urubus*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? *Educação & Realidade*, v. 26, n. 1, 2001, p. 33-57.

Introdução

Nossa sociedade é constituída por diferentes grupos sociais, os quais apresentam (de)semelhanças entre si. Estamos considerando grupo social como um espaço de produção do sentido e de constituição do sujeito. Comparando grupo a corpo, é possível dizermos que os membros precisam uns dos outros, a fim de que funcionem e contribuam para a harmonia do todo. O grupo existe porque possui membros ativos, em funcionamento constante, diferentemente do que pode indicar o termo “participantes”, que parece remeter à ideia de participações efêmeras. Por isso, neste livro, é feita a opção pelo termo “membros”, lembrando que, segundo Orlandi (2012, p. 191), “mesmo do ponto de vista etimológico, quando procuramos a raiz da palavra grupo, chegamos à palavra corpo”.

Sob essa perspectiva, partimos da produção de linguagem do grupo PX de rádio amador, que é constituído por mecânicos de veículos leves e/ou pesados, técnicos em eletrônica, aposentados de diferentes profissões, motoristas de caminhão e/ou carreta, entre outros, o que mostra sua heterogeneidade. Como todo e qualquer grupo social, é heterogêneo em si mesmo. Assim, cativados pelo modo particular de os membros do grupo PX (se) dizerem via o aparelho de rádio amador, percebemos a recorrência de jogos de linguagem¹ da e na prática discursiva² pxzeira com a produção de ludicidade.³

1 Em poucas palavras, entendemos que os jogos de linguagem são possibilidades de movimentos com a e na linguagem, movimentos nas próprias regras da linguagem, exorbitando certas regularidades discursivas.

2 Minimamente, concebemos que toda e qualquer prática discursiva tem a ver com modos de dizer de espaços discursivos.

3 Consideramos a ludicidade como produto de jogos de linguagem, funcionando como efeito local para o grupo PX. Muitos desses jogos, na prática pxzeira, produzem ludicidade entre os membros do grupo, uma vez que, em diversos momentos, há certo encaixe, imaginariamente pensando, entre esses membros por meio de voz musicada, risos e/ou elementos linguísticos

Analizamos, como nosso fio condutor, a ludicidade dos membros do grupo PX, mais especificamente dos caminhoneiros⁴ pxzeiros.⁵ Focamos a regularidade discursiva relacionada ao modo lúdico de esses trabalhadores/profissionais (se) dizerem da e na prática pxzeira, partindo da seguinte pergunta: o que a ludicidade dos caminhoneiros em questão pode (re)velar sobre eles e sobre a condição deles na sociedade?

Os caminhoneiros pxzeiros, que constituem a maior parte do grupo pxzeiro, são os nossos sujeitos de pesquisa. Lidamos com esses sujeitos, em especial, por terem uma grande importância em nossa sociedade brasileira. Sem esses trabalhadores, talvez o Brasil parasse, posto que eles são responsáveis pelo transporte de uma grande diversidade de mercadorias. Ao mesmo tempo que têm essa importância, são vistos, geralmente, de maneira pejorativa. Há, portanto, uma contradição constitutiva, pois os caminhoneiros são uma peça fundamental para o desenvolvimento do país, porém, de modo geral, nossa sociedade os enxerga de forma discriminatória.

A ludicidade implica lidar com essa contradição. O modo lúdico de (se) dizer produzido por tais profissionais mediante a prática pxzeira de rádio amador se configura como um funcionamento social,⁶ constituindo-se como regularidade discursiva, ao romper com certa ordem discursiva e instaurar uma ordem própria. Isso porque, discursivamente,

que apontam para uma espécie de entrada no jogo dos jogos de linguagem.

4 Englobamos no termo “caminhoneiros”, tomando por base a própria cultura popular brasileira, os motoristas de caminhão e/ou carreta.

5 “Pxzeiros” são operadores de rádio amador do grupo PX. Cabe esclarecermos que o aparelho de rádio amador “PX” é constituído, normalmente, por 40 canais, sendo o canal 5 chamado de “Canal do Motorista”. PX é conhecido como o “Rádio do Cidadão”, a “Faixa do Cidadão”, tendo uma frequência própria no radioamadorismo.

6 Falarmos em funcionamento social da e na prática pxzeira é falarmos em modo de funcionamento discursivo dessa prática. Gostaríamos de salientar que é impossível atingir o real modo de funcionamento discursivo das práticas discursivas. Isso porque a linguagem, de acordo com a nossa perspectiva teórica, é opaca, de tal forma que só há certo acesso ao mundo – ordem de uma parcialidade – pelo funcionamento do imaginário. Dito de outro modo, a linguagem não dá acesso direto ao mundo. Há apenas certas representações imaginárias, haja vista que a linguagem não está “colada” às coisas do e no mundo.

a ludicidade vem como algo esperado e, refletindo sobre o que Benveniste (2006, p. 77) discorre acerca do tempo linguístico, vem também como parte de “uma experiência irremediavelmente subjetiva e impossível de ser transmitida”. Esse caráter subjetivo não impede que haja entendimento e identificação entre os pxzeiros de maneira geral, de modo que se forme um grupo social, qual seja, o grupo PX de rádio amador.

Considerando que esse grupo apresenta uma prática discursiva particular, a qual engendra uma forma específica de dizer, marcada por ludicidade, julgamos que essa ludicidade, como parte constituinte de tal dizer, indicia que os caminhoneiros pxzeiros realizam uma (r)existência de si, de maneira a significar a continuidade do e no seu modo de vida.⁷ O jogo com os termos “existência” e “resistência”, ligando-os ao complemento “de si”, remete a um possível modo de vida dos caminhoneiros que, simultaneamente, leva-os a existir como tais na profissão (espécie de suporte para a existência) e a resistir a outros possíveis modos de vida da e na sociedade (resistência associada à oposição), visto que, conforme considera Rose (2001a, p. 47), a resistência é “a oposição a um regime particular para a conduta da própria conduta”, ou seja, para a conduta do próprio modo de vida, resistindo a outros modos de vida.

Julgamos, também, que essa ludicidade, além de constituir-se como um mecanismo do funcionamento discursivo e efeito discursivo, pode pro-

⁷ Compreendemos que o modo de vida dos caminhoneiros tem a ver com o modo como eles lidam com a profissão. Tendo em vista que, aparentemente, boa parte deles permanece de chinelo, bermuda e camiseta, entendemos que isso pode se dar em decorrência de trabalharem por exemplo, dentro de uma cabine de caminhão, a qual é normalmente quente. Assim, seu modo de vida faz parte de suas condições de vida (condições de trabalho), as quais afetam esse modo de vida de maneira constitutiva. Tais condições são simbolizadas de diferentes maneiras, produzindo diferentes modos de vida. Entretanto, há um modo de vida que predomina, que está em relação de dominância sobre os outros por ser recorrente: vestimentas carnavalescas, maneiras lúdicas de enfeitar o caminhão ou a carreta etc. Há um jeito de ser caminhoneiro que acaba produzindo uma lógica de funcionamento, a qual pode ser (entre)vista pela ludicidade produzida pelos caminhoneiros dentro e fora do grupo PX.

duzir efeitos de resistência simbólica.⁸ Segundo Lagazzi-Rodrigues (1998, p. 77), “o sujeito resiste. O sujeito resiste a alguma coisa. O jogo da transitividade mostra que o sujeito resiste e/porque resiste contra algo”. Nesse sentido, seriam efeitos de resistência simbólica à lamentação relacionada a certas condições de vida e de trabalho?⁹ De forma geral, os caminhoneiros demonstram, discursivamente, gostar do modo de vida que é próprio de sua profissão, dando uma saída lúdica para aquilo que poderia se apresentar como aspectos imobilizadores para a continuidade do e no trabalho.

A resistência simbólica que particulariza a prática pxzeira parece se distinguir na ludicidade. Essa saída lúdica aponta para a subjetividade do grupo PX,¹⁰ a qual, devido às recorrências nos dizeres dos caminhoneiros pxzeiros (e de outros pxzeiros), especifica-o e diferencia-o de outros grupos. Há diferentes maneiras de nos subjetivar, lembrando que não nos subjetivamos e não nos constituímos em toda e qualquer prática dis-

8 A resistência simbólica sobre a qual discorreremos não é uma resistência de militância para a realização de mudanças sociais, mas uma resistência, em certo sentido, sutil na e pela linguagem para suporte da própria vida.

9 Queremos esclarecer que as condições de vida e de trabalho dos caminhoneiros estão intimamente relacionadas àquilo que se apresenta na ordem da profissão de caminhoneiro: estradas, postos de gasolina, restaurantes, carros de passeio, policiais, balanças, horários exorbitantes, excessos de cargas etc. As condições de vida e de trabalho (da profissão de caminhoneiro) permeiam as condições de produção desses profissionais. Em última instância, estas condições (de produção) já são aquelas condições (de vida e de trabalho) simbolizadas.

10 Tratamos de subjetividade do grupo PX, uma vez que concebemos o sujeito como uma posição social, equivalente a uma posição discursiva; não é, portanto, um sujeito individual, mas sim um sujeito social, que não se restringe a um sujeito de linguagem. Segundo Orlandi (1999, p. 1), “o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso”, ou seja, quando entra na ordem do discurso, na ordem do simbólico e da história. Por isso, quem é subjetivado pelo grupo PX permite constituir-se – inconscientemente – pela linguagem própria e pelo modo específico de (se) dizer desse grupo. No entanto, entendemos que, na subjetividade, há um investimento subjetivo daquele que (se) diz, algo que é individual. Embora nosso foco recaia sobre a subjetividade do grupo PX, em especial sobre a questão da ludicidade decorrente de dizeres de caminhoneiros pxzeiros, isso se dá a partir de um investimento subjetivo, isto é, de uma posição enunciativa implicada em uma posição discursiva.

cursiva. A subjetividade *pxzeira* representa, pois, um modo específico de resistência simbólica, que leva os caminhoneiros *pxzeiros* a enfrentar e continuar a vida das e nas estradas (condições de vida). Além disso, tal subjetividade funciona como uma resposta desses *pxzeiros* a certos sentidos que circulam em nossa sociedade acerca deles.

As expressões conceituais “resistência de si” e “resistência simbólica” mantêm relação entre si, no sentido de que ambas se configuram como resultado da associação simbólica que os caminhoneiros estabelecem com certas redes de memória. No entanto, há uma diferença entre elas: a resistência simbólica (pensando em termos de prática discursiva) é a manutenção da continuidade de uma linguagem própria¹¹ e de um modo próprio de dizer via prática *pxzeira*, estando vinculada àquilo que os caminhoneiros *pxzeiros* dizem nessa prática, ao passo que a resistência de si (pensando em termos de modo de vida), que derivou a resistência simbólica, é a manutenção de uma continuidade no modo de ser do e no trabalho, um modo próprio de viver, marcando-se na maneira como esses profissionais se relacionam com a profissão no dia a dia. A resistência de si, que tem relação com o elemento simbólico produzido na prática *pxzeira*, afeta diretamente o modo como os caminhoneiros veem essa prática. Segundo Orlandi (1999, p. 3), “a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos (ou outros) lugares”. A materialização de novos lugares é associável à ideia de que o modo de ser dos caminhoneiros constitui o modo como se dizem

11 Falamos em “linguagem própria” para mostrarmos o que é linguisticamente regular na prática do grupo *PX*. Não falamos em “língua própria”, posto que não se trata de outro sistema linguístico. Quando a língua (sistema linguístico) é mobilizada via enunciação, aspectos da linguagem são mobilizados também: entonação, questões sociais etc. De acordo com Benveniste (2005, p. 20), “a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais [a linguagem] se realiza”. Assim, o que estamos chamando de linguagem própria do grupo *PX* é uma das possibilidades de certa realização da linguagem na língua. A linguagem do grupo *PX* é própria, particular, desse grupo, o que não quer dizer que seja apenas e sempre empregada ali. Essa linguagem é uma materialidade do sentido.

na prática pxzeira, ou seja, a resistência de si tem relação com a resistência simbólica, a qual se materializa na ludicidade.

Percebemos que ocorre a formação de um grupo por meio da produção dessa ludicidade, pois esta não envolve somente um pxzeiro, envolve, de certa forma, todos os pxzeiros. Essa questão da formação de grupo faz-nos pensar, juntamente a Orlandi (2012, p. 193), que “é pela linguagem que o sujeito se constitui e é também pela linguagem que ele elabora sua relação com o grupo”, identificando-se a certos grupos em detrimento de outros. No caso do grupo PX, sua formação acontece justamente no instante em que se realizam os jogos de linguagem, de modo a produzir ludicidade, que, por isso, é o princípio a partir do qual analisamos possíveis efeitos de sentido entre os pxzeiros, sobretudo entre os caminhoneiros pxzeiros, tendo em vista as discursivizações via rádio amador.

Para tanto, tomamos essas discursivizações como constituintes dos discursos que tecem as enunciações do grupo PX. De acordo com Mazière (2007), o termo “discurso” é diferente do termo “enunciado”, uma vez que este está para a ordem do dado, ao passo que aquele está para a ordem de uma investigação, permitindo o estabelecimento de um *corpus*. Os pxzeiros em questão, bem como outros pxzeiros, podem ser identificados por meio da linguagem própria que a prática discursiva do grupo PX configura.

A linguagem própria desse grupo contém termos e expressões empregados com significados específicos na prática pxzeira. Essa constatação nos conduz a pensar, a partir de Orlandi (2012, p. 194), que, à medida que os meios tecnológicos de informação sofisticam-se, “os sujeitos sofisticam os modos de não serem atingidos por estes meios e constroem seus nichos cada vez mais protegidos e indevassáveis”. A linguagem própria constitui-se, assim, como uma prova da existência do nicho do grupo PX, funcionando como parte da identidade dos pxzeiros. Essa identidade pode ser traduzida e vislumbrada pela dificuldade que aqueles que não são pertencentes a esse grupo encontram para compreender a linguagem em questão, a qual é praticada e vivenciada, em certo sentido, somente no espaço discursivo da prática pxzeira. A configuração desse espaço possibilita que os pxzeiros falem de

um modo que não fariam em outros espaços discursivos. Isso porque o aparelho de rádio amador não funciona como um mero suporte de linguagem, mas sim como uma materialidade, um lugar de produção de linguagem. Na prática do grupo PX, ocorrem jogos com a e na linguagem própria (ou não), os quais produzem um modo específico de dizer, graças à construção de uma dada ludicidade (produção específica de sentidos), que, entre outros aspectos, caracteriza-se pelo uso da voz musicada.¹²

Colocamos em foco a relação entre trabalhador em estrada e o aparelho de rádio amador, a fim de compreendermos e explicitarmos como os caminhoneiros pxzeiros lidam com questões sociais (condições de vida e representações imaginárias)¹³ nas relações discursivas que mantêm entre si e com outros pxzeiros via rádio amador. Nessas relações discursivas, chama-nos a atenção o fato de que, quando dizem de suas condições de vida, fazem-no de um modo, em certo sentido, lúdico, já que, para dizer, valem-se de jogos de linguagem. Interessamo-nos, especificamente, pelos possíveis efeitos de sentido que essa ludicidade pode produzir na prática discursiva pxzeira. São efeitos possíveis porque, como está para a ordem da construção, o sentido pode apontar para efeitos não apreendidos por nós, visto que, conforme analisa Pêcheux (2008), há uma infinidade de interpretações, logo há uma infinidade de efeitos de sentido.

Tendo em vista que um dos efeitos que a ludicidade pode produzir é o efeito de resistência simbólica, cabe ressaltarmos que todo e qualquer tipo de resistência ocorre em oposição a algum exercício do poder. Segundo Foucault (1979, p. 8), referindo-se ao poder, “deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”. O poder leva à resistência, a qual, em práticas discursivas, realiza-se me-

¹² A voz musicada à qual nos referimos é uma voz modulada de maneira alongada, no sentido de imprimir ritmo e melodia ao dizer.

¹³ Em termos de grupo, as representações imaginárias são as imagens que os membros constroem acerca de si e as imagens que o outro constrói acerca do grupo.

diante modos de subjetivação, que é entendida, na perspectiva foucaultiana, como uma forma especial de funcionamento na linguagem. A resistência dirige-se a outros modos de subjetivação, que, nas práticas discursivas, configuram-se no imbricamento entre sujeito, simbólico (linguagem) e história (sentidos já produzidos e a serem produzidos). De acordo com Orlandi (1999, p. 1), “se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. [...] Sem isto, não tem como subjetivar-se”. Não há sentido sem linguagem, nem sentido sem sujeito. A constituição do sentido está atrelada à constituição do sujeito. Por isso, aquele que (se) diz na prática pxeira já (se) diz com o vocabulário e com o modo de dizer que são próprios dessa prática discursiva, o que está intimamente relacionado ao modo lúdico (discursivo e social) de ali (se) dizer.

Nosso estudo se filia ao quadro teórico da Análise de Discurso¹⁴, posto que, em conformidade com esse quadro, lidamos com a produção social do sentido e com a noção de sujeito discursivo, que é o sujeito da recorrência dos e nos dizeres. Desse campo teórico, interessam-nos certas concepções relacionadas a regularidades discursivas (sentidos que se constituem socialmente e que se estabilizam por meio da circulação social), já que é a partir dessas regularidades que podemos falar em funcionamentos discursivos e em seus possíveis efeitos de sentido, como a ludicidade emergindo no grupo PX de rádio amador podendo produzir efeito de resistência simbólica.

14 A expressão "Análise de Discurso" permite-nos dizer que há imbricamento de discursos em um dado dizer, o que aponta para o fato de que não há o discurso puro. Portanto, a relação constitutiva entre discursos esfazela a expressão "Análise do Discurso", já que esta expressão parece abrir margem para o entendimento de que haveria um discurso isolado ou de que haveria homogeneidade em um discurso.

Grupo PX, rádio amador e caminhoneiros

1. Classe social e grupo social: uma relação de imbricamento – grupo PX em foco

Pêcheux (1997, p. 298, grifo do autor) afirma ser “justo caracterizar a luta ideológica de classes como um processo de *reprodução-transformação* das relações de produção existentes, de maneira a inscrever nessa noção a própria marca de *contradição* de classes que a constitui”. O par “reprodução-transformação” indica que toda e qualquer classe social não é estanque. É constante sua modificação porque a classe constitui-se em um processo histórico que se faz socialmente. “Assim, se quisermos falar de classe, devemos acrescentar que ela só agrupa de maneira incessantemente movente, estando sem cessar afetada pelos ditos que se proferem” (MILNER, 2006, p. 83). Esse caráter de incessante movimento faz com que a *contradição* se torne constitutiva da classe, visto que a transformação é, em certo sentido, ruptura com a reprodução.

Essa *contradição* interna mostra que classe social não é algo totalizante, na medida em que apresenta diferenças (sutis ou não) ao longo do tempo. Por isso, as classes são heterogêneas em si mesmas e, como afirma Milner (2006), mostram-se paradoxais, já que não são fixas, estagnadas, intactas, o que possibilita a coexistência de diferentes representações imaginárias acerca delas. A heterogeneidade – decorrente do fato de que todos produzem dizeres e sentidos na linguagem – indica que não cabe restringir essas representações.

Falta algo à tentativa de encapsular (enquadrar) uma representação ligada somente a uma dada classe, haja vista que a vida social em funcionamento implica um embate de forças a todo momento. É por esse motivo que a classe social está para a ordem da dispersão.

Como grupo social é uma decorrência de classe social, partimos da definição de classe dada por Thompson (1997) na tentativa de construir uma conceituação de grupo, em remissão ao grupo PX de rádio amador. Esse autor diz:

por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja coerência pode ser demonstrada) nas relações humanas. (THOMPSON, 1997, p. 9, grifo do autor).

Uma dada classe não surge (e, também, não subsiste) isoladamente, mas, sim, a partir da relação com outras classes, das quais advém como efeito, mantendo uma vinculação efetiva com elas. Configura-se, assim, no fazer-se dos sujeitos como sujeitos sociais, no processo de relação entre o ser social e a consciência social, como um (re)definir-se, (re)fazer-se constante. Não envolve apenas um conjunto de representações em detrimento de outro, posto que, segundo Thompson (1997, p. 12), “[um]a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição”. A definição em questão mostra que classe é um processo de transformação contínuo, estando em ininterrupto movimento, o que é associável ao que diz Milner (2006, p. 81): “só existem classes de I [imaginário]”.¹ Grupo, que está imbricado em classe, não apresenta configuração diferente.

¹ A perspectiva discursiva, na qual se fundamenta nossa compreensão, afirma que o imaginário é construído socialmente, estando para a ordem da posição discursiva, isto é, o imaginário é o que sustenta a posição discursiva (ordem da regularidade). A (certa) unidade mostra o funcionamento do imaginário.

Assim como a classe, todo e qualquer grupo social está relacionado a diferentes grupos sociais, com os quais se entrecruza. Para que um grupo possa existir como tal, ele atravessa outros grupos, pelos quais é atravessado. De maneira geral, podemos dizer que não há grupo isolado na sociedade, o que está sugerido por sua qualificação como “social”. Falar em grupo social é falar em não fechamento. Esse sentido remete à noção de classe, que, por se encontrar em contínua construção, não se constitui como essência, isto é, não tem uma identidade em si, não se configura como “uma categoria estática” (THOMPSON, 2001, p. 260). O mesmo pode ser dito a respeito de grupo.

Sobre essa configuração, diríamos que todo indivíduo integra, ao mesmo tempo, diferentes grupos e também diferentes classes. Por exemplo, um caminhoneiro, ao manter enunciações com um mecânico de veículos pesados, via rádio amador, pode estar formando um grupo específico (grupo PX), contudo ambos não estão impedidos de fazerem parte de outros grupos (respectivamente, grupo dos caminhoneiros autônomos e grupo dos mecânicos de caminhão) e de diferentes classes (classe dos trabalhadores autônomos).

Uma sutil diferença entre grupo e classe parece incidir no modo como se realiza a relação entre seus membros. Os integrantes de um determinado grupo se relacionam de maneira bem próxima, mantendo um estreitamento linguístico² em razão de terem interesses pessoais comuns, o que não acontece numa classe. Como esta é mais abrangente em número de integrantes, a relação entre seus membros pode se dispersar, sem que se estreite o contato linguístico. Os efeitos desse distanciamento revelam-se na prática do grupo dos caminhoneiros pxzeiros, que, em momentos de estrada, parecem (re)clamar (d)a necessidade de estarem com os colegas, com os parceiros, com quem têm um vínculo específico, o que é necessário

² Associamos o “estreitamento linguístico” ao emprego de termos e expressões com significados em comum para sujeitos que mantêm certa proximidade entre si, de modo que outros, possivelmente, não compreendam o que está sendo dito.

para continuarem suas viagens com (certo) entusiasmo e/ou para se manterem acordados, fugindo de um possível estar só.

Para comparação, podemos pensar em outras profissões. Um médico, em razão dos interesses associados à sua profissão, pode formar grupo com seus pares, porém não com um contador, o que se modifica se médico e contador estiverem ambos na condição de pais de alunos. Nesse sentido, pais que frequentam reuniões na escola e conversam com outros pais sobre assuntos relacionados à vida escolar de seus filhos integrariam o grupo de pais de alunos. Contudo, um pai que só leva e busca o filho na escola, não estabelecendo contato linguístico estreito com os outros pais, não faz parte desse grupo, mas apenas da classe de pais de alunos. Esse exemplo nos mostra que um grupo pode ser algo efêmero, visto que pode se formar num dado instante e se desfazer logo em seguida. Entendemos que, durante a formação de um grupo, estabelece-se um modo específico de dizer, o qual provém do predomínio do imaginário nessa formação. Por isso, “não há todos, relações, similitudes, representações, propriedades, classes [e, também, grupos] senão imaginários” (MILNER, 2006, p. 9). No caso do grupo de pais de alunos, haveria um modo específico de dizer sobre filhos, professores, diretores etc., do que decorre a produção de uma prática discursiva específica.

Partimos, assim, do princípio de que cada grupo produz uma prática discursiva diferenciada, que permite reconhecer o pertencimento de alguém a esse dado grupo. Um grupo é definido, então, pela forma peculiar que seus membros têm para dizer sobre uma questão em comum, o que nos remete à afirmação de que “toda experiência histórica é obviamente, em certo sentido, única” (THOMPSON, 2001, p. 79). Logo, como grupo, os caminhoneiros pxeiros têm um modo específico de dizer sobre suas condições de vida via rádio amador. Pela construção de uma linguagem própria e pelos jogos com ela e nela (ou não), eles produzem uma prática discursiva diferenciada, pela qual são identificados e (re)conhecidos como pertencentes a essa ordem discursiva. Outros grupos também são diferenciados por esses mesmos aspectos. No entanto,

a linguagem própria e os jogos de linguagem são outros; portanto, é outra a prática discursiva.

Nesse ponto, julgamos pertinente dizer que a prática pxzeira é diferente³ da prática do grupo dos taxistas que possuem o aparelho de rádio amador em seus veículos. Na prática desse grupo, pelo que observamos, não estão presentes a linguagem específica e os jogos de linguagem. Parece-nos que ali importam mais a comunicabilidade e a rapidez na transmissão das informações (endereços de passageiros, horários, lugares de embarque e desembarque, entre outras questões). Comparecem apenas alguns aspectos do código Q internacional,⁴ como o termo QRA (nome e não codinome como no grupo PX).

A prática discursiva diferenciada do grupo PX – assim como a de outros grupos sociais – tem se instaurado pelo contato linguístico estreito que seus membros estabelecem entre si, produzindo uma regularidade discursiva em relação a eles mesmos nos momentos de enunciação via rádio amador. A prática discursiva criada pelos caminhoneiros pxzeiros é diferente de outras práticas discursivas que os caminhoneiros estabelecem em outros espaços discursivos, visto que, no grupo PX, eles se constituem como sujeitos discursivos da prática desse grupo.

3 Ao afirmarmos que há uma diferença no modo de dizer da e na prática do grupo PX de rádio amador em relação a outras práticas (rádio amadoristas ou não), não queremos, em momento algum, valorar a prática desse grupo em detrimento das práticas de outros grupos, mas, sim, explicitar que há ali certos aspectos linguísticos, discursivos e enunciativos que denotam uma especificidade.

4 O código Q foi convencionado internacionalmente para enunciações via rádio amador. É empregado pelo grupo PX e por outros grupos rádio amadoristas. Destacamos um recorte do material de pesquisa contendo dois exemplos desse código empregados pelo caminhoneiro pxzeiro Museu: “Ah... Positiva, veio, aqui o QRA é Museu, veio [xxx]. Fiz uma entreguinha no Paracatu e quatorze no Brasília onti e hoje, né, veio?! Sossegado indo pu QTH, né?! Vô que vô. Daqui a Uberaba vai dá quantos quilômetro ainda?” (grifos nossos). QRA significa codinome, embora em outras práticas rádio amadoristas signifique nome, e QTH significa residência. Notamos, nesse recorte, um modo lúdico pelo qual os caminhoneiros pxzeiros lidam com suas condições de vida: condições aparentemente árduas (por exemplo, grande quantidade de entrega de mercadorias em um curto espaço de tempo), já que parece haver aquilo que compensa (“entreguinha”, no entanto “sossegado”, tendo em vista o QTH).

Há momentos em que os caminhoneiros pxzeiros utilizam o rádio amador para solicitarem informações sem empregar uma linguagem específica e uma maneira lúdica de dizer. Entretanto, o que estamos chamando de grupo PX está associado, justamente, ao uso lúdico dessa e nessa linguagem pelos caminhoneiros no cotidiano de trabalho na estrada e no dizer sobre si mesmos. Quando esse uso específico ocorre, consideramos haver a formação do grupo PX e, por isso, a sua (re)atualização acontece em uma instância que instaura a (re)edição das condições de produção do dizer. Assim, quando há o uso do rádio amador por caminhoneiros pxzeiros, nem sempre há a formação desse grupo, visto que não é possível fazer parte de um mesmo grupo por todo o tempo. Afinal, as classes – pensamos que os grupos também – “são fundadas nas propriedades, que as propriedades são apenas uma maneira de construir semelhante, que existem todos e que eles têm um limite, cada todo suspendendo-se no ponto onde surge um dessemelhante” (MILNER, 2006, p. 7). Com base nessa afirmação, pensamos que não há garantia de que o uso do aparelho de rádio amador por caminhoneiros pxzeiros vai levá-los à inscrição no grupo PX de forma permanente, já que o dessemelhante permeia o semelhante. Por isso, a inserção em todo e qualquer grupo é algo descontínuo.

Compreendemos que é premissa para a formação de um grupo a existência de uma ligação entre seus membros que os leve à produção de dizeres semelhantes sobre uma determinada questão. Alguns modos de dizer estão relacionados ao (re)conhecimento de um grupo em detrimento de outros grupos. Assim, quando instauram uma prática discursiva própria em enunciações via rádio amador, os produtores dessas enunciações constituem um grupo, mesmo não tendo consciência da construção dessa prática discursiva diferente. Isso porque a constituição desse grupo não decorre de uma reunião que é convencionada para produzir dizeres ligados a um estreitamento linguístico.

A questão do estreitamento linguístico remete à ideia de que o grupo é mais restrito do que classe em termos de quantidade de membros. Grupo, em relação a classe, é menos abrangente, de maneira que diferentes

grupos sociais permeiam toda e qualquer classe social. Portanto, falar em classe dos trabalhadores é abrir para a possibilidade de falar em grupo dos usineiros, grupo das lavadeiras, grupo dos caminhoneiros etc. Pensando nessa perspectiva de abrangência relacionada à classe, Thompson (2001, p. 169, grifos do autor) nos esclarece que

classe é uma formação social e cultural [...] que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos de relação com outras classes; [...] a definição só pode ser feita através do *tempo*, isto é, ação e reação, mudança e conflito. Quando falamos de *uma* classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando as mesmas categorias de interesses, experiências sociais, tradição e sistema de valores, que tem *disposição* para se *comportar* como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é uma coisa, é um acontecimento.

Se, para se constituir uma classe, é preciso que haja o compartilhamento das características descritas nesse trecho, entendemos que, para se formar um grupo, é preciso que seus membros compartilhem, pelo menos, uma dessas características, tendo em vista a sua menor abrangência. Um grupo pode se formar em torno de um fator em comum, que pode variar, o que mostra que não há uma regularidade nos aspectos que seriam definidores do que seja um grupo, pois aquilo que o liga pode não ligar outro(s) grupo(s). Embora haja traços que diferenciam os grupos, há sempre traços semelhantes entre eles, o que aponta para a dimensão relacional dos grupos sociais – obviamente, das classes sociais também.

Em relação a aspectos que identificam um determinado grupo, destacamos que, no grupo PX, os QRAs (codinomes: Barra Forte, Pereca, Touro Sentado, Cavalão, Raposão etc.) são um dos elementos que marcam uma forma de união entre os membros e de afirmação de si no grupo. Os QRAs, que representam uma tradição no grupo PX, mostram, de certa forma, o funcionamento do imaginário – funcionamento esse que permite uma espécie de sentir o que o parceiro de grupo sente.

Não é por acaso que os QRAs produzem efeitos de sentido semelhantes. Por exemplo, os QRAs Barra Forte, Touro Sentado e Cavalão representam força, ao passo que os QRAs Perereca e Raposão representam esperteza. Outro traço que identifica o grupo PX, pensando especificamente nos caminhoneiros, é a vida de estrada, a qual se configura como uma experiência social que une grande parte dos membros desse grupo: caminhoneiros e não caminhoneiros.

Orlandi (2012, p. 190) afirma que “a metáfora do grupo-corpo acalma a angústia da cisão do sujeito. O que é uma denegação também da diferença entre o sujeito singular e o grupo. Daí a contradição latente”. Contudo, essa contradição, constitutiva de todo e qualquer grupo, não implica que seus membros não estejam unidos por um imaginário que os liga, na medida em que a relação específica é necessária para que um grupo de pessoas configure-se como grupo e não apenas como uma série de pessoas. Essa relação específica indica identificação entre os membros do grupo, o que é associável à noção de crença apresentada por Orlandi (2012, p. 189, grifos nossos):

A crença permite a vida política, a vida social, a vida psíquica. A crença na existência de *um corpo social sólido*, sem feridas, porque facilita o estabelecimento de um narcisismo grupal, responde à necessidade de um narcisismo individual. E, assim, se realiza o *esprit de corps* que mantém unidos os membros da sociedade.

Pensando nos caminhoneiros, remetemo-nos à ideia de que eles, na prática do grupo PX, identificam-se por terem experiências sociais semelhantes, por acreditarem na existência de “um corpo social [grupal] sólido”, uma vez que vivenciam questões comuns no universo das estradas. Além disso, identificam-se com certas imagens, representações imaginárias que circulam socialmente sobre e entre eles. Um exemplo de imagem que produz essa identificação é a de que grande parte dos caminhoneiros, tanto os empregados como os patrões de si mesmos, tem uma excessiva carga horária de trabalho. Como há um prazo a ser cumprido, muitos deles

usam entorpecentes, sobretudo as anfetaminas conhecidas como “rebitos”,⁵ para se manterem acordados por mais tempo nas viagens. Muitos caminhoneiros se identificam com essa imagem e, de fato, tomam rebites, enquanto outros muitos não são afetados por ela e, portanto, não usam esse entorpecente. Todavia, consumi-lo faz parte, em certo sentido, do modo de vida, da cultura,⁶ de muitos caminhoneiros, o que decorre, segundo nossa compreensão, de um fator social implicado, qual seja, a exigência do mercado de trabalho.

Williams (1979, p. 121) diz que “as comunidades específicas e os locais específicos de trabalho, exercendo poderosas e imediatas pressões

5 Vilaça (1987, p. 61, grifo do autor) afirma que os caminhoneiros foram “os primeiros profissionais brasileiros a usar estimulantes, tanto que o modismo de hoje já há muito fora denunciado naquele meio onde se conheceram os viciados pela alcunha de REBITES”. Essa afirmação mostra que o consumo de rebites acompanha a vida dos caminhoneiros há muito tempo e continua, intensamente, nos dias atuais. Por isso, consideramos relevante destacar a matéria “Cocaína é comprada com cartão de crédito na beira das estradas”, exibida pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo, no dia 27/03/2011. Nessa matéria, foi dito que “desde 2008 – em parceria com a Polícia Rodoviária Federal – a faculdade de Medicina da USP faz pesquisas sobre uso de drogas por motoristas de caminhão. Nessa pesquisa, feita com caminhoneiros na estrada, a droga mais consumida ainda é a anfetamina – chamada de rebite ou arrebite” (grifos nossos).

6 Acerca de uma noção de cultura relacionada a modos de vida, Williams (1979, p. 23, grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso) afirma que “a ideia de um **processo social fundamental** que modela ‘modos de vida’ específicos e distintos é a origem efetiva do sentido social *comparativo* de ‘cultura’ e de seu plural, já agora necessário, de ‘culturas’”. Esse autor relaciona o conceito de cultura a um “processo social fundamental” que afeta, modela e engendra a criação de diferentes modos de vida, de que resulta a coexistência de diferentes culturas na sociedade. Esse conceito pode ser associado ao que diz Benveniste (2005, p. 31-32, grifos do autor), para quem a cultura é o “*meio humano*, [...] dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. [...] é inerente à sociedade dos homens [...]. Consiste numa multidão de noções e de prescrições, e também em *interdições* específicas. [...] é um fenômeno inteiramente simbólico”. Não vemos o mundo sem a linguagem (o simbólico), a qual é constituída pela cultura, que é tudo aquilo que o ser humano produziu, produz e produzirá. A cultura, que é transmitida mediante a linguagem – o que não quer dizer que seja possível saber o que está sendo transmitido de uma geração para a outra –, molda o comportamento humano, o que nos leva a pensar que, de alguma forma, a cultura brasileira produziu o caminhoneiro pxzeiro.

sobre as condições de vida e de ganhar a vida, ensinam, confirmam e, na maioria dos casos, finalmente impõem significados, valores e atividades”. Os locais de trabalho promovem, assim, uma ordem própria a ser seguida. Tendo a estrada como seu principal local de trabalho, os caminhoneiros dispõem de certas condições de vida e de trabalho, e não de outras. Muitas vezes, nos fins de semana, em vez de estarem em casa com a família, muitos deles estão pelas estradas do Brasil e mesmo de outros países. Parece-nos que isso faz com que estejam desprendidos, de certa forma, das demandas e das complicações de gerenciar uma família, ficando essa tarefa imputada às esposas,⁷ as quais têm de ser mães e pais ao mesmo tempo.

Há momentos em que os caminhoneiros, enquanto esperam os (des)carregamentos de mercadorias, festejam: consomem bebidas alcoólicas, tocam violão, jogam baralho, falam em rádio amador, assistem a filmes, navegam pela internet, fazem comida na cozinha do caminhão, passeiam pelo lugar onde se encontram etc. A diversão é um ponto que os une e faz parte da rotina deles, embora tenham de lidar com a duração da viagem para os (des)carregamentos. Pensando nessa relação entre diversão e tempo, compreendemos que a prática *pxzeira* funciona como uma espécie de entretenimento para muitos desses trabalhadores.

2. Grupo PX de rádio amador, linguagem própria e modo próprio de dizer

Dizemos que o grupo PX de rádio amador tem uma linguagem própria porque, no espaço discursivo da prática desse grupo, há termos e

⁷ Em relação às esposas dos caminhoneiros, Cherobim (1984, p. 122, grifo nosso) afirma que, “enquanto as que viajam se defrontam com os preconceitos, sentindo-se confundidas com as *‘gatas’ de estrada*, as que ficam em casa têm outros tipos de preocupações: a falta de segurança das estradas e as eventuais aventuras amorosas de seus maridos”. Compreendemos que, quando viajam com seus maridos, as esposas dos caminhoneiros parecem ser consideradas como esposas se estiverem acompanhadas de algum filho. Caso contrário, parecem ser vistas, muitas vezes, como “*gatas de estrada*”, ou seja, como prostitutas.

expressões com significados que não são compartilhados com e por outros grupos. Essa linguagem é preservada pelo grupo PX, conforme faixa própria no rádio amador, Faixa Cidadão, à medida que seus membros a praticam. Para Noel (2006, p. 69),

ao vocabulário peculiar dos adeptos da Faixa Cidadão, os caminhoneiros PX agregam novas expressões, para dar conta das informações e atividades típicas da profissão. [...] Dita um dia por um motorista inspirado, a expressão nova é repetida no trecho, passa no teste da significação, corre solta pelas rodovias e – pronto! – cai de vez na boca dos caminhoneiros.

Para se protegerem e valorizarem a si próprios, os pxzeiros (caminhoneiros ou não) produziram uma linguagem própria do ponto de vista do valor social e convencional e não do ponto de vista de um outro sistema linguístico.⁸ Como “todo meio de expressão aceito numa sociedade [ou num grupo social] repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção” (SAUSSURE, 2006, p. 82), a produção da linguagem pxzeira em questão não se deu – e não se dá – a partir de um acordo, contrato ou tratado entre os pxzeiros, na medida em que ocorreu – e ocorre – a partir de jogos linguísticos, ou seja, a partir de um modo de dizer específico e contingencial, de tal forma que muitos desses jogos acabaram configurando parte dessa especificidade, como se pode observar neste dizer, em que destacamos alguns termos ditos pelo pxzeiro Barra Forte: “Aí, eu aperto a *munhequera* do Canarim, né?! Nois fala de *bigodiamento* e fica chique aí. Aí cê toma aqui uma da *confusão*, fica do tipo canarim memo,

⁸ O sistema linguístico (língua) é, para Saussure (2006), uma herança da época precedente e fruto de uma convenção social. Há regularidade nessa herança se pensamos em valores sociais e convencionais compartilhados pelos falantes. É por isso que está estabilizado utilizar o termo “casa” associado a “lugar para habitação”, por exemplo. Essa associação remete a valores sociais e convencionais. A fim de que esses valores se estabilizem, é necessário que eles passem, primeiramente, por atos individuais de fala, por meio dos quais os signos linguísticos se estabelecem. É nesse sentido que a recorrência de termos e expressões com significados próprios na prática pxzeira promove a estabilização da linguagem própria a essa prática.

positivo?!” (grifos nossos).⁹ “Munhequera” (mão) e “bigodiamento” (cara a cara, face a face) exemplificam a produção de um novo termo a partir de elementos linguísticos existentes, ao passo que “confusão” (ou a expressão “suco da confusão”, que significa pinga) representa a atribuição de um significado novo para uma palavra de uso comum. Todos esses termos se associam a valores sociais e convencionais relacionados à produção do e no espaço discursivo da prática do grupo PX. Isso mostra que, “no conflito dialético com a práxis, a linguagem criativa e poética vai desmontando os corredores isotópicos e os estereótipos, denunciando assim a fabricação da realidade.” (BLIKSTEIN, 2003, p. 86). Nesse ponto, ela se transforma em uma práxis libertadora, no sentido de poder funcionar como uma espécie de suporte para a existência de si. Esse suporte é permeado por mecanismos de produção de ludicidade: alongamento de vogais, por exemplo.

A linguagem pxzeira, como toda linguagem própria, referencia-se numa língua existente, no caso a língua portuguesa. A língua comporta, portanto, diferenças, modos diferentes de dizer, os quais podem ser acirrados nas mídias “livres”.¹⁰ Segundo Meili (2010, p. 42, grifos nossos), enquanto as grandes mídias, como a televisão, direcionam “debates genéricos da sociedade”, impondo-se sobre o público, “qualquer mídia livre, por sua vez, permite a produção de espaços midiáticos não dominadores, múltiplos, localizados e não expandidos que resultam em *caminhos tangentes*, marginais”. Isso porque, como analisa Williams (1979, p. 127, grifos nossos), “na estrutura de qualquer sociedade real, e em especial em sua estrutura de classes, há sempre uma base social para *elementos* do processo cultural que são *alternativos* ou opostos aos elementos dominantes”. O

⁹ Em todos os nossos recortes, exceto neste, sublinhamos e definimos, em nota de rodapé, termos e expressões da linguagem própria do grupo PX.

¹⁰ Aspeamos o termo “livre” porque, em toda e qualquer prática discursiva, há uma ordem discursiva, uma espécie de ritual, o que indicia que, parafraseando Foucault (1996), não se diz qualquer coisa em qualquer lugar. Há, portanto, apenas certa liberdade, mas não a liberdade pura, posto que existem limites colocados pela própria prática e, também, pela própria linguagem.

rádio amador, no que se refere à prática do grupo PX, é uma mídia livre, haja vista que se configura como um espaço discursivo no qual se tecem as produções linguageiras dos pxzeiros, seus “caminhos tangentes”, seus “elementos alternativos”, por meio da linguagem própria e da maneira própria de dizer.

O rádio amador permite o agrupamento de vários rádio amadoristas ao mesmo tempo. No caso dos pxzeiros, ocorrem produções linguageiras mediante jogos de linguagem, que se configuram como um modo próprio de dizer. Esses jogos ocorrem a partir do que um pxzeiro identifica no dizer de outro pxzeiro, de tal forma que o leva à produção lúdica de linguagem, como apresentado neste recorte:¹¹

BARRA FORTE: Tá legal, tá bão, Tijolo, compreendido e entendido os comentário do amigo, nééé?! Taí o Zé Urso puxano aí a fila, né, fazem a meiuca aí o nosso amigo Advogaado, né?! E na retaguarda aí, o Tijolo empurrano todo mundo, ô Tijolo, okapa?!

TIJOLO: Positiiva... Meu carrão anda devagar, os homi tá muntado ali, vô picá a mula aqui correno atrás dos danado ali, hehehe, vô correno atrás dos menino, vô fazê o quê, né?! Cada um tem que corrê com o que tem, mas tá beleza aí... Bacana, Barra Forte. Né, Zé Urso, faz os comentário aí, Zé, daqui a poco nós vira mosca branca aí...

ZÉ URSO: Tá joia, então, ô Barra Forte, joiado, então, viu... Aí a hora que eu passá aqui de novo, dá um grito no Barra Forte, pra ficá da hora aí... Dá uma parada no posto desativado aí, cê dá uma chegada aí ó... Aí nós toma um trem ali e aperta a munhequera do mesmo por aí... Barra Forte, fica com Deus aí, bom fim de semana aí... Tuuudo que é bão, Barra Forte...

11 No recorte, “okapa” significa positivo; “carrão”, caminhão ou carreta; “virar mosca branca”, desaparecer; “joiado”, joia, beleza; “apertar a munhequera”, apertar a mão; “petrolero”, posto de gasolina; “suco do pau doce”, pinga; “fazer aquela modulação”, consumir bebida alcoólica, porém, dependendo da situação discursiva, pode significar conversar; “QTH”, casa; “carrão do patrão”, caminhão ou carreta do empregador; “maicanudo” ou “macanudo”, bom operador de rádio amador, tendo relação de sinonímia com o termo “tubarão”.

BARRA FORTE: Tá legaaal, sô Zé, não, eu agradeço aí a visita, viu?! Não, não vai faltá oportunidade não, Zé, eu moro aqui pertinho do petrolero abandonado aí, viu?! E já levo aqui o suco do pau doce e nós faz aquela modulação pá apertá a munhequera, viu, Zé?! Vai com Deus aí. Deixa eu vê o Advogado ali. Advogado?

ADVOGADO: Rapaz, bacana, tá bão, bacana, viu, Barra Forte, satisfação aí ó, tudo que é de bom pu colega aí ó... A respeitosa ao QTH do mesmo por aí, a gente vai por aqui, né, acelerano, aí vai seno, **hahaha**, a profissão aqui ó, acelerá o carrão do patrão, **haha**, *dô conta não, mas tá bão*, satisfação, a gente fica contente de trocá os papo aí com o maicanudo aí... Ééé, tá bão, sô Barra Forte, fica com Deus aí, tudo que é de bom pu senhô aí ó, todo o QTH aí, a gente vai ino aqui ó, em busca lá da 2ª região¹² ali... *Aaave credo*, vimo ali do Norte do Minas, né, agora em busca da 2ª região, QTH, vai ficá bacana. Tá bom, seu Barra Forte, fica com Deus, tudo que é de bom pu senhô aí...

Em um curto espaço de tempo, observamos dizeres oriundos do agrupamento do pxzeiro Barra Forte e de três caminhoneiros pxzeiros: Tijolo, Zé Urso e Advogado. Enquanto esses três caminhoneiros viajavam juntos para o mesmo destino – conforme afirmação de Advogado: “Aaave credo, vimo ali do Norte do Minas, né, agora em busca da 2ª região, QTH, vai ficá bacana” –, Barra Forte encontrava-se em residência fixa, no município de Monte Carmelo/MG.

Todos os dizeres em questão, os quais indiciam um tom de descontração, permeiam jogos de linguagem produzindo ludicidade entre os pxzeiros, graças às relações produzidas com as palavras, mas também à musicalidade na voz e aos risos acompanhando os dizeres. Barra Forte afirmou que Tijolo era o último da fila e que, portanto, estava “empurrano todo mundo”. Em

¹² A expressão “2ª região” refere-se a São Paulo, conforme linguagem própria do rádio amador. Assim, temos: 1ª região – Rio de Janeiro e Espírito Santo; 2ª região – São Paulo; 3ª região – Rio Grande do Sul; 4ª região – Minas Gerais; 5ª região – Santa Catarina e Paraná; 6ª região – Bahia e Sergipe; 7ª região – Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará; 8ª região – Acre, Amazonas, Maranhão, Pará, Piauí, Rondônia, Roraima e Amapá e 9ª região – Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Fernando de Noronha e Ilhas Oceânicas e Tocantins.

seguida, Tijolo disse que iria “picá a mula [...] correno atrás dos danado”, dos parceiros de viagem. Zé Urso fez a seguinte sugestão para Barra Forte sobre quando houvesse uma oportunidade de se encontrarem pessoalmente: “aí nós toma um trem ali e aperta a munhequera do mesmo por aí...”. E Barra Forte retribuiu essa sugestão dizendo: “e já levo o suco do pau doce e nós faz aquela modulação pá apertá a munhequera, viu, Zé?!”. Para finalizar, Advogado falou de sua satisfação e, possivelmente, da de seus parceiros, por terem encontrado Barra Forte via as ondas do rádio amador, ao ter afirmado: “a gente fica contente de trocá os papo aí com o maicanudo aí...”.

Tijolo sugere certo sentido de valoração negativa ao falar que seu caminhão não era rápido, no entanto utiliza as expressões “mas tá beleza” e “fazê o quê”, que produzem sentido de valoração positiva. Também nos dizeres do Advogado, há uma valoração negativa relacionada a dirigir o caminhão de seu patrão e à vinda do Norte de Minas e à ida para São Paulo, como podemos perceber nas expressões “dô conta não” e “aaave credo”, porém percebemos uma valoração positiva, dada a expressão “mas tá bão”, a qual funciona como paráfrase das expressões “mas tá beleza” e “fazê o quê”. Na prática pxzeira, opera-se, assim, um jogo discursivo que coloca sentidos em oposição.

Voltando-nos aos jogos de linguagem do recorte, gostaríamos de dizer que eles aconteceram, em alguns momentos, por meio da linguagem própria do grupo PX. Mesmo o termo “meiuca”, dito por Barra Forte, embora não tenha aparecido em outras enunciações por nós presenciadas, fez parte, naquele momento, da linguagem própria pxzeira, porque trouxe as propriedades características do modo de enunciar desse grupo. O termo “meiuca” configurou-se como uma “mexida” no termo linguístico “meio”, tendo sido produzido em voz musicada como parte do jogo de linguagem que nele e por ele aconteceu. Portanto, não é propriamente a recorrência de termos e expressões que importa para a configuração de jogos de linguagem, mas as associações que funcionam como matriz do modo de enunciar do grupo PX de rádio amador e, conseqüentemente, do sujeito discursivo da prática desse grupo.

Acerca do aparelho de rádio amador, tomando como base a prática do grupo PX, destacamos que esse aparelho depende de recursos tecnológicos simples para funcionamento. No entanto, o manuseio requer certa habilidade, visto que é preciso conhecer a linguagem própria e ter certa artimanha para a produção de jogos de linguagem. Ademais, é preciso distinguir um espaço de câmbio curto de um espaço de câmbio prolongado, lembrando que, em ambos os espaços de câmbio, ocorre um desapertar e apertar o PTT (*Push To Talk*). No primeiro espaço de câmbio, o pxzeiro ainda vai continuar a dizer o que vinha dizendo. No segundo espaço de câmbio, o pxzeiro concede a vez para outro pxzeiro, o qual estava na “coruja” (escuta, conforme linguagem própria pxzeira). Se um dado pxzeiro quiser fazer parte de um dado momento de enunciações via rádio amador, precisa saber realizar essa distinção entre espaços de câmbio, ou seja, apenas começar a dizer quando permitido por um dos pxzeiros do momento. Nos dois espaços de câmbio, pode haver o pedido de oportunidade para a entrada no momento de enunciações, dizendo: oportunidade, *break* etc.

Na perspectiva dos dizeres via rádio amador, entendemos que, para haver o sentimento de pertencimento ao grupo PX, é preciso que haja jogos de linguagem por meio (ou não) da linguagem própria do grupo. Dessa maneira, consideramos que um dos aspectos que aponta para a “ordem do discurso” da prática desse grupo diz respeito a esse modo específico de enunciar. Por isso, “ninguém entrará na *ordem do discurso* se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 1996, p. 37, grifo nosso). Entrar na ordem de um discurso é entrar na ordem de uma regularidade, a qual aponta para uma noção de identidade.

Na prática pxzeira, a questão dos jogos de linguagem produzindo ludicidade é uma regularidade discursiva, identificando os membros do grupo PX como pxzeiros, ou seja, é algo da identidade do grupo, a qual é possibilitada pelo imaginário social que o une. Em outras palavras, é o imaginário que possibilita a formação de grupo. Tocar em identidade de grupo social é tocar em representação, posto que, ao se dizer, há a produção de representação imaginária.

3. Identidade de grupo, imaginário e representação imaginária

O termo identidade suscita, pelos menos, dois sentidos possíveis. Enquanto há um sentido que diz respeito à questão da singularidade,¹³ há outro que identifica alguém como membro de um grupo social. Desse modo, são dois conceitos diferentes de identidade, embora estejam imbricados, pois a identidade de grupo é vivenciada singularmente. Neste estudo, focamos a noção de identidade de grupo (posição social, posição discursiva) a partir do grupo PX de rádio amador, sem nos desvencilhar da ideia de que só há grupo (e classe, também) da ordem do imaginário, posto que cada membro é singular. Por meio do imaginário, os membros de todo e qualquer grupo se veem, de certa forma, falando do “mesmo” modo a “mesma” língua e compartilhando as “mesmas” convicções e interesses. Na prevalência do imaginário, há a tendência a um dos sentidos.

O imaginário permite que seja possível falar em dizeres da prática do grupo PX de rádio amador em detrimento de dizeres de outras práticas, pois produz certa consistência significativa no simbólico. Como já dissemos, é pelo imaginário – coletivo, social – que é possível que haja a formação de grupo. Os membros de um grupo, por meio do imaginário, supõem olhar a realidade de um mesmo modo. Essa suposição nada mais é do que a construção da realidade social, realidade essa que tem certa estabilidade social.

A noção de imaginário é importante para pensarmos a noção de identidade de grupo, lembrando que a identidade tem a ver com a identificação de certos sentidos, de maneira que “a ‘evidência’ da identidade não deixa ver que esta resulta de uma identificação-interpelação do sujeito”

13 Em relação a uma possível noção de singularidade, destacamos que, para Milner (2006, p. 102), a singularidade é aquilo que “não funda nenhuma semelhança”. Tomamos a singularidade relacionada a uma herança histórica e social que afeta o sujeito de forma singular, única. Falar em singularidade é, pois, falar em diferença. A singularidade não é particularidade, a qual está para a ordem da subjetividade. Entretanto, a singularidade está implicada à subjetividade, já que, ao dizer, o sujeito diz a partir da história de linguagem que o constitui, não tendo controle sobre isso. Em decorrência, em algum momento, algo da ordem da singularidade pode emergir.

(ORLANDI, 1999, p. 1), levando este a construir uma realidade comum. A noção de imaginário sustenta a noção de identidade de grupo, uma vez que o imaginário leva à produção de grupo e faz com que haja aspectos semelhantes que unem e identificam um grupo. Obviamente, não há semelhança em tudo, posto que cada membro de um grupo é único como lugar de incidência (divergência e convergência) de discursos. Como a noção de identidade de grupo está para a ordem do imaginário, é fato que nenhum grupo seja coeso.

Pêcheux (1997) afirma que a língua (sistema linguístico) está ligada, imbricada, de uma forma contraditória, à história e aos sujeitos. Essa contradição não se dá pelo fato de a história e os sujeitos se oporem à língua, mas por intervirem nesta, de sorte que, por exemplo, pode haver caminhoneiros que achem que não é preciso mudar nada na própria profissão, enquanto pode haver outros que achem que é preciso mudar muitas questões nela. Isso indica que a contradição constitui a identidade de grupo, a qual está, portanto, para a ordem da semelhança e da diferença. Além disso, ao mesmo tempo que a identidade permite a alguém o reconhecimento como parte integrante de certos grupos sociais, ela também permite o reconhecimento como parte não integrante de outros grupos sociais.

No que tange à noção de imaginário, Milner (2006, p. 10) afirma que “o discurso é laço. Só o imaginário liga. O imaginário é o lugar da representação. O semblante implica necessariamente a representação, tiramos facilmente a proposição: não há discurso que não seja semblante”. Essa questão de apenas o imaginário ligar, pensando em termos de formação de grupo, produz a impressão de unidade (um) e de que, assim, todo e qualquer grupo seria coeso. No entanto, conforme já afirmamos, só há agrupamento de maneira movente, embora o imaginário una, faça laço, levando à produção de regularidades discursivas.

Nesse sentido, compreendemos que, para analisar a identidade de um dado grupo, é necessário verificar, em termos de regularidade, a possível imagem que esse grupo faz acerca de si e a possível imagem que o outro (alteridade) faz acerca do grupo. Dito de outro modo, falar em identidade de

grupo é falar em representação imaginária acerca de si e em representação imaginária do outro acerca do grupo, tendo em vista a construção de uma possível imagem (representação imaginária) em relação ao grupo.

Nessa perspectiva, a identidade à qual nos referimos, que produz certa unidade e é constituída discursivamente, é imaginária. Não é pré-construída. Portanto, a identidade de grupo está relacionada ao imaginário e ao simbólico – lembrando que o imaginário é constituído simbolicamente –, e ambos operam de tal forma que há a produção de efeitos de sentido semelhantes entre interlocutores. Isso não quer dizer que o real não esteja operando e produzindo o não sentido, haja vista que é constitutivo, estando para a ordem daquilo que escapa ao esperado em termos linguísticos e históricos. Assim, o simbólico não é consistente, uma vez que há real em jogo.

Todavia, o imaginário dá certa consistência ao simbólico, havendo a ilusão da transparência da linguagem, ilusão essa, a nosso ver, necessária para que haja compreensão. Assim, a regularidade discursiva está ligada ao imaginário. Temos necessidade da regularidade, o que mostra que o imaginário é necessário. O imaginário produz o efeito de unidade, porque não é, de fato, unidade. Se o fosse, a consequência seria a de que todos veriam a realidade de um mesmo modo. No entanto, cada um a vê a partir de sua própria história de vida, história essa sempre singular.

No caminho do imaginário, consideramos pertinente dizer que a identidade de grupo tem certa consistência, graças ao modo semelhante de seus membros verem a realidade. Contudo, “todas as identidades, entendidas como resultados provisórios de práticas identitárias, existem apenas como estratégias, no sentido de que podem sempre ser reformuladas, daí a sua contingência e indeterminação” (GRIGOLETTO, 2006, p. 24). Portanto, toda e qualquer identidade de grupo tem apenas certa regularidade (estabilidade).

A identidade de grupo está relacionada ao outro, no sentido de que existe pelo fato de haver a existência do outro. A identidade é relacional e, por conta disso, está sempre em conflito, visto que o outro é sempre aquilo que nós não somos. Há um embate de sentidos entre as representações imaginárias (imagens) que a sociedade produz de grupo. As imagens não significam por elas mesmas, em si, já que são atravessadas por discursivi-

dades, de maneira que podem significar de diferentes modos e produzir diferentes posições. Nesse sentido, entendemos que a identidade de grupo se constitui na contradição, associando esta a diferenças, e na semelhança, associando esta a certas regularidades discursivas. As (ir)regularidades discursivas acontecem mediante representação imaginária.

A representação não retrata o objeto (coisa), uma vez que há entre o objeto e o dizer uma impossibilidade de univocidade, sendo a representação um resultado do encontro destes (objeto e dizer). Quando dizemos certas questões sobre determinado grupo, são apenas representações imaginárias que temos desse grupo, o que não significa que elas sejam, na realidade, o grupo, embora haja a possibilidade imaginária de se tornarem totalizantes. Dizer, por exemplo, que todo caminhoneiro é mulherengo seria homogeneizar o grupo dos caminhoneiros. O que homogeneiza, de certa forma, um grupo são as representações, porque se encarregam de sustentar um imaginário, estando certas representações ligadas a certas facções da sociedade em detrimento de outras facções. Por isso, consideramos pertinente tratar de certa representação imaginária acerca dos caminhoneiros.

A noção de representação, qual seja, uma coisa no lugar de outra, permite pensar que a linguagem é constituída pelo equívoco. Um exemplo disso se refere às propriedades do signo linguístico, as quais não são imanentes (inerentes), mas, sim, construídas via enunciação. Segundo Benveniste (2006, p. 51), “o papel do signo é o de representar, o de tomar o lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto”, o que mostra que a língua não tem caráter essencial, posto que o signo não é a coisa.¹⁴ Assim, falar sobre um fato já é representação, pois não saímos da linguagem para vermos a realidade de outro modo.

14 O caráter relacional do signo linguístico indica que este está para a ordem da não essência. Isso significa que pensar em não essência (não empirismo) é pensar que o signo, na perspectiva saussuriana, não possui uma associação natural entre significado e significante. Ou, então, é pensar que o signo, na perspectiva benvenistiana, não possui uma associação natural ao mundo, à realidade. A noção de essência, de essencializar um signo, leva à ideia de que o signo seria apenas uma única coisa. Entretanto, o valor de um signo somente se dá na relação com outros signos linguísticos. E o que faz a associação entre significado e significante ou entre signo e realidade é o emprego (uso) da língua, já linguagem.

Representar é estar no lugar de, não é a coisa em si. Então, dizer é pressupor que não se diz tudo, é impossível tudo dizer, o que indica que há um vazio no interior do signo linguístico, não havendo propriedade totalizante em nenhum signo. De acordo com Lebrun (2008, p. 57), “toda presença comporta ausência. Por isso, a palavra pode alegrar, mas ao mesmo tempo decepciona. Pois a palavra [...] não pode se desfazer do vazio pelo qual é habitada”. A palavra – tomando-a como signo linguístico – é uma representação, de maneira que há uma ausência nela. Por isso, não há plenitude em nenhuma representação imaginária, haja vista que a palavra não está “colada” ao mundo. Assim, falarmos em identidade de grupo, a qual é construída mediante certas representações imaginárias regulares, é falarmos em eterna construção e contradição, e não em homogeneidade plena. Percebemos que as representações imaginárias acerca dos caminhoneiros indiciam a construção e a contradição operando, visto que eles são, ao mesmo tempo, vangloriados e repudiados socialmente.

4. Representações imaginárias sobre os caminhoneiros: entre o vangloriar e o repudiar

As representações, que estão para a ordem do imaginário, constroem uma imagem de grupo e vão formando processos discursivos, ou seja, sentidos na linguagem, história na linguagem. Segundo Pêcheux (1993, p. 82, grifo do autor), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Procuramos abordar, por meio de dizeres que vão emergindo na cultura, possíveis representações imaginárias, formações imaginárias, acerca (das condições de vida) dos caminhoneiros. Vamos a dizeres de revista, site, entrevista, texto acadêmico, livro e filme. Todos esses elementos permitem-nos a construção de certas representações sociais acerca dos caminhoneiros e de suas condições de vida.

Discorrermos sobre um dado grupo e suas condições de vida, de trabalho, é construirmos representações imaginárias acerca desse grupo, lembrando que, quando se enuncia, enuncia-se de alguma posição e por meio da linguagem. A posição a partir da qual se enuncia produz certas imagens em detrimento de outras possíveis e relativas a outras posições. Há traços dessas imagens do grupo e de suas condições que constituem implicações para o modo de vida de seus membros. Nesse sentido, é fato que nem todo caminhoneiro se tornará pxeiro, ou seja, membro do grupo PX de rádio amador, visto que a Ideologia¹⁵ é um ritual com falhas, de maneira que os sujeitos se identificam de maneiras diferentes às práticas discursivas.

É fato que nem todos os membros de um grupo terão as “mesmas” condições de vida. Essa diferença leva a representações imaginárias diferentes daquilo que, possivelmente, é cada condição de vida. Em última instância, as condições de vida funcionam como uma espécie de base para a projeção de representações imaginárias. Por isso, torna-se impossível olhar para o todo de tais condições, é um olhar parcelar, já que elas são heterogêneas, o que gera implicação na construção das representações imaginárias. No caso dos caminhoneiros, cabe dizermos que, de certa forma, boa parte deles dorme pouco e faz uso de anfetaminas, o que representa uma dada condição de vida – possível condição árdua de trabalho, condição essa que projeta certas representações imaginárias: o caminhoneiro é imprudente, por exemplo.

Como uma parcela grande dos caminhoneiros se veste com trajés descontraídos, geralmente usados em fins de semana, em férias ou em momentos de folga, esse modo de se vestir acirra uma imagem de vida “boa”, “divertida”, “interessante” etc., podendo significar, em certo sentido, liberdade. O caminhoneiro autônomo, por exemplo, é visto como aquele que faz o seu próprio horário de trabalho, o que intensifica os sen-

15 Falamos sobre a noção de Ideologia, conforme perspectiva pècheuxtiana, no próximo capítulo, no tópico 5.

tidos de liberdade. Dependendo do ponto de vista, do olhar sobre o caminhoneiro, representa-se diferentemente, de modo que há representações imaginárias favoráveis, que vangloriam, e outras desfavoráveis, que repudiam, sobre os caminhoneiros e suas condições de vida.

Inicialmente, gostaríamos de dizer que há uma representação imaginária muito comum que vangloria os caminhoneiros. No filme *Jorge, um brasileiro* (1988), baseado no livro de mesmo nome, Jorge é um caminhoneiro corajoso e desbravador, que gosta de viajar e de vivenciar o companheirismo da e na estrada. Mário, patrão de Jorge, afirma que “esse cara faz o impossível ficar simples”, o que reforça essas características do protagonista.

Nesse filme, Jorge tem a missão de conduzir um comboio de cinco carretas carregadas de milho (mais de 200 toneladas) – que estão paradas em decorrência de um período de chuva – de Governador Valadares/MG para uma refinaria em Belo Horizonte/MG. Essa carga faz parte de um plano do governo para merendas escolares. Dumont, o assessor do ministro, quer saber, de Mário, se tal carga será entregue na data programada, pois esse plano está anunciado até mesmo na imprensa. Por isso, Mário pressiona Jorge para que a mercadoria seja realmente entregue na data planejada, mesmo com todos os possíveis perigos da e na estrada: pontes quebradas, barrancos despencando, estradas escorregadias etc., dada a grande quantidade de chuva do período.

Pelo fato de Jorge enfrentar todos esses perigos, Altair (mecânico e ex-caminhoneiro) afirma que “Jorge é um aventureiro” e que Mário o explora. Em certo momento, Jorge, na viagem para Valadares, está em um ônibus e se depara com um acidente envolvendo um caminhoneiro. Ao ajudar os acidentados, demonstra ser um típico herói por enfrentar situações de adversidades. O nome do filme, *Jorge, um brasileiro*, leva-nos a construir a imagem de que ser caminhoneiro é ser um “autêntico” brasileiro: “um herói que não desiste nunca”, conforme o que nos diz a grande mídia.

No decorrer do filme, Jorge começa a ponderar as aventuras, já que Oliveira, o caminhoneiro mais velho que está no comboio, leva um tiro de

um capanga. Isso ocorre porque o grupo de caminhoneiros tenta atravessar uma propriedade rural privada cortando as cercas dessa propriedade. Depois de um tempo, Oliveira afirma que seu filho mais novo tem o desejo de ser caminhoneiro. Esse experiente caminhoneiro até fica orgulhoso com esse desejo, visto que gosta de conviver com a rapaziada da estrada e de estar aqui e ali, mas diz a seu filho que não quer/deseja essa vida para ele. Notamos, pois, uma forte contradição na fala de Oliveira, um conflito instaurado via manifestação de linguagem. Parece que ser caminhoneiro, na visão desse personagem, é uma questão de gostar da estrada e, sobretudo, de honra e de heroísmo. É algo que soa ser um “doce amargo”.

Depois do acontecimento com Oliveira, Jorge prefere respeitar que uma dada ponte seja construída para prosseguir viagem, pois considera que tentar fazer diferente é loucura. Porém, antes disso, houve acontecimentos no decorrer do filme que remetem a imagens de imprudência de Jorge e de seu grupo de caminhoneiros, como tentar atravessar um córrego com muita água durante uma forte chuva. Ao mesmo tempo que é possível produzirmos a imagem de coragem para esse ato, também é possível produzirmos a imagem de imprudência, visto que tal ato poderia ter causado morte(s).

Nessa perspectiva da imprudência, notamos que Jorge é mulhengo e boêmio. Embora tenha uma namorada, Sandra, acaba tendo um caso com uma moça de um bar e com a mulher do patrão. Contudo, o filme permite-nos construir uma possível imagem de que Jorge está tomando a atitude certa, posto que enfrenta tantas situações perigosas que acaba merecendo ter relações extraconjugais, o que indicia a imagem da imprudência atravessando outras imagens. Apesar de enfrentar essas situações, Jorge acaba não conseguindo entregar a mercadoria a tempo, pois ele prefere ficar do lado dos companheiros de estrada a ficar do lado do patrão, Mário, que não pondera o perigo decorrente de um período forte de chuvas.

Percebemos que há uma contradição nas possíveis representações imaginárias acerca dos caminhoneiros. Por um lado, eles são vistos, mui-

tas vezes, como heróis, corajosos, aventureiros e desbravadores, o que mostra, de certa forma, a profissão de caminhoneiro como uma profissão que vale a pena. Por outro lado, há uma certa visão pejorativa em relação a eles, pois são caracterizados como imprudentes. Notamos que essas representações se tocam de algum modo, posto que, por exemplo, associar os caminhoneiros à representação imaginária de aventureiro pode produzir o efeito de sentido de que eles não se preocupam com a própria vida nem com a vida do outro. Assim, ser aventureiro não produz apenas valoração positiva, ser aventureiro pode ser associado à imprudência.

Ratificando as representações imaginárias relacionadas à valoração positiva, gostaríamos de citar a minissérie *Carga pesada* (2003), exibida pela Rede Globo. Essa minissérie faz-nos rememorar a imagem relacionada aos caminhoneiros como os heróis das estradas. Os atores Antônio Fagundes (Pedro) e Stênio Garcia (Bino), caminhoneiros nessa minissérie, foram colocados no lugar de heróis, uma vez que eram eles que resolviam os problemas por onde passavam, esforçando-se bravamente para isso. Eram bastante sensíveis ao que acontecia de complicado na vida de estrada, ajudando quem cruzava seus caminhos. Essa sensibilidade deixa entrever certa exaltação aos caminhoneiros.

No caminho oposto a essa questão da exaltação aos caminhoneiros, consideramos que o próprio nome da minissérie, *Carga pesada*, desfaz certo caráter romântico de tal exaltação. É uma carga que é “pesada” em relação à carga levada pelo caminhão ou pela carreta e em relação ao fa(r)do da própria vida de estrada que os caminhoneiros têm de carregar, devido a certas representações pejorativas e certas condições de vida, o que significa que essa vida não é fácil, é árdua. Referindo-se à minissérie em questão, Noel (2006, p. 151) afirma que “a cobrança de mais realidade onde impera a ficção mistura-se a reclamações de que o programa difunde, para as esposas, uma imagem negativa dos caminhoneiros”, o que não quer dizer que essa imagem não esteja propagada na cultura brasileira. O próprio fato de uma traição conjugal se configura como imprudência na nossa sociedade de modo geral. Logo, trata-se de uma imagem negativa (pejorativa).

Ainda acerca das representações imaginárias relacionadas à valoração positiva, salientamos o livro de literatura infanto-juvenil “O filho do caminhoneiro”, de Aristides Fraga Lima. Referindo-se ao protagonista desse livro, Lima (1993, p. 5) afirma que “Daniel, o carreteiro, era um homem destemido. Moço de vinte anos, solteiro, aos dezoito resolvera abandonar os estudos e ganhar a vida como caminhoneiro, viajando, sempre só, pelas estradas do Nordeste”. Essa citação faz-nos pensar que, como o Brasil é um país de proporções continentais, basicamente agrícola, e o escoamento de boa parte de sua produção é feito por caminhões e carretas,¹⁶ então é preciso criar mecanismos, produzir um certo imaginário, de tal forma que os brasileiros queiram exercer a profissão de caminhoneiro. Esse imaginário, entretido de representações imaginárias, repercute em diferentes espaços discursivos. Prova disso é que a personagem Daniel, como alguém destemido, abandona os estudos e segue essa profissão. Nessa perspectiva, Lima (1993, p. 11) diz que

Daniel era caminhoneiro havia apenas dois anos. Tirara carteira de motorista com dezoito anos de idade, quando abandonou o ginásio no último ano. Não quis continuar os estudos, preferindo a vida aventureira de motorista profissional. Juntou algum dinheiro e deu entrada na compra de uma carreta enorme, que se tornou todo o seu mundo, rodando pelas estradas do Brasil.

Essa citação, além de mediar imagens relacionadas a heroísmo e bravura, sugere boemia e desleixo, no possível sentido de que os caminhoneiros não querem nada sério com a vida, já que Daniel não chegou nem mesmo a concluir a educação básica, o que mostra que a profissão de caminhoneiro não

16 O caminhão e a carreta funcionam como um fator de unidade no país. É claro que, hoje, as novas tecnologias (computador e internet, por exemplo) fazem, amplamente, essa integração. No entanto, os caminhoneiros levam certa unidade ao país, pois encurtam fronteiras internas. Essa questão da unidade permite-nos perguntar: o que o caminhão, a carreta e o caminhoneiro representam para o Brasil? Consideramos que representam desenvolvimento, expansão econômica, fornecendo os mesmos produtos que há em grandes cidades para pequenas cidades, o que gera, em certo sentido, a ilusão de unidade do país.

exige muita escolaridade¹⁷ para sua execução. Consideramos oportuno dizer que o possível modo como os caminhoneiros eram fortemente representados há décadas é diferente do possível modo como são fortemente representados atualmente, conforme discorreremos adiante. No entanto, embora as representações se modifiquem a partir das mudanças sociais, diferentes representações coexistem. Uma das representações atuais acerca desses profissionais diz respeito à imprudência. Rosa (2006, p. 94, grifos nossos) afirma que

o avanço da indústria automobilística, a partir da década de 70, acelerou o processo de produção de automóveis aumentando o movimento nas rodovias, que, conseqüentemente, transformou-as em um espaço de disputas. O senso competitivo dos motoristas causou a elevação do número de acidentes, em muitos casos envolvendo caminhões, e o *caminhoneiro*, como o condutor desse veículo, é [quase] *sempre indicado como o grande culpado pelas tragédias nas estradas*.

Rosa (2006) analisa as trajetórias de um grupo específico de caminhoneiros, a saber, “o grupo dos caminhoneiros autônomos”,¹⁸ procurando entender o modo como esse grupo interpreta suas experiências relacionadas ao trabalho e à vida fora do trabalho. Essa autora realiza sua análise tendo como ponto de partida a década de 1970, já que é “um período de transformações no setor de transportes” (ROSA, 2006, p. 13). Diríamos que esse período marca uma grande contradição no Brasil. Optou-se por um sistema rodoviário, mas não foram feitas estradas suficientemente boas e adequadas para esse tipo de transporte. Em todo caso, as merca-

¹⁷ A profissão de caminhoneiro é uma profissão, de certa forma, rentável em relação a outras profissões que exigem anos de estudo. Essa profissão promete uma melhora de vida, uma ascensão social, sobretudo para as classes mais pobres e de mais baixa escolaridade de nossa sociedade. Essa melhoria não se dá a partir de um investimento de anos de dedicação aos estudos, no sentido de que o (futuro) caminhoneiro não precisa, na maior parte das vezes, fazer cursos. Basta tirar uma carteira de motorista e ter certa prática.

¹⁸ Interessa-nos pensar, a partir do trabalho de Rosa (2006), nas representações acerca (das condições de vida) dos caminhoneiros, sejam estes autônomos ou não, haja vista que, de certa forma, todo e qualquer caminhoneiro tem um modo de vida específico, o que está relacionado ao fato de exercer uma profissão sobre rodas.

dorias, de um modo geral, no lugar de serem transportadas por trens de ferro, passaram a ser transportadas, majoritariamente, por caminhões ou carretas. Isso fez com que houvesse um grande aumento no número de caminhoneiros e, conseqüentemente, no número de imprudências.

Focando a representação imaginária pejorativa relacionada à imprudência dos caminhoneiros, partimos de algumas notícias que falam sobre essa imagem. Antes disso, julgamos fundamental destacar a quantidade significativa de notícias que aparecem no Google ao pesquisarmos sobre “imprudência de caminhoneiros”: “policiais alertam para imprudência de caminhoneiros”, “imprudência de caminhoneiro causa morte de jovem”, “imprudência de caminhoneiro provoca acidente em Antas”, “imprudência: caminhoneiro é flagrado dirigindo bêbado”, “imprudência: caminhoneiro faz ultrapassagem arriscada”, entre outras.

Na notícia “Imprudência de caminhoneiros gera revolta entre motoristas em MS”, de 18 de fevereiro de 2014 (*94 FM Dourados*), por exemplo, foi dito que uma enfermeira de 24 anos foi vítima dessa imprudência. Nas palavras dessa enfermeira: “eu vinha na pista da direita, ou seja, na minha mão de direção, quando percebi, o caminhão vinha de frente comigo. Ele ignorou a minha presença, se não joga a moto para fora da pista, teria passado por cima de mim”. Já em outra notícia, “Imprudência: caminhoneiros despreparados para trânsito”, de 23 de outubro de 2008 (*180 Graus*), é possível percebermos uma das facetas da imagem de imprudência acerca dos caminhoneiros: “Segundo o inspetor *Ciro Ricardo*, chefe de Policiamento e Fiscalização, caminhoneiros sempre transportaram excesso de peso, sem cuidados com a segurança em relação ao tempo de trabalho na estrada”, o que pode gerar diferentes imprudências e variados acidentes.

A imprudência parece ser insignificante para os caminhoneiros, entretanto não o é para a sociedade de modo geral. Quando agem imprudentemente, vão de encontro a questões legais, morais e éticas, faltando com o respeito à sociedade. Em última instância, é o fator econômico que parece se sobrepor, visto que agir dessa forma é pensar só em si, mas também

esquecer-se de si. Por exemplo: ao transportarem excesso de carga, os caminhoneiros pretendem lucrar mais (“pensar só em si”), mesmo correndo mais riscos (“esquecer-se de si”), dada a dificuldade maior de controlarem o caminhão. Isso mostra que eles estão inseridos numa ordem capitalista posta. Nesse sentido, um funcionamento discursivo que analisamos em nossos recortes diz respeito à questão econômica como fator de diversão e de sobrevivência.

Ainda a respeito do (não) pensar em si, destacamos a reportagem exibida pela Rede Globo, no *Fantástico* do dia 14 de dezembro de 2014, sobre caminhoneiros que burlam a lei ao não usarem o composto químico Arla 32 nos caminhões. Esse aditivo é colocado no sistema de escapamento para, praticamente, eliminar a poluição oriunda desses veículos. Burlar esse uso é, segundo essa reportagem, “um mau exemplo, uma fraude que coloca em risco o meio ambiente e a saúde de milhões de brasileiros. Metade da poluição nas grandes cidades vem do escapamento de caminhões que rodam com diesel”. Ao fazerem isso, os caminhoneiros economizam financeiramente (“pensar em si”), porém também são afetados pela própria poluição que produzem (“esquecer-se de si”). Notamos que é o fator econômico que está determinando a burla da lei, mostrando que muitos caminhoneiros colam-se à imagem da imprudência.

Nessa perspectiva da representação imaginária de imprudência, há diversas notícias sobre uma prática que tem se tornado comum entre muitos caminhoneiros e que se relaciona a essa representação, qual seja, a manobra conhecida como “quebra de asa”. Na notícia “Caminhoneiros praticam manobras arriscadas para se exibir em redes sociais”, de 14 de outubro de 2013 (180 Graus), há a explicação do que seja essa manobra:

Uma prática extremamente perigosa tem se tornado cada vez mais corriqueira nas rodovias brasileiras. A chamada “quebra de asa”, manobra em que o motorista, em alta velocidade, tira as rodas do caminhão da pista contornando o implemento, está causando polêmica entre os profissionais da área e assustando quem utiliza as estradas.

Percebemos que a imagem de imprudência acerca dos caminhoneiros mostra certa perda de status da profissão. Na década de 1970, mesmo alguns anos depois, a profissão de caminhoneiro ainda tinha muito prestígio, de maneira que os caminhoneiros começaram a ser exaltados e vistos como os heróis das estradas. Por isso, Rosa (2006, p. 13, grifos nossos) afirma que

a maneira encontrada pelos setores interessados em legitimar a política rodoviária foi propagar uma campanha de *exaltação aos profissionais do volante*, de forma que eles sentissem o mérito de estar “transportando as riquezas do país” sobre as rodas de seus caminhões. Nesse sentido, o teor discursivo levava uma ideia de que era através dos motoristas que o progresso poderia se efetivar. *O caminhoneiro passou então a ser retratado como o “herói das estradas”*, construindo uma imagem para esse trabalhador que o inseria nessa opção modernizante que privilegiava o setor rodoviário como um dos esteiros da infraestrutura de transportes que o país necessitava.

A imagem de imprudência permite-nos lembrar um dizer proferido por um taxista. Certa vez, indo de Uberlândia/MG para Monte Carmelo/MG, ao ver uma ultrapassagem perigosa executada por um caminhoneiro, o taxista disse: “Esses caminhoneiro...”. Entendemos que esse dizer aponta para efeitos de sentido diferentes, já que o pronome demonstrativo “esses” pode produzir tanto um efeito restritivo como um efeito generalizante. “Esses”: somente os que fazem ultrapassagens perigosas? Isso porque, em geral, são vistos como os heróis das estradas. “Esses”: todos os caminhoneiros, considerando-se que todos executam ultrapassagem perigosa? Isso porque, em geral, são vistos como imprudentes. Assim, os possíveis efeitos de sentido em questão indiciam a contradição nas representações imaginárias acerca dos caminhoneiros, ora vangloriando-os, ora repudiando-os, o que nos leva a questionar: por que as imagens acerca dos caminhoneiros brasileiros são semanticamente contraditórias?

Parece-nos que essas imagens seriam uma consequência do fato de os caminhoneiros viverem uma relação contraditória com a e na sociedade, uma vez que são importantes (são os grandes responsáveis pela distri-

buição e pelo escoamento da produção brasileira) e, ao mesmo tempo, são marginalizados socialmente. Por estarem “afastados” do espaço citadino de vivência social com frequência, permanecem em uma condição de “deslocados”. Esse “deslocamento” tem a ver justamente com suas próprias condições de vida, visto que o principal local de trabalho dos caminhoneiros é, conforme linguagem da prática pxeira de rádio amador, o “tapetão” (a estrada), tendo eles, portanto, uma “vida de tapetão”.

5. Condições de vida dos caminhoneiros: “vida de tapetão” e rádio amador

Para falar sobre as condições de vida de todo e qualquer grupo de trabalhadores, é preciso verificar como vivem os trabalhadores desse grupo. Os caminhoneiros, por exemplo, têm uma “vida de tapetão”, pois podem viajar por dias, semanas ou até meses abastecendo o Brasil e, em certos casos, outros países. Por isso, “os caminhoneiros dizem que ‘são visitas em casa’; seu local de trabalho são ‘as rodovias brasileiras’” (CHEROBIM, 1984, p. 121). Entendemos que são visitas em casa, devido ao número de cargas que precisam transportar em um curto espaço de tempo. Muitas vezes, isso acontece em prol do aumento da própria renda, mas também pode ser uma exigência de empresas e/ou uma necessidade em razão do tipo de carga que muitos transportam: animais, frutas, verduras etc., o que nos faz lembrar um letreiro que vimos, certa vez, na traseira de um caminhão, qual seja, “não é pressa, não é loucura, é fruta e verdura”. Compreendemos, portanto, o porquê de muitos caminhoneiros viajarem madrugadas inteiras. É, em certa medida, uma exigência e (im)posição da própria profissão, do modo como essa profissão é constituída no Brasil.

A “vida de tapetão” parece apontar para uma vida de migração, ou seja, uma vida de retirante ou cigano, remetendo-nos, novamente, ao livro “O filho do caminhoneiro”. Daniel, o protagonista desse livro, conversando com seu pai sobre a vida de caminhoneiro, afirma: “acorda num lugar e não sabe onde vai dormir” (LIMA, 1993, p. 22). Isso indica, em certo sentido, que muitos ca-

minhoneiros passam uma boa parte de suas vidas percorrendo as estradas, levando, muitos deles, suas esposas e/ou filhos em suas viagens.

Segundo Rosa (2006, p. 10), “o modo de vida do caminhoneiro é algo intrigante pelo fato de exercer uma profissão que exige que a maior parte de seu tempo seja dispensada para o trabalho, ou seja, o período que ele passa em sua casa é mínimo, comparado ao tempo que passa na estrada”. De maneira geral, os caminhoneiros fazem de seus caminhões ou carretas uma espécie de moradia, já que é neles que costumam dormir após suas paradas nas estradas, sobretudo em postos de gasolina. Referindo-se, especificamente, aos caminhoneiros de estrada, Cherobim (1984, p. 114) diz que “as cidades são, simplesmente, pontos de carga e descarga, residência ou cruzamento”. Há, obviamente, muitas dificuldades para aqueles que enfrentam uma “vida de tapetão”, vida de estrada. Isso porque boa parte deles tem o dever de entregar muitas mercadorias em tempo hábil, podendo acarretar uma má alimentação,¹⁹ bem como uma noite de sono ruim. Conforme Noel (2006, p. 32),

no vai-e-vem nas estradas, os caminhoneiros nem sempre têm cuidado da saúde com a mesma dedicação empregada para entregar as cargas no dia e na hora certa. Olhando o problema por outro ângulo, a pressão dos prazos e o valor dos fretes vêm agindo como obstáculos para que eles deem mais atenção ao bem-estar do corpo e da mente.

19 Acerca dessa questão da alimentação, Vilaça (1987, p. 25) diz que o caminhoneiro “começa a ter nalgumas rotas melhor comida, mas o normal é ser vítima de péssima alimentação nas rodovias brasileiras”. Notamos que muitos postos de gasolina fornecem descontos na alimentação só para caminhoneiros, como é o caso do Posto Centenário na BR-365, nas proximidades de Monte Carmelo/MG. Há, em diversos postos de gasolina, informações sobre banheiros limpos e/ou banhos quentes e gratuitos só para caminhoneiros também. Talvez tudo isso ocorra porque tais lugares lucrem muito com os trabalhadores em questão. No entanto, parece haver uma forma de discriminação quando os postos de gasolina criam, por exemplo, lugares específicos para os caminhoneiros se alimentarem, de modo a ficarem separados de outros clientes, caracterizando-se como uma inclusão excludente. Isso mostra um indício de que os caminhoneiros estão à margem social, marginalizados socialmente. Vale apenas deixar claro aqui que, conforme nosso entendimento, a separação dos caminhoneiros de outros clientes em postos de gasolina nada tem a ver com melhor ou pior comida.

A partir dessa citação, é possível pensarmos em, pelo menos, duas representações imaginárias muito comuns acerca das condições de vida dos caminhoneiros: carga horária excessiva de trabalho e profissão de alto risco. Sobre a profissão de caminhoneiro ser de alto risco, chamamos a atenção para cargas em excesso e/ou perigosas transportadas por muitos caminhoneiros: cana-de-açúcar, combustível, carvão etc. Além disso, existem muitas estradas ruins, que estão esburacadas e/ou que deveriam ser duplicadas, dado o fluxo de veículos. No entanto, para Noel (2006, p. 95), “mais do que o estado sofrível das rodovias e os riscos de acidentes, a ousadia dos ladrões e assaltantes é a maior preocupação atual dos caminhoneiros”, o que também indica por que a profissão desses trabalhadores é uma profissão de alto risco. Ainda sobre essas duas representações imaginárias, concordamos com Rosa (2006, p. 17) ao dizer que

a má conservação das estradas é [...] apenas um dos problemas que os caminhoneiros enfrentam no seu dia a dia de trabalho. Nos últimos anos, sua atividade tornou-se uma profissão de risco devido aos roubos de carga (que se tornaram comuns a partir dos anos 90), dos constantes assaltos, que ameaçam suas vidas e o risco de acidentes, cujas ocorrências vêm aumentando em número a cada ano, e que também têm sido uma grande preocupação desses profissionais. A esses riscos, soma-se uma diversidade de outros problemas que eles enfrentam no exercício da profissão, como: as longas jornadas de trabalho, devido à corrida desenfreada para se chegar em casa ou na ânsia para entregar mercadorias sem parar para descansar; o estresse, causado pelo trânsito, pelo enfrentamento dos buracos nas estradas, pelo medo e pelas situações de negociação de cargas; solidão; problemas mecânicos inesperados no caminhão, entre outros.

As condições de vida dos caminhoneiros são permeadas pela ilegalidade, pelo estar fora da lei, a mando, por vezes, dos próprios empregadores. Isso ocorre devido ao excesso de carga em caminhões ou carretas, levando muitos desses trabalhadores a esperar policiais irem embora de balanças que fiscalizam veículos pesados para prosseguirem viagem, já que estão cientes de que o peso da carga está acima do limite permitido por lei. Embora muitos caminhoneiros sejam forçados pelos emprega-

dores a se manterem na ilegalidade para poderem dar lucro, se são pegos pelos policiais, podem sofrer sanção dos próprios empregadores. Em meio a esse conflito, os caminhoneiros têm que cumprir os prazos de (des)carregamentos de mercadorias, lembrando que, dificilmente, esses profissionais andam com seus veículos vazios, visto que isso seria uma perda de dinheiro. É por isso que eles mantêm uma relação (in)ten-sa com o tempo, podendo este ser atenuado mediante o uso do aparelho rádio amador.

Os caminhoneiros que utilizam o rádio amador o fazem com diversas finalidades: saber das condições de tráfego das estradas, do policiamento, das balanças, das borracharias, das melhores rotas, das mercadorias, entre outras. Por conseguinte, esse aparelho tem muita utilidade para a profissão de caminhoneiro, visto que talvez não seja possível realizar tais finalidades via celular, devido ao próprio sinal de transmissão nas estradas ou, então, devido ao não contato com pessoas de um determinado lugar. As tecnologias são intransponíveis, apontando para a ideia de que o aparelho de rádio amador resiste (em meio) a outras tecnologias (atuais ou não), embora não pareça ser tão difundido na sociedade brasileira. Entretanto, consideramos que a prática de rádio amadorismo (pxzeira ou não) parece ser cada vez mais popular entre os brasileiros, graças aos aposentados, comerciantes, fazendeiros,²⁰ caminhoneiros, entre outros.

No que tange aos caminhoneiros ligados à prática de rádio amador do grupo PX, entendemos que o aparelho de rádio amador funciona, para eles, como um suporte para a própria vida. Por isso, essa prática se fundamenta como uma espécie de gueto, um reduto, de comunicação. Não é um gueto físico, mas, sim, um gueto de comunicação para a produção de dizeres e, também, de saberes, já que, como os caminhoneiros olham para a sociedade em diversos lugares, então há diferentes olhares para ela.

²⁰ Em relação aos fazendeiros, gostaríamos de deixar registrado que o rádio amador foi de grande destaque em uma novela intitulada: *Opantanal*, de Benedito Ruy Barbosa, transmitida pela extinta Rede Manchete de 27 de março a 10 de dezembro de 1990 e rerepresentada pela Rede Globo em 2022. Esse aparelho ali teve a função de manter contato entre fazendeiros.

O aparelho de rádio amador é uma ferramenta que auxilia esses profissionais não só na realização do trabalho, mas também na manutenção de amizades e no estabelecimento de novas relações. Assim, na prática do grupo PX, há uma discursividade de valorização e reconhecimento entre os caminhoneiros e os não caminhoneiros. No entanto, há uma contradição a isso, desvalorização e não reconhecimento acerca dos caminhoneiros em diferentes setores sociais.

6. (Des)valorização e (não) reconhecimento acerca dos caminhoneiros

Chamamos a atenção para a desvalorização como uma das representações imaginárias possíveis acerca dos caminhoneiros, o que nos remete a uma notícia publicada no dia 1º de novembro de 2011, na *Revista Caminhoneiro*, com o título “7º classificado no herói das estradas”, segundo este trecho:

O caminhoneiro Edison Rodrigues da Costa, de São Paulo, deu exemplo de coragem ao ajudar no salvamento de vítimas de um grave acidente na Bahia. Uma emocionante história de coragem e superação foi classificada na sétima etapa do *programa Herói das Estradas* (www.heroidasestradas.com.br), que a *Goodyear* (www.goodyear.com.br) promove no Brasil para valorizar os *caminhoneiros do País* (grifos nossos).

Como esse programa é promovido pela Goodyear no Brasil, isso parece apresentar um tom de restrição, ou seja, trata-se de um programa que, possivelmente, não acontece em diversos outros países. Assim, julgamos que, em vários outros países, as representações imaginárias da profissão de caminhoneiro tendem a ser diferentes das observadas no Brasil. Neste país, um dos modos pelos quais os caminhoneiros são representados, segundo mencionamos anteriormente, diz respeito à desvalorização, haja vista que o fato de a Goodyear promover um programa para a valorização desses trabalhadores indicia que eles são, de

certa forma, desvalorizados na nação em questão. Ainda sobre a notícia publicada, destacamos o trecho:

“O papel dos caminhoneiros na economia brasileira é de extrema importância e a Goodyear, como parte integrante desse setor, valoriza e reconhece a importância de todos eles. O Herói das Estradas é mais uma ação de relacionamento com esses profissionais que encaram os riscos, partem para longas jornadas de trabalho, além de deixarem suas famílias por um longo período”, declara Rui Moreira, diretor de Marketing da Goodyear (grifo nosso).

Há uma quantidade enorme de caminhoneiros no Brasil. Dessa maneira, compreendemos ser interessante para a Goodyear promover concursos como o Herói das Estradas, de tal forma a cativar esses profissionais a comprarem seus pneus e outros produtos. Nesse trecho, a questão da necessidade de valorização e, agora, de reconhecimento parece mostrar que os caminhoneiros são desvalorizados e não reconhecidos, porque, senão, não haveria a necessidade de a Goodyear mencionar que os valoriza e que os reconhece.

Na perspectiva do imaginário excludente, chamamos a atenção para um enunciado presente no site do programa Herói das Estradas: “Todo herói merece reconhecimento. Conte seu ato heróico. A sua história pode valer um caminhão”. A imagem de não reconhecimento pode ser (entre)vista ali, já que, se os caminhoneiros merecem ter reconhecimento, isso nos faz pensar que esses trabalhadores não são reconhecidos por algumas frações da sociedade. Pensando nessa questão do não reconhecimento e, também, na questão da desvalorização, apresentamos um trecho de uma entrevista que realizamos com o caminhoneiro pxzeiro Tião do Pó (2011), de Uberlândia/MG:

Pesquisador: [...] E como que você acha que a sociedade, o mundo aí de fora, de uma forma geral, vê o caminhoneiro? Como que a sociedade vê o caminhoneiro será, né?

Tião do Pó: É, aí, eu nunca tive assim discriminação assim, muita, muita, não, mas tem bastante discriminação, mas tem muita gente boa que conhe-

ce, que dá valor também, né, na profissão de caminhoneiro, sabe que é difícil. Não é fácil. Tem gente que viaja aí e fica sessenta, setenta dia, colega meu, fora de casa. É complicado. Longe da família. Longe de casa. Num tem coisa melhor que a casa da gente. E deixa isso tudo porque gosta da profissão porque tem que gostar pra viajar e deixar a família. Mas tem muita discriminação, a gente vê muita.

Tião do Pó afirmou que nunca sofreu discriminação, porém, logo em seguida, disse que “muita, muita, não”. Essa expressão indica a possibilidade de já ter sofrido discriminação por ser caminhoneiro. O advérbio de frequência “nunca”, que generaliza a ideia de não discriminação, parece se esfalçar com a presença do advérbio de intensidade “muita” e de negação “não” na expressão “muita, muita, não”. A repetição dos advérbios “muita, muita”, em vez de acirrar, modaliza o sentido, disfarçando a discriminação.

Tião do Pó, ao dizer que há muita discriminação, mas também muita valorização acerca da profissão de caminhoneiro, revela o caráter contraditório da identidade de todo e qualquer grupo social. Entretanto, a partir dos dizeres desse caminhoneiro pxzeiro, compreendemos que aquilo que há de melhor na profissão se sobrepõe àquilo que pode se configurar como não sendo bom. Ele se ressentido pelo modo como é representado imaginariamente, mas isso não é a tônica em seu dizer. Não é por acaso que Tião do Pó diz: “tem muita gente boa que conhece, que dá valor também”. É como se estivesse dizendo que “não tá nem aí” para os modos pejorativos de a sociedade ver os caminhoneiros, posto que está executando uma profissão da qual gosta. Aliás, segundo esse caminhoneiro pxzeiro, “tem que gostar pra viajar e deixar a família”, o que mostra, a nosso ver, um amor pelo modo de vida do caminhoneiro e, mais do que isso, um amor pela máquina.

7. Amor pela máquina: caminhão e caminhoneiro, “caminhãoneiro”

O modo de vida dos caminhoneiros representa uma espécie de fusão entre homem e máquina. Vilaça (1987) afirma que há um elo de intimidade entre caminhão e caminhoneiro, de modo que “tanto quanto possível se in-

tegram, confundindo-se. O teste para saber se a válvula da câmara de ar está falhando é o cuspe do homem” (VILAÇA, 1987, p. 19). De certa forma, o caminhoneiro tem uma relação de simbiose com o caminhão, é um imbricamento entre caminhão e caminhoneiro, tornando-se uma espécie de “caminhãoeiro”. Geralmente, os caminhoneiros demonstram amor pela máquina, pelo caminhão. É possível vermos, com alguma facilidade, caminhões enfeitados com letreiros luminosos, com frases em para-brisas, com luzes espalhadas por várias partes, com antenas de diferentes tamanhos, com bandeiras de times, com chapéus espalhados pela cabine etc. Há um romantismo do caminhoneiro com o seu caminhão, e ambos integram a paisagem brasileira.

Segundo Vilaça (1987, p. 43), “o caminhão é chamado generalizadamente de – carro. Em qualquer parte do país. A estranhos pode parecer que carro seja apenas auto, o carro de passeio, mas para o motorista não”. Chamar o caminhão de carro produz um tom de carinho pela máquina, pois muitos brasileiros demonstram isso por seus carros ao mantê-los impecáveis por dentro e por fora. É comum vermos escrito em para-brisa de caminhões: “Presente de Deus”. Esse dizer apresenta um tom de que os caminhoneiros gostam do que fazem, visto que, se não o fosse, não seria um presente, mas, sim, uma espécie de carga.

Nessa perspectiva do amor pela máquina, é possível que isso seja visualizado no modo como são denominados os caminhoneiros. Noel (2006, p. 15) dá alguns exemplos: “o grande protagonista do mundo das rodovias: o caminhoneiro – herói do volante, rei das estradas, abre-alas do desenvolvimento”, chofer de caminhão, entre outras denominações. Ser “chofer” de caminhão, e não simplesmente “motorista”, produz um tom de carinho pela máquina. Talvez, por isso, indo além de uma questão de necessidade, os caminhoneiros façam comidas no caminhão, vejam filmes, ouçam músicas, durmam etc., estando numa integração com a máquina. Ratificando essa integração, Noel (2006, p. 66) diz que

as precauções com a mecânica dividem a atenção de muitos caminhoneiros com o trato da cabine. Muitas delas rodam arrumadas e enfeitadas, ao con-

trário do que imaginam motoristas e passageiros de automóveis que cruzam com os caminhões nas estradas. Elas não são regra geral, é verdade, mas há muitos motoristas que fazem questão de manter o espaço de trabalho, sua segunda casa, impecável – bancos e sofás forrados, cortinas, ventilador, rádio, CD player, televisor, aparelho de rádio amador e até minigeladeira.

O caminhão como segunda casa – ou seria primeira casa? – remete-nos ao que diz Lima (1993, p. 11) sobre a personagem Daniel no livro “O filho do caminhoneiro”: “a carreta era o seu lar e sua escola de vida. Era o seu ganha-pão e o seu divertimento”. Essa questão da diversão no trabalho pode indiciar um modo de (r)existência de si relacionado aos caminhoneiros, que parecem realizar jogos de linguagem como forma de suportar possíveis aspectos árdus da profissão. Além disso, não é qualquer profissional ou todo caminhoneiro que tem o local de trabalho como lar, o que indicia um modo de vida específico, calcado nas condições de vida.

O imbricamento entre ganha-pão e divertimento reforça a ideia de que os caminhoneiros, de forma geral, amam o seu modo de vida, de maneira que, no lugar de vir somente a lamentação, via rádio amador, relacionada ao trabalho, vem também o entretenimento e, conseqüentemente, a não lamentação por meio de jogos de linguagem. Talvez seja o amor pela máquina e pela “vida de tapetão” que faz com que muitos deles considerem que estão “presos” se estiverem em casa e “livres” quando no caminhão. No entanto, dependendo da relação simbólica que os caminhoneiros estabelecem com a profissão, o caminhão pode significar também “prisão” e não “liberdade”. Há sentidos muito diferentes dependendo de como os discursos incidem nos caminhoneiros. Esses trabalhadores lidam de modos diferentes com o caminhão, de sorte que há aqueles que mantêm a máquina enfeitada, enquanto há aqueles que nada fazem para enfeitá-la, demonstrando, neste caso, uma relação automatizada com a profissão.

Há relação entre as condições de vida dos caminhoneiros e o que eles produzem na prática discursiva pxzeira. Neste livro, interessam-nos os possíveis efeitos de sentido que a ludicidade, a partir de jogos de lingua-

gem de caminhoneiros pxeiros, produz nessa prática discursiva. Por isso, pautamo-nos na Análise de Discurso pècheuxtiana, pois essa teoria lida com a relação entre linguagem e condições de produção, que já são as condições de vida simbolizadas. Essa relação nos é muito cara, uma vez que os dizeres dos caminhoneiros pxeiros, via rádio amador, estão atados a suas condições de vida e a certas imagens sociais acerca desses trabalhadores.

2

Análise de Discurso: construções e relações

1. O campo da Análise de Discurso: constituição, discurso e sentido

A Análise de Discurso é um campo de atravessamentos, já que é constituída por um quadro epistemológico que, segundo Pêcheux e Fuchs (1993, p. 163), reside “na articulação de três regiões do conhecimento científico”: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso. Esses autores dizem, ainda, que essas três regiões “são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 164). A teoria psicanalítica da subjetividade não subjetivista nega uma noção de sujeito psicologizante e empírico. Assim, há a fundação de uma nova disciplina, uma disciplina de interpretação, posto que a AD, desde os seus primórdios, prima pelo modo subjetivo não subjetivista.

A teoria não subjetivista da subjetividade permite-nos trabalhar com questões relacionadas à regularidade discursiva da prática do grupo PX de rádio amador, uma vez que o sujeito discursivo, noção de sujeito da AD, não é origem do dizer, nem do sentido. Essa regularidade, conforme já dissemos, incide nos jogos de linguagem realizados por caminhoneiros pxzeiros produzindo ludicidade, a qual parece gerar efeitos de resistência simbólica. O sujeito discursivo caminhoneiro pxzeiro funciona em uma subjetividade, ou seja, em um modo de ser, que não é único desse caminhoneiro, posto que a subjetividade está para a ordem do funciona-

mento social do grupo PX, portanto essa subjetividade estende-se para os outros pxzeiros.

Ainda sobre a constituição da AD, entendemos que todas as noções advindas de outros campos para esse campo não mantêm, exatamente, o estatuto que têm em seus campos, ganhando ali outro estatuto, de modo que, por exemplo, a noção de sujeito na Psicanálise não é a mesma noção de sujeito na AD. Essas questões mostram que não se trata de interdisciplinaridade, pois um campo não vai complementar o outro. Por isso, segundo essa compreensão, Eni Orlandi, na “Nota ao leitor” do livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*, de Pêcheux (2008), afirma ser a AD uma teoria de entremeio, no sentido de ir a outros campos para fundar o próprio, mas não sendo nenhum desses campos. Isso indica que a AD é uma disciplina que não é o Marxismo (Ciências Sociais), nem a Linguística (Teoria do Discurso), nem a História; tem nelas o seu tripé, surgindo a partir delas. Aliás, conforme Henry (1993, p. 33), “se há ciência, esta não pode estar senão no ‘entremeio’”.

Henry (1993, p. 26) diz que “é justamente para romper com a concepção instrumental tradicional da linguagem que Pêcheux fez intervir o discurso”. A AD, como uma teoria do discurso, parte do pressuposto de que a linguagem está para a ordem da opacidade. Essa característica pode ser relacionada ao que diz Pêcheux (2008) sobre autores que se queixaram por não terem sido lidos do modo como gostariam. Karl Marx, segundo esse autor, afirmou que era marxista, mas não no sentido como estava sendo lido e entendido. Isso ocorre porque, segundo o campo teórico da AD, os dizeres e os discursos se (entre)cruzam, o que fundamenta, de certa forma, a equivocidade da linguagem. Por isso, não há o discurso de uma dada prática discursiva em detrimento de outra(s), embora haja certa regularidade (estabilidade) no (modo de) dizer de toda e qualquer prática discursiva. Há diferentes discursos em um dado dizer, posto que o sujeito habita (e é habitado por) diferentes práticas.

A AD trabalha com sentidos sociais de práticas discursivas, discorrendo sobre o possível modo de funcionamento discursivo delas. Afirma-

mos “possível” tendo em vista que “não há discurso estanque que os torne de todo ‘controláveis’ nem discurso que garanta uma correspondência estrita aos lugares (posições) em que é produzido. Uma vez posto em circulação, ele pode se deslocar por qualquer ponto dos processos discursivos” (ORLANDI, 1997, p. 121). Não há discurso que não esteja vinculado a outros, pois “um discurso é sempre o ponto de emergência, continuidade e descontinuidade de outro” (SOUZA, 2009, p. 71).

Um determinado (efeito de) sentido não pertence pura e simplesmente a uma determinada prática discursiva, o que mostra que a contradição é constitutiva de todo e qualquer (modo de) dizer. Assim, só é possível vincular certos dizeres e certos modos de dizer a determinadas práticas e não a outras pela via do imaginário – efeito de unidade –, já que as “mesmas” palavras habitam diferentes práticas discursivas. Por exemplo: o termo “muriçoca”, que significa, na prática do grupo PX de rádio amador, caminhão pequeno, antigo, desconfortável e/ou que não anda muito rápido, pode ser empregado com esse significado ou outro(s) significado(s) em outras práticas.

Visto que as palavras vêm carregadas de sentidos, alguém pode, muito bem, ser surpreendido em “seu” dizer por sentidos relacionados a práticas discursivas com as quais não se identifica. Naquilo que dizemos, há sentidos outros, o que significa dizer que não há origem para o sentido, nem para o discurso. Falar em origem para o discurso é estar na ordem do imaginário, pois este tende ao “um dos sentidos”, de maneira que sugere não haver falha possível nos dizeres.

Sobre a impossibilidade de origem para o discurso, Orlandi (2005, p. 39) afirma que “não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. Essa afirmação reforça uma ponderação de Saussure (2006, p.16), para quem, “a cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução; a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado”. Essa compreensão permite pensar nas relações associativas explicadas por esse autor, as quais mostram que os signos linguísticos se correlacionam. Em certo

sentido, se os signos se correlacionam, é porque há todo um componente histórico envolvido na linguagem, de maneira que o presente e o passado se imbricam perpetuamente. A regularidade discursiva e a irregularidade discursiva são asseguradas por esse componente histórico (memória discursiva). O discurso (objeto de estudo da AD), que tem como base a linguagem, está radicalmente para a ordem de uma inquietude fundante.

Na perspectiva dessa inquietude, segundo Courtine e Marandin (1981, p. 21), a AD é “uma disciplina que, nós sabemos, por praticá-la, inquieta de seu objeto”, o discurso, o qual não é homogêneo, uma vez que todo e qualquer dizer é heterogêneo em si mesmo. Na verdade, a heterogeneidade é radical, de sorte que não há como saber, exatamente, como alguém será entendido em relação à produção de dizeres, ou, então, até mesmo em relação ao modo como olha, como se veste, como ri, como gesticula, entre outras produções de linguagem. Assim, não há como desmembrar qual será o agenciamento de sentido que afetará um determinado dizer. Há, nas palavras e nos sentidos, aquilo que é do outro, de maneira que não há como controlar e/ou dominar as possibilidades de sentido. Pêcheux (2008) nos esclarece que um efeito de sentido outro sempre pode ser (entre)visto nos dizeres.

O (entre)cruzamento de dizeres tem a ver com a heterogeneidade, a qual, conforme Courtine e Marandin (1981, p. 23), é um “elemento constitutivo de práticas discursivas que se dominam, se aliam ou se enfrentam, em um certo estado de luta ideológica e política, no seio de uma formação social e em uma conjuntura histórica determinada”. Pensar em heterogeneidade radical (fundante) não é pensar em uma espécie de diversidade, mas, sim, em algo que é constitutivo, no sentido de estar impregnado e pregado nos próprios dizeres. No entanto, embora esteja presente nestes, isso não representa que seja localizável. Por isso, há o esfacelamento de qualquer possibilidade de sinonímia entre homogeneidade e discurso.

Refletindo acerca dessa impossibilidade sinonímica, destacamos que Pêcheux (1993, p. 82, grifo do autor), já na primeira época do campo da

AD, afirma que “o termo *discurso* [...] implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B”.¹ Em outras palavras, o discurso é efeito de sentido entre (inter)locutores. É efeito porque outros efeitos de sentido podem ser “sentidos” nos dizeres, o que indica o não fechamento dos sentidos. A noção de discurso como efeito de sentido não é abandonada por Pêcheux nas duas outras épocas subsequentes. Ao contrário, ela é explorada e desenvolvida. Esse não abandono se deu porque pensar em sentido a partir da disciplina em questão é pensar em relação e, por conseguinte, em efeito, e jamais em imanência.

Pêcheux (1997) afirma que o discurso implica um funcionamento, tendo a língua como lugar privilegiado, o que não implica que seja a única base material, já que os processos discursivos habitam diferentes manifestações e materialidades de linguagem. Pêcheux (1993, p. 148), ao dizer que a AD é uma “teoria geral da produção dos efeitos de sentido”, faz-nos refletir que o discurso atravessa diferentes bases materiais: palavra, pintura, escultura, música etc. Essas bases materiais permitem a produção de diferentes efeitos de sentido, dado o equívoco constitutivo delas.

No que diz respeito ao lugar privilegiado para o discurso, Pêcheux (1997, p. 91, grifos do autor) afirma que “a língua se apresenta [...] como a *base* [material] comum de *processos* discursivos diferenciados”, antagônicos, de maneira que ela é falada de diferentes modos a partir de diferentes espaços discursivos. Em outras palavras, segundo Pêcheux (1997, p. 172), “o discurso de cada um [re]produz o discurso do outro (uma vez que [...] cada um é o espelho dos outros)”, ou seja, de acordo com Orlandi (2005, p. 32), “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras”. Assim, há uma espé-

¹ Esses elementos A e B não dizem respeito ao indivíduo, pessoa física, o que remeteria ao empirismo. Pêcheux (1993, p. 82, grifo do autor) afirma que A e B “são lugares [que] estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo”. Esses lugares são efeito de linguagem, visto que o sujeito discursivo é efeito de linguagem.

cie de imbricamento entre presente e passado pulsando nos dizeres, nos discursos e nos sentidos.

Tomando por base a AD em sua terceira época (AD3), o discurso está para a ordem do acontecimento (discursivo) e da estrutura, envolvendo presente e passado, ou seja, o aqui e agora e a memória discursiva (interdiscurso). Para Bertoldo (2011, p. 81), essa época “pode sustentar uma noção de discurso como acontecimento na estrutura, porque há tensão entre os processos enunciativos e discursivos, configurando-se, assim, outro olhar para o tratamento e constituição dos diversos tipos de *corpora* com que trabalha”. Essa tensão, a qual indica que a enunciação está imbricada no discurso, permite efeitos de sentido e, por conseguinte, referenciais previstos e/ou imprevistos. Isso mostra que o sentido é provisório, incompleto e, por isso, desliza, muda e move-se.

A partir desses apontamentos, é possível dizer que a noção de discurso na AD3 constitui um certo refinamento, sem abandono, da noção de discurso como efeito de sentido entre (inter)locutores. Tal noção na AD3 abre para a consideração do acontecimento na estrutura. Considerar o acontecimento discursivo não implica a não consideração da regularidade discursiva, visto que o discurso é regularidade vinculada a práticas discursivas. Filiamo-nos, justamente, a essa concepção de discurso como regularidade de práticas discursivas, lembrando que regularidade não quer dizer exclusividade de espaços discursivos. Isso porque falar em discurso é, de certa forma, falar em interdiscurso (memória discursiva), o qual permite com que os dizeres possam fazer sentido. Dito de outro modo, o interdiscurso, entre outros aspectos, permite a produção de processos discursivos nas práticas discursivas dos espaços discursivos.

2. Interdiscurso, processos discursivos, práticas discursivas e espaços discursivos

Há diferentes redes de memória discursiva (interdiscurso) asseguradas pela linguagem. O sujeito, efeito de linguagem, (re)produz dizeres

de diferentes redes. O conjunto dessas redes diz respeito ao interdiscurso, o que significa que pensar em redes é pensar em diferentes regionalizações de sentido nele estabelecidas. A consideração das regionalizações de sentido indica que falamos (com) a mesma língua, no entanto isso se dá de modo diferenciado nas práticas discursivas. A língua recebe, portanto, influências de diferentes processos discursivos.

A significação (o sentido) é dependente do interdiscurso, que não é a memória individual relacionada a lembranças, mas, sim, a memória discursiva (via linguagem), de produção e configuração de sentidos sociais. Por isso, o sentido não pode ser qualquer um, posto que está intimamente ligado ao interdiscurso. De acordo com Courtine e Marandin (1981, p. 24, grifo dos autores), o interdiscurso é o “processo de *reconfiguração incessante*”, representando o já dito e, também, o a ser dito. O interdiscurso é a base para a produção dos sentidos, visto que é, segundo nosso entendimento, o acúmulo de todos os dizeres já (re)produzidos e de todas as possibilidades de (se) dizer. É aquilo que fala antes e em outro lugar, o já-dito. É tudo o que já foi dito, produzido, e o que não foi ainda, mas está em potencialidade, a dizer, a produzir.

Não é toda uma rede de memória que afeta alguém e, além disso, não afeta a todos do mesmo modo. Há singularidade em jogo, de maneira que pode ocorrer a desestabilização do sentido. Embora toda e qualquer rede de memória discursiva seja social, no sentido de ser coletiva, apenas alguns aspectos são compartilhados. Por isso, segundo Pêcheux (2010, p. 56),

uma [rede de] memória [discursiva] não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Em consonância com essa citação, compreendemos que toda e qualquer rede de memória discursiva é constituída por furos (buracos) – por

isso, é uma “rede” –, sendo nessa espécie de intervalo o lugar do diferente. Assim, consideramos pertinente afirmar que há apenas traços de redes de memória operando nos dizeres, posto que há outras possibilidades de sentido relacionadas à(s) rede(s) de memória movimentada(s) nas enunciações. Essas possibilidades acirram o caráter “esburacado” das redes de memória discursiva (o interdiscurso), que é constituída pela falha.

Os dizeres, traços de rede de memória discursiva, integram os processos discursivos, que dizem respeito aos processos de produção de sentidos. Pêcheux (1993, p. 74, grifos do autor) propõe “designar por meio do termo *processo de produção* o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”. Essa afirmação sugere que os processos discursivos relacionam-se a mecanismos linguísticos, discursivos e enunciativos, mecanismos esses que levam à produção de dizeres que tendam ao “um do sentido” numa determinada prática discursiva.

Associamos essa questão do “um do sentido” ao que Pêcheux (1993, p. 97) diz sobre a “repetição do idêntico através das formas necessariamente diversas que caracteriza [...] o mecanismo de um processo de produção”. Em outras palavras, essa repetição, o “um do sentido”, diz respeito a um modo específico de dizer, modo esse que pode se dar de diferentes maneiras, porém estabelecendo sentidos similares que vão à “mesma” direção. Como prova de um mecanismo implicado em um processo discursivo, salientamos a voz musicada que acontece na prática do grupo PX de rádio amador, voz essa que constitui parte da produção do (modo de) dizer dessa prática, manifestando-se ali, conforme mostramos em nossas análises, ora de maneira ascendente e descendente, ora de maneira descendente e ascendente.

Os processos discursivos têm relação com a produção de modos específicos de dizer, no sentido de que o modo como se diz é o resultado de um dado processo discursivo, o qual é um complexo de mecanismos e não somente um mecanismo isolado. Os processos discursivos constituem as práticas discursivas, nas quais há certa estabilidade do(s) sentido(s), porque “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que

não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9). Há, nas práticas discursivas, a produção de certas repetições dos e nos dizeres. Por isso, Rose (2001a, p. 47-48), que se embasa no pensamento foucaultiano, afirma que

os seres humanos não são os sujeitos unificados de algum regime coerente de governo que produza pessoas da forma que ele imagina. Pelo contrário, eles vivem suas vidas em um constante movimento entre diferentes práticas, as quais os subjetivam de diferentes maneiras. As pessoas são, nessas diferentes práticas, interpeladas como diferentes tipos de seres humanos, imaginadas como diferentes tipos de seres humanos, influenciadas como se fossem diferentes tipos de seres humanos.

As práticas discursivas, que decorrem das relações humanas (sempre simbólicas), subjetivam os seres humanos, moldando-os em um determinado modo de funcionamento discursivo e tornando-os sujeitos. Dito de outra maneira, as práticas discursivas estruturam os modos de dizer, dando certa regularidade de sentido a eles, constituindo-se, conforme Maingueneau (1997, p. 56), a “reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso”. Assim, as práticas são produzidas na linguagem pela sociedade, em diferentes espaços discursivos. Elas configuram-se como um aspecto dessa relação constitutiva.

Procurando tecer uma diferença entre prática discursiva e espaço discursivo, a partir do parâmetro dado pelo espaço discursivo da prática discursiva do grupo PX de rádio amador, compreendemos que a prática tem a ver com o modo de dizer, enquanto o espaço vai além, pois envolve não só a prática, mas também os membros do grupo na relação entre si, bem como a tecnologia em questão. O espaço discursivo não é físico, mas, sim, simbolizado, na medida em que um pxzeiro pode estar num caminho, numa caminhonete ou num cômodo qualquer, porém, possuindo o rádio amador e colocando-se na ordem discursiva pxzeira, vai estar no espaço discursivo da prática discursiva pxzeira.

A prática discursiva está relacionada ao que acontece no espaço discursivo. O modo como se diz no espaço discursivo do grupo PX é da prática discursiva desse grupo, mas também é do próprio espaço discursivo. Ao dizer de um modo e não de outro, o pxzeiro funciona discursivamente na prática e se inscreve no espaço. O espaço discursivo pxzeiro tem a ver com a relação semelhante entre os trabalhadores membros do grupo: caminhoneiros, mecânicos, técnicos em eletrônica etc., posto que, em última instância, eles lidam com a máquina, podendo, inclusive, exercer certas funções num mesmo caminhão. Esses profissionais se inscrevem num mesmo espaço discursivo, pois mantêm certa relação de semelhança com o Estado. Inclusive, por vezes, são eles que fazem seus próprios horários de trabalho. Em resumo, o espaço discursivo afeta a prática discursiva (e vice-versa), o que significa dizer que há relação entre sociedade, linguagem e prática.

Abrindo um breve parêntese, essa relação entre prática, linguagem e sociedade coaduna com o próprio material de trabalho da AD. Conforme Orlandi (2005, p. 16), a Análise de Discurso trabalha “com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade”. Como a sociedade é dividida, há práticas discursivas diferenciadas. Dependendo da relação com a sociedade, certos modos de dizer de certos sujeitos não cabem em certos espaços discursivos.

Retomando a relação entre práticas discursivas e processos discursivos, entendemos que toda e qualquer prática discursiva pressupõe um processo discursivo, que se relaciona ao modo como uma dada prática se configura historicamente. Embora uma prática se diferencie de outras, os mecanismos que a compõem aparecem em diferentes práticas, o que nos remete à manifestação da voz musicada da e na prática pxzeira, voz essa que, segundo nossa análise, aponta para uma voz semelhante à voz dos locutores de rádio. Entretanto, se um mesmo mecanismo é compartilhado por diferentes práticas, outros não o são, porque senão se trataria da mesma prática discursiva. Desse modo, apesar de terem certa proximidade entre si, as práticas discursivas se diferem.

Minimamente, uma determinada prática discursiva comporta um determinado processo discursivo. Este, por sua vez, comporta diferentes mecanismos, os quais constituem, em certo sentido, outros processos discursivos e, conseqüentemente, outras práticas discursivas. Afinal, a heterogeneidade perpassa as práticas discursivas e, por conseguinte, as discursividades, as discursivizações e as condições de produção.

3. Discursividades, discursivizações e condições de produção

Embasando-nos na perspectiva da Análise de Discurso, compreendemos que as mudanças da e na sociedade vão permitindo e provocando a emergência de diferentes discursividades, que estão vinculadas a um falar sobre alguma questão. Já as discursivizações dizem respeito ao processo de produção desse falar sobre. Assim, as discursividades estão para a ordem do produto desse processo, configurando-se como o resultado, o efeito.

Aprofundando, afirmariamos que os dizeres, de uma forma geral, são produzidos de um determinado modo, havendo neles as discursivizações como processos de produção de sentido, como processos discursivos. Já as discursividades são tudo aquilo que vai aparecendo e comparecendo a partir do social, de modo que, segundo Maingueneau (1997, p. 56), “para analisar a discursividade, é preciso tornar complexo o que se entende habitualmente por ‘condições de produção’”, conforme discorreremos um pouco mais adiante.

Pensando acerca de um exemplo de discursividade, décadas atrás, parece-nos que os caminhoneiros eram praticamente vinculados somente a discursividades sobre serem os heróis das estradas. No entanto, apesar de esse tipo de discursividade estar ainda presente, outras vão surgindo, as quais, muitas vezes, estão relacionadas a um caráter pejorativo, como podemos notar nestes dizeres:

Os [caminhoneiros] que exerceram a profissão ao longo das três últimas décadas, perceberam que, com o passar dos anos, apesar do trabalho do caminhoneiro continuar sendo essencial para a economia do país [no caso, Brasil],

já que esta se baseia [sobretudo] no transporte rodoviário, não é mais tratada como uma das profissões mais importantes como fazia parecer nos anos 70, e nos últimos ela vem sofrendo desvalorizações (ROSA, 2006, p. 44).

Conforme abordamos no capítulo anterior, um dos aspectos que mostram a desvalorização da profissão dos caminhoneiros liga-se à discursividade sobre imprudência, o que vai de encontro àquela discursividade sobre heroísmo, posto que ser herói parece levar à prudência e não à imprudência. A nosso ver, esse caráter de heroísmo relacionado aos caminhoneiros pode ser uma forma de exaltação produzida e/ou veiculada por aqueles que precisam ter as próprias mercadorias transportadas. Assim, a partir do entendimento de que os caminhoneiros devem realizar o transporte no menor tempo possível, dada a própria demanda do mercado de trabalho, compreende-se por que aqueles caminhões (geralmente lentos) são chamados de “muriçocas” na prática pxeira. Estes caminhões impedem os outros de circular com mais rapidez nas estradas, o que provoca atrasos, que, por sua vez, geram imprudências por excesso de velocidade.

No Capítulo 4, procuramos mostrar, a partir de dois recortes, o processo discursivo no qual o termo “muriçoca” é produzido e, dessa forma, falar sobre possíveis efeitos de sentido que podem ser produzidos com esse termo na prática discursiva do grupo PX. Há, nessa análise, discursivizações e discursividades em jogo. Quando tocamos na questão da voz musicada nessa prática, voz essa incidindo no termo “muriçoca” e em termos ao seu redor, isso já aponta para um aspecto da discursivização. Quando procuramos explicitar efeitos de sentido possíveis que decorrem da emergência desse termo na relação com outros termos via uma voz musicada (ou não) e sob determinadas condições de produção, estamos no âmbito das discursividades, já que falamos sobre possíveis efeitos que uma discursivização pode produzir.

Sob o ponto de vista discursivo, é preciso levar em conta as condições de produção para a compreensão e a construção de efeitos de sentido, pois elas permitem a configuração histórica do(s) sentido(s), configuração essa

que faz com que haja uma espécie de estabilidade (regularidade) no(s) sentido(s) do(s) dizeres. Segundo Orlandi (2005, p. 30), “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”. Assim, levar em conta as condições de produção implica considerar a historicidade dos e nos dizeres, no sentido de que, conforme Orlandi (2012, p. 183-184), “as condições de produção (conjuntura sócio-histórica) funcionam ideologicamente pelo imaginário que liga os homens a suas condições materiais de existência”, havendo o imbricamento entre (inter) locutores, momento e lugar histórico e social. Em suma, as condições de produção são as circunstâncias de um discurso.

Pêcheux (1993, p. 77-78, grifos do autor) diz que “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas”, as quais se configuram como “mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso”. As condições de produção moldam, em certo sentido, o modo como o sujeito diz, tornando-se constitutivas do que foi, é e vai ser dito. Por isso, em referência aos caminhoneiros, elas envolvem as condições de vida (condições de trabalho) e o jogo de representações imaginárias acerca deles. As condições de produção não são a situação empírica, mas, sim, a situação simbolizada, situação discursiva, na qual há sujeito dizendo. Em alguns recortes analisados no Capítulo 4, afirmamos que caminhoneiros pxeiros estavam passando por certa adversidade ou tensão em estrada. Essa afirmação só foi possível porque seus dizeres associados às suas condições de produção nos permitiram essa interpretação.

As condições de produção configuram-se como todo o entorno, o social (condições de vida e representações imaginárias). No caso das condições de vida, diríamos que as condições de produção já seriam essas condições simbolizadas, permeadas pelo simbólico, portanto equívocas. No capítulo anterior, discorremos que a profissão de caminhoneiro é caracterizada por uma carga horária excessiva de trabalho. Essa característica, que diz respeito a algo das condições de produção dos caminhoneiros, tem relação

com um relato pessoal de um caminhoneiro pxzeiro. O modo como é feito esse relato permite a (re)construção de possibilidades do que são certas condições de produção para certos caminhoneiros.

Em 2011, o pxzeiro Barra Forte recebeu, em sua residência, no município de Monte Carmelo/MG, uma visita do caminhoneiro pxzeiro Tião do Pó, de Uberlândia/MG. Esse caminhoneiro, como já é de costume, visita Barra Forte ao passar, em suas viagens, pelo município de Monte Carmelo. Aproveitando a visita de Tião do Pó, realizamos uma entrevista com ele relacionada a representações acerca (das condições de vida) dos caminhoneiros. Após a realização da entrevista, esse trabalhador relatou uma passagem de sua profissão de caminhoneiro:

Mas é bão quando cê tá fazendo uma coisa que cê gosta, né, cê faz com mais prazer. Igual tava te falando com negócio de horário. Esses trem aí é complicado. Tava falando pro seu pai, eu, sexta-feira, sábado, eu fui pra Paracatu, aí saí de Paracatu e fui pra Belo Horizonte, voltei pra Sete Lagoas no domingo. Fui pra Belo Horizonte, vim pra Paracatu no domingo. Cheguei em casa era meia-noite. Três horas da manhã, saí de novo pra tá aqui em Paracatu. Voltei, cheguei em Uberlândia meio-dia, saí de lá duas e meia, descarreguei em Paracatu de novo. Aí, vim, cheguei era, fui dormir era umas quatro hora da manhã já. Acordei seis e meia da manhã, eles me ligando, faltando caminhão na central lá. “Oh, tem que vim cá pra carregá pra Catalão”. E de Catalão fui pra Belo Horizonte. Aí, dormi das quatro às seis e meia. Fui pra Catalão, vim, fui pra Paracatu. Aí, os caminhão da Citrobela num tava dando conta de puxar as cebola e os mamão de lá pra cá porque aumentou muito esse mês agora. Aí, eles queria que eu fosse carregar o mamão ou cebola. Ficaram me enrolando até meia-noite, tava chovendo demais. Aí, “não, num vai carregar não, num dá pra carregar não, amanhã, o caminhão sai”. Beleza, cheguei no Guarda-Mor ali, dormi, aí, eles me ligando sete e pouco da manhã. “Cadê o caminhão, tô esperando o caminhão”. “Não, sô, tô aqui no Guarda-Mor”. O cara ainda ficou bravo ainda. “Ah, tá esperando o caminhão aqui, tá contando com o caminhão aqui pra carregar”. Eu falei: “nããão, arruma um robô pro cêis aí, num tem jeito não. Liga pro meu patrão e fala com ele lá. Se vira com caminhão aí”.

Ressaltamos que Tião do Pó começou dizendo que é bom realizar uma tarefa da qual se gosta. No seu caso, ser caminhoneiro. Esse trabalhador mencionou as cidades por onde passou em um curto período de tempo: em Minas Gerais, Belo Horizonte, Guarda-Mor, Paracatu, Sete Lagoas e Uberlândia, e, em Goiás, Catalão. Isso mostra, em certo sentido, que os caminhoneiros passam por vários lugares num mesmo dia, o que pode indiciar uma carga horária excessiva de trabalho.

Em um dado momento de seu relato, Tião do Pó afirmou que não foi possível carregar seu caminhão, já que estava chovendo muito, então ele foi para Guarda-Mor e por lá dormiu. Ao receber uma ligação por volta das sete horas da manhã de alguém, provavelmente, da empresa onde ele próprio trabalha, exigindo que o caminhão já estivesse num determinado lugar para ser carregado, Tião do Pó disse: “Nããão, arruma um robô pro cêis aí, num tem jeito não. Liga pro meu patrão e fala com ele. Se vira com caminhão aí”.

Observarmos que não foi dito “arrumar” (conseguir) um substituto, um profissional, um funcionário, um caminhoneiro, um carreteiro, um colega de trabalho, alguém, entre outras possibilidades, mas, sim, arrumar um “robô”. A rede de memória acionada a partir do termo “robô”, rede essa ligada à tecnologia, faz-nos pensar na ideia de que os caminhoneiros precisam ser incansáveis e insaciáveis na execução das tarefas da profissão, pois esta demanda muitas horas de trabalho e muito jogo de cintura para lidar com e suportar diferentes cargas e encargos. Essas características podem ser (entre)vistas a partir deste recorte, que diz respeito a dizeres entre o caminhoneiro pxzeiro Soneca e o pxzeiro Mecânico:²

SONECA: Tive ali no, no Trans-América no Uberaba e arrochei o carrão de novo, câââmbio?!

MECÂNICO: Tá certo, certinho. Que que cê tá levando pra lá, â?!

² No recorte: “arrochar o carrão” significa acelerar o caminhão ou a carreta; “macanudo” ou “maicanudo”, bom operador de rádio amador, tendo relação de sinonímia com o termo “tubarão”; “aquei”, Ok, positivo; “gordurame”, almoço ou janta; “timba”, “tchali”, tchau.

SONECA: Rapaz... Aqui, de caxão de defunto até caxa de fósforo tem, viu?!

MECÂNICO: Ai, ai, he, brincadera, hein, hehe... É desse jeito aí, Soneca, fazê o quê?! Então, vai com Deus aí, Deus ilumine seu caminho aí. Vai que vai, maicanudo.

SONECA: Anquei. Um abração pro cê aí, respeitosa e com educação ao kit família. Aí, um bom feriadão pro cêis... Daqui a pouco, sai o gordurame aí, toma aí um vinzim pá isquentá i, aí só cama. Um abração pro cê, tudo de bão aí. Pé rachado aqui berano a rodaaage. Um abração pro cê aí. Tudo de bão.

MECÂNICO: Falô, Soneca, timba, tchali...

Nesse recorte, destacamos o dizer de Soneca: “Rapaz... Aqui, de caxão de defunto até caxa de fósforo tem, viu?!”, posto que é possível, a partir desse dizer, tocar em algo das condições de produção dos caminhoneiros. Tal dizer descontraído, um jogo de linguagem, indicia que Soneca estava levando mercadorias variadas no caminhão ou na carreta. Os caminhoneiros, de forma geral, transportam ou estão prontos a transportar diferentes tipos de cargas, visto que, afinal, são tidos como os heróis e desbravadores das estradas. Mais do que isso, é da ordem dessa profissão o transporte de mercadorias variadas, sobretudo quando os caminhoneiros são autônomos e estão à procura de mercadorias para viagem, podendo haver até mesmo excesso de carga para eles conseguirem cumprir determinada demanda de trabalho.

Soneca, no lugar de ter dito certas expressões: muitas mercadorias, muitos produtos, muitas cargas, entre outras, realizou um jogo de linguagem de base lexical e sintática por meio das expressões: “caxão de defunto” e “caxa de fósforo”, rompendo com sentidos socialmente postos. Essas expressões indicam uma diversidade de mercadorias transportadas por Soneca, não significando, propriamente, na literalidade. Entendemos que Mecânico entrou no jogo desse jogo de linguagem via risos, “he” e “hehe”, ocorrendo a produção de ludicidade entre os pxeiros em questão. Outro

jogo de linguagem aconteceu mediante voz musicada incidindo nos termos ditos por Soneca: “cââmbio” e “rodaaage”.

Além dos risos do Mecânico, duas expressões chamam nossa atenção: “é desse jeito” e “fazê o quê”, pois funcionam como paráfrases de expressões analisadas anteriormente: “mas tá beleza” e “mas tá bão”. Todas essas expressões parecem produzir efeito compensatório em relação a valer a pena suportar certos aspectos da profissão de caminhoneiro. Notamos que as expressões ditas por Mecânico apontam para algo das condições de produção dos caminhoneiros, revelando certas dificuldades enfrentadas por esses profissionais, como é o caso da carga horária excessiva de trabalho. As condições de produção determinam que aquilo aparentemente “fora” está refletido no próprio dizer e no próprio modo como se diz.

As condições de produção mantêm uma relação com o interdiscurso. Visto que este está relacionado a toda possibilidade de a linguagem fazer sentido, tais condições ocasionam, de certa forma, um direcionamento de sentidos. No entanto, dada a presença incessante do interdiscurso na produção de dizeres, o esperado, num determinado funcionamento discursivo, pode falhar, mostrando que o sujeito assume diferentes posições discursivas e, também, posições enunciativas não esperadas. Essa falha se dá em decorrência de o discurso ser estrutura e acontecimento.

4. Discurso na AD3 (estrutura e acontecimento): posições discursiva e enunciativa

De acordo com Pêcheux *et al.* (1981, p. 201), “pensar o discurso como acontecimento supõe conceber como o discursivo pode parar um processo, romper uma repetição, o retorno”. Essa questão do retorno permite-nos entrever que os dizeres e suas possibilidades de sentido não surgem do “nada”, dada a presença da memória discursiva (estrutura, em uma leitura possível). Assim, não há uma discursividade nova que não seja sustentada por algo dessa memória, ou seja, que não tenha uma relação com o já-dito. O discurso, que é estrutura e acontecimento, a concomitância entre estes,

envolve presente e passado, os quais estão imbricados. “No acontecimento entrecruzam-se atualidade (o dito aqui e agora) e memória (o já-dito antes e em outro lugar), sendo que uma descontinuidade pode sempre vir desfazer o trajeto aparentemente estabilizado da rede discursiva” (TEIXEIRA, 2005, p. 200). O acontecimento na estrutura aponta para diferentes possibilidades de sentido nos dizeres, visto que aciona e atualiza todo um conjunto de redes de memória.

Teixeira (2005, p. 180) afirma que, levando-se em conta o conceito de acontecimento, Pêcheux aproxima-se da Psicanálise lacaniana, já que, “nas duas abordagens, não se trata de remeter a palavra a um ‘passado’ que daria conta dela, mas de buscar um efeito de sentido no entrelaçamento do passado com o presente”. Esse entrelaçamento mostra que o acontecimento se dá a partir da memória discursiva, base dos sentidos, e ambos constituem o discurso. Desse modo, segundo Pêcheux (2008, p. 56), todo discurso está relacionado a redes de memória e a trajetos sociais e, nesse sentido, “só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos”. Tal possibilidade ocorre porque o acontecimento discursivo, qualquer que seja ele, relaciona-se a outros acontecimentos, podendo apresentar traços (im)previstos de diferentes redes de memória e, por conseguinte, sentidos (não) esperados.

No Capítulo 4, analisamos um recorte em que um caminhoneiro pxzeiro disse que estava “conduzinooo a maclaren”. Já adiantamos que o termo “maclaren” retoma a rede de memória automobilística, vindo no lugar de outros termos: caminhão, carreta etc., e, portanto, produzindo ali certos efeitos de sentido e não outros. O discurso, além de língua e história (memória discursiva), é constituído por inconsciente.³ Por isso, determinados cruzamentos de redes de memória podem se configurar como contingenciais, conforme a expressão “conduzinooo a maclaren”, o

³ Pensamos ser oportuno dizer que, segundo Teixeira (2005, p. 71), “o inconsciente é um dos aspectos relegados pela ciência”, posto que a ciência “ideal” é tida como a ciência da regularidade. Entretanto, levar em conta a noção de inconsciente em pesquisas é levar em conta a imprevisibilidade, a contingência.

que não significa que essa expressão não esteja amparada no modo de dizer da prática discursiva. Nesse sentido,

todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço (PÊCHEUX, 2008, p. 56, grifos nossos).

A partir dessa citação, é pertinente dizer que não há discurso transparente, visto que o atravessamento por “determinações inconscientes” indica que há insabido na língua, base principal do discurso. A língua, que é considerada fechada no “Estruturalismo”,⁴ é esburacada na perspectiva da AD3. De acordo com Orlandi (1999, p. 2),

a língua é capaz de falha. Essa possibilidade – a da falha – é constitutiva da ordem simbólica. Por seu lado, o equívoco já é fato de discurso, ou seja, é a inscrição da língua (capaz de falha) na história que produz o equívoco. Este se dá portanto no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente. O equívoco é a falha da língua, na história.

A falha da e na língua é causada pela existência do real da língua. Essa abertura na língua leva à produção de sentidos outros, é o real da história, que produz o equívoco no discurso. O real da história não é o equívoco, ele o produz. Portanto, o equívoco, efeito do fato de que há o real da história, está relacionado à possibilidade de o sentido ser outro. O equívoco já implica sentido, sendo este da ordem do discurso e não da ordem da língua. O equívoco possibilita que haja sempre a produção de efeitos de sentido diferentes. A linguagem, em certo sentido, é discurso, porque é a língua em funcionamento, afetada pela história em circunstâncias efetivas. Por isso, a linguagem é equívoca.

⁴ Segundo Benveniste (2006, p. 34), “o estruturalismo é um sistema formal. Ele não diz absolutamente nada sobre o que denominamos a significação”. Entendemos que essa vertente teórica não se preocupa com as possibilidades de sentido que um determinado signo linguístico pode assumir na relação com outros signos. Por isso, a estrutura é tida como fechada.

O discurso como estrutura e acontecimento envolve tanto posição discursiva quanto posição enunciativa. Essas posições são permitidas pelo encontro do acontecimento com a estrutura, a qual comporta o furo. A posição discursiva é associável à regularidade discursiva, ao passo que a posição enunciativa é associável à irregularidade discursiva, no sentido de que as associações e relações linguísticas são singulares. Por isso, no agenciamento das palavras, há aquelas que vão aparecer em detrimento de outras, dado o subjetivar-se nelas e não em outras. Em nossos recortes, há elementos que são relativos à posição enunciativa em funcionamento. Contudo, nosso foco é mostrar o funcionamento de algo que é específico, regular, do grupo PX. Fazemos a distinção entre as posições discursiva e enunciativa, já que uma está imbricada na outra, mas é a posição discursiva que nos interessa em particular.

A posição discursiva é associável ao que Orlandi (2005) discorre sobre o significado da palavra terra, que significa de modo diferente para um índio, um agricultor sem terra e um grande proprietário rural. Orlandi (2005, p. 42-43) afirma que “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”. Dito de outra forma, de acordo com Pêcheux (1997 [1969], p. 82), as posições (discursivas) são representações das situações (discursivas). Entretanto, isso não quer dizer que uma posição enunciativa não esteja implicada em uma posição discursiva, de modo que pode acontecer de um índio falar como um grande proprietário rural, o que apontaria para o furo na memória discursiva.

O discurso como estrutura e acontecimento comporta enunciação, de sorte que o sujeito não é só posição discursiva, mas também posição enunciativa, a qual mobiliza o dizer de forma diferente. A posição enunciativa está para a ordem de um experienciar, momento esse singular. Na prática discursiva pxzeira, um dado caminhoneiro pxzeiro experiencia uma prática de funcionamento discursivo que não é só dele. Por isso, embora a posição enunciativa “mexa” na posição discursiva, isso pode não significar mudança para outra posição discursiva. É “mexer” no sentido de trazer novas relações na produção do dizer.

Do nosso ponto de vista, a posição enunciativa tem relação com aquilo que desorganiza (desequilibriza) o discurso, produzindo irregularidade. Essa posição está imbricada na posição discursiva. Assim, segundo Bertoldo (2011, p. 82), “o sujeito fala e ao falar permite que a ‘falha’ possa vir à tona, não sendo possível garantir dizeres que pudessem, de forma plena, sustentar uma posição discursiva”, posição esta homogeneizante, estando para a ordem da regularidade (organização, estabilização) de sentidos.

Tecendo uma distinção entre posição enunciativa e posição discursiva, Bertoldo (2011, p. 81) afirma que “a primeira, entendida como lugar privilegiado de emergência do sujeito, comporta uma relação (in)tensa entre discurso e fala e a segunda, reportando-se apenas ao discurso, barra a possibilidade da singularidade”. A prática do grupo PX de rádio amador representa uma posição discursiva, uma vez que há uma ordem discursiva própria, graças ao modo como se diz nessa prática. Por isso, há ali uma rede de memória discursiva que vai sendo (re)criada e (re)atualizada a partir das enunciações dos (caminhoneiros) pxzeiros.

Compreendemos que uma das implicações da ludicidade da e na prática do grupo PX de rádio amador, dada a regularidade discursiva, incide na constituição de uma rede de memória discursiva no interior dessa prática, lembrando que, como é rede de memória, então é sempre em relação a outras redes de memória. A ludicidade como regularidade remete-nos ao que diz Pêcheux (2010, p. 52) sobre “a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização”. Uma dada rede de memória discursiva organiza sentidos de uma prática discursiva à qual está vinculada.

Determinado enunciado vinculado a uma dada rede de memória discursiva vai, provavelmente, significar de um modo e não de outro. Contudo, isso não quer dizer que não haja furos nessa rede de memória, de maneira que esse “mesmo” enunciado pode romper com sentidos esperados e abrir para sentidos outros ao emergir em outras práticas discursivas ou até mesmo na mesma prática. Isso mostra que a enunciação está presente no

discurso, podendo emergir aspectos de outras posições discursivas numa dada posição discursiva via posição enunciativa, a qual demonstra que a contradição é constitutiva dos processos discursivos.

É claro que, se a posição discursiva muda, a referência, que é sempre nova e só há em enunciação, é afetada. A posição discursiva afeta o modo como se diz. Porém, isso não quer dizer que não possa haver falha, já que a posição enunciativa denota outras possibilidades de sentido na posição discursiva. Orlandi (2012) diz que a linguagem, a história e o sentido não são transparentes (evidentes). Em decorrência disso, o sujeito, efeito de linguagem, também não é transparente, de maneira que pode (se) surpreender naquilo que diz. Em suma, a AD considera o sujeito como efeito de linguagem, a qual o precede e é sua condição; por isso, o sujeito sempre já é sujeito.

5. Noção de sujeito da AD3 em relação ao grupo PX: sujeito social da e na ludicidade

Michel Pêcheux, no início de suas teorizações relacionadas ao campo da AD, situa a Filosofia no embate com a Linguística, trazendo a Filosofia Materialista (língua e Ideologia se ligando) para pensar os processos discursivos. Além do mais, tem em vista a questão do inconsciente, cujo estatuto foi mudando no decorrer das três épocas da AD. Esse autor contesta o sujeito como causa de si e o sentido como evidente. Portanto,

situada desde o início no centro de preocupações de ordem histórica e teórica, a análise de discurso produziu estudos concretos que fizeram avançar a questão do sujeito, arrancando-o a uma visão psicologizante, por um lado, e à empiricidade imediata das situações de comunicação, por outro (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2008, p. 62).

Desde o início de suas elaborações teóricas, segundo Orlandi (1986, p. 118-119), “a AD, ao propor uma teoria não subjetiva do sujeito, de-centra a noção de sujeito e reflete criticamente sobre sua ilusão: a de ser a

fonte do sentido e da realidade de seu pensamento”. Essa teoria contesta o caráter psicologizante (saber de si e caráter autônomo) do sujeito, o qual não está para a ordem da individualidade, afastando-se, portanto, do caráter empírico.

De acordo com Courtine e Marandin (1981, p. 27), “o processo não subjetivo produz o sujeito como efeito”, ou seja, o sujeito não é senhor, nem origem do dizer e do sentido, de tal forma que se torna sujeito discursivo como posição discursiva, efeito de posição discursiva, amarrado a um funcionamento discursivo. Funciona ao modo de um discurso, tendo, em certo sentido, um “compromisso” com as regras de funcionamento desse discurso. Tendo em vista que uma posição discursiva tem relação com um funcionamento social, essa posição, conforme abordamos anteriormente, configura-se como regularidade discursiva.

A regularidade discursiva relacionada à noção de sujeito do discurso é perpassada por associações linguísticas singulares. Entretanto, aquilo que é linguisticamente diferente pode ter relação com aquilo que é discursivamente regular. A AD3 trabalha com uma noção de sujeito que permite identificá-lo via linguagem com outros sujeitos de uma mesma prática discursiva. É o sujeito social (posição social) que aponta para a recorrência de um fazer no dizer e se identifica com certos grupos. Pensamos em sujeito social no sentido de ser discursivo, lembrando que só se é sujeito em função da sociedade e da linguagem. Só há sociedade porque há linguagem.

Visto que os caminhoneiros pxzeiros produzem jogos de linguagem na prática pxzeira, relacionados às condições de vida impostas pela profissão, e isso é algo regular, então lidamos com aquilo que os identifica como um grupo, e não como uma singularidade. Mais do que isso, lidamos com a ludicidade como produto desses jogos, ludicidade que, recorrente entre os pxzeiros, produz um traço de identificação do e no grupo PX.

Enquanto a ludicidade configura-se como regularidade em certos espaços discursivos, em outros espaços ela marca uma diferença. Como dissemos, no âmbito da prática do grupo PX de rádio amador, a ludicidade está para a ordem da regularidade, pois está marcando um ponto de identificação entre os membros desse grupo. No entanto, o modo como

a ludicidade ocorre é singular, haja vista que “ninguém tem a mesma voz porque ela não se desvincula do corpo, do sujeito. Falar, então, é escutar a história que se tem na voz, é escutar a boca falando” (SCHERER, 2006, p. 17-18). Isso nos remete ao que diz Benveniste (2006) sobre a ideia de que a palavra que sai da boca de alguém é diferente da palavra que sai da boca de outro alguém. Vejamos o que ele afirma:

Ora, como se produz a língua? Não se reproduz nada. Tem-se aparentemente um certo número de modelos. Ora, todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante, e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova. Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção (BENVENISTE, 2006, p. 18).

A ludicidade do e no grupo PX tem uma questão social implicada, já que é produto da recorrência de jogos com a e na linguagem própria (ou não). Assim, a ludicidade na prática pxzeira é discursivamente regular, porém linguisticamente diferente, posto que estão em jogo a recorrência histórica de sentidos, mas também as enunciações e associações linguísticas, enunciações e associações essas sempre da ordem do sujeito, lembrando que, conforme a citação, os homens empregam a língua de uma maneira diferente uns dos outros e, a cada momento, de uma maneira distintiva.

Ao referirmo-nos ao discursivamente regular associado à ludicidade do e no grupo PX, estamos pensando em certa repetibilidade de dizeres, no sentido de produção de efeitos de sentido parecidos (semelhantes), o que mostra o funcionamento do sujeito social (discursivo) por meio da ludicidade. A ludicidade permite-nos pensar que, embora ocorra de modo ímpar, único, posto que pode até mesmo ser produto de uma associação linguística diferente, não deixa de ser social na prática desse grupo, visto que ressoa de um pxzeiro para outro. Esse caráter reiterativo aponta para um funcionamento ideológico.

A noção de sujeito com a qual trabalhamos é a noção de sujeito social. Essa noção considera que o indivíduo é interpelado pela Ideologia em

sujeito, o qual tem um funcionamento social, mas, por ser atravessado estruturalmente pelo inconsciente, tem também um funcionamento psíquico. A perspectiva pècheuxtiana não considera um sujeito pleno sem falha. Embora tenha a ilusão subjetiva de ser a fonte do que diz (esquecimento número 1) e de que o sentido é transparente (esquecimento número 2), o sujeito não controla o sentido daquilo que diz. Os dois esquecimentos em questão são sustentados pelo imaginário. A prevalência do imaginário tem a ver justamente com o fato de o sujeito ser constituído pela Ideologia, tendo em vista que é “sempre-já-sujeito” (PÊCHEUX, 1997, p. 155), e, também, por ideologias, pois integra diferentes práticas discursivas.

Pêcheux (1997) faz uma distinção entre Ideologia (com letra maiúscula) e ideologia (com letra minúscula), que está imbricada naquela, é um efeito dela. Para o autor, as ideologias têm história e são localizáveis, ao passo que a Ideologia não tem história, é, pois, uma realidade não histórica (a-histórica), eterna e desprovida de conteúdo. Esse autor considera que as ideologias não são ideias, mas forças materiais, práticas, o que nos permite pensar em ideologias adjetivadas, como ideologia proletária e ideologia burguesa. Entretanto, há tensão entre essas ideologias, de tal forma que o proletário está implicado na ideologia burguesa, o que mostra a impossibilidade de haver ideologia “pura”. Prova disso é que há proletários não combatendo a ideologia burguesa. As ideologias, portanto, se imbricam e estão imbricadas na Ideologia.

A sociedade não está fadada a uma reprodução do mesmo, o que não quer dizer que a Ideologia não produza a ideia de que a linguagem seja transparente. É nesse sentido que dizer uma palavra e não outra numa dada circunstância concerne ao funcionamento da Ideologia, a qual tem relação com o imaginário, já que está ligada à ilusão de que todos veriam a realidade de um mesmo modo. A Ideologia produz o imaginário, que funciona por meio dela. Por isso, a realidade é construída de uma forma comum, visto que a Ideologia causa um efeito de naturalização dos sentidos.

Consideramos que o funcionamento da Ideologia é associável ao que diz Saussure (2006) sobre a ideia de que “homem” e “cachorro” são ditos

hoje, relacionados a certos significados, porque antes isso foi feito dessa forma. Dizer uma dada palavra associada a um dado significado e não a outro aponta para esse funcionamento. De certa forma, a Ideologia direciona sentidos. Contudo, há falha no ritual de interpelação ideológica, ou seja, a Ideologia é um ritual com falhas, posto que ninguém é interpelado do mesmo modo, e, além disso, atinge a todos inconscientemente. Na verdade, o sujeito é interpelado singularmente tanto pela Ideologia quanto pelo inconsciente. Assim, o sujeito discursivo é social, mas há singularidade e insabido operando, porque a instância inconsciente trabalha o tempo inteiro.

Como já dissemos, a noção de sujeito da AD3 tem a ver com aquilo que identifica um grupo, tratando, assim, de um sujeito social, o qual é “um sujeito discursivo que, embora falado, também fala e, ao falar, intervém nos sentidos já-dados” (TEIXEIRA, 2005, p. 92). Essa noção remete-nos à questão da (ir)regularidade nos dizeres, posto que “o sujeito do discurso [...] não é nem o sujeito-mestre, capaz de separar-se de seu outro, nem o sujeito-assujeitado, capaz de unir-se, sem resto, a esse outro, ou seja, ele não é a origem de seu dizer, mas também não está irremediavelmente aí diluído” (TEIXEIRA, 2005, p. 92). O sujeito social (sujeito discursivo, sujeito do discurso) comporta diferença, singularidade, a qual opera e afeta as relações de sentido já estabilizadas.

Há implicações da singularidade na noção de sujeito da AD3, uma vez que, segundo essa noção, o sujeito, ao assumir uma determinada posição discursiva, pode dizer não aquilo que é regular, ou seja, pode funcionar de um modo não esperado, devido à singularidade em jogo. Entendemos que, da singularidade e do inconsciente, assim como da Ideologia, há apenas pequenos “flashes”, visto que não há como conhecer todas as possibilidades de seus funcionamentos. Pêcheux (1997, p. 152) compara a Ideologia ao inconsciente, dizendo que “‘a Ideologia é eterna’ (omni-histórica) – enunciado esse que faz eco à expressão de Freud: ‘o inconsciente é eterno’”. Além disso,

o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência

no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências “subjetivas”*, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito” (PÊCHEUX, 1997, p. 152-153, grifos do autor).

A Ideologia e o inconsciente são mecanismos de estrutura e de funcionamento, “estruturas-funcionamentos” constitutivos do sujeito, o que significa que é impossível estar fora de tais mecanismos. Pêcheux (2008, p. 45), refletindo acerca da noção de sujeito da AD3, afirma que “o efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure foi um desafio intelectual engajando a promessa de uma revolução cultural, que coloca em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social”. Nessa afirmação, entendemos haver indícios para pensarmos em um sujeito constituído pelo inconsciente – além de o ser pela linguagem e pela Ideologia –, indicando que a AD3 não considera o sujeito como somente biológico e social.

A noção de sujeito trabalhada pela AD3, além de social, é atravessada pela questão do inconsciente, mostrando que se trata de um sujeito estruturalmente cindido. Em outras palavras, essa noção não exclui o fato de que o inconsciente esteja em operação. Isso quer dizer que o sujeito social não está separado do inconsciente. As regularidades discursivas apontam para a questão do sujeito social, o qual é identificável a posições discursivas. No entanto, há manifestações singulares e inconscientes operando e marcando diferenças nos sentidos cristalizados. Vale frisarmos que há um jogo de prevalências na AD pêcheuxtiana. Na primeira época, prevalece o imaginário. Na segunda, o simbólico. Na terceira, o real. A questão do inconsciente perpassa todas as épocas.

Segundo Teixeira (2005, p. 168, grifo da autora), “nos anos 80, Pêcheux reconhece um sujeito instituído pelo triplo registro do imaginário, do simbólico e do real, que emerge nas formas singulares de sua fala, o que o conduz a redimensionar o lugar dado ao *fi*o do discurs-

so”. Essa afirmação sugere que Pêcheux considera a contingência nas questões teóricas da AD3, contingência essa já (entre)vista na segunda época da AD, pois esse autor toca no par “reprodução-transformação” relacionado às lutas de classe. Desse modo, algo diferente pode emergir no discurso via fala (falha e falta)⁵ do sujeito, podendo ter a ver com a manifestação do real.

Assim, o real emerge das formas singulares da fala do sujeito, ou melhor, pequenos aspectos do real emergem, uma vez que, segundo Teixeira (2005, p. 89), “ele [o real] é essencialmente inconsciente, de modo que quando tentamos captá-lo em sua positividade, ele se evapora”. Visto que o sujeito é constituído pelo simbólico, pelo imaginário e pelo real, este último leva-nos a entender que o analista de discurso precisa considerar que o sentido é sempre incompleto. Entretanto, isso não significa que não haja entendimento entre (inter)locutores. Afinal, o sentido é histórico. Na AD, a história tem a ver com a produção de sentidos. A história é a memória discursiva, é o sentido.

6. Sentido histórico: real (real da língua e real da história), simbólico e imaginário

Partindo do pressuposto de que a AD considera a não essencialidade das palavras, entendemos que esse campo teórico não trabalha com o sentido propriamente dito, mas com efeitos de sentido. Como mencionamos, Michel Pêcheux afirma, na primeira época da AD, que o discurso é efeito de sentido entre (inter)locutores. Essa questão do efeito relacionado ao sentido é mantida nas outras épocas da AD. Minimamente, “compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado)

⁵ A língua, principal base para os processos discursivos, é constituída tanto pela falha quanto pela falta. Como a língua não dá conta de todo o sentido, ela, portanto, falha, é a falha constitutiva. Como não há palavras para tudo dizer, há a falta constitutiva também. Assim, a língua não representa o mundo, já que, se o fizesse, nenhuma palavra mudaria de sentido quando posta na relação com outras palavras.

em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos” (ORLANDI, 1997, p. 20). Tomar o sentido como efeito é considerar que o sentido é relacional e está para a ordem da sua disseminação, ou seja, da dispersão do próprio sentido.

Como bem nos diz Pêcheux (1993, p. 96), logo no início de suas teorizações relacionadas ao discurso, o deslizamento de sentido (efeito metafórico) é constitutivo do sentido, de modo que este pode sempre vir a ser outro. Por isso, conforme Teixeira (2005, p. 16), “a teoria de M. Pêcheux dedica-se a pensar os efeitos de sentido no discurso”. Os efeitos de sentido no discurso ocorrem no encontro entre língua, sujeito e história, no sentido de que o discurso é a instância onde esse encontro acontece.

Na segunda época da AD, Pêcheux (1997, p. 161, grifo do autor) afirma que “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria ‘próprio’ vinculado a sua literalidade”. O sentido não é imanente (na e dentro da palavra). Portanto, o somatório das palavras não dá “o” sentido, porque, senão, uma dada palavra, em qualquer dizer, produziria sempre o mesmo efeito de sentido. E tal não é o caso, tendo em vista que um dado dizer pode não produzir o mesmo efeito de sentido de um locutor para outro. Ou, até mesmo, para um mesmo locutor, um dado dizer pode produzir efeitos de sentido diferentes em momentos diferentes:

Quando um médico diz: “um dos meus pacientes me disse que...”, este dizer é duplamente distinguido do dizer do paciente. Primeiro, linguisticamente, como discurso relatado. Mas, também, sociologicamente, porque está implícito que *o dizer do paciente não é um dizer médico* (CONEIN, 1981, p. 56, grifo nosso).

Fala-se a mesma língua, mas fala-se diferentemente. De certo modo, não há como dizer uma mesma questão de diferentes formas, já que essas formas apontam para outras questões. Isso mostra que o sentido não é evidente, mas, sim, opaco. A AD trabalha, pois, com a noção de efeitos de sentido, a qual parece esfacelar a noção de multiplicidade de sentidos, haja vista que essa noção pode sugerir que os sentidos seriam localizados e contados, o que apontaria para uma espécie de somatório de sentidos.

Com base na perspectiva da AD3, Teixeira (2005, p. 195) afirma que “a análise de discurso trabalha, assim, entre a homogeneidade imaginária e o equívoco; entre a estrutura e o acontecimento, tomando o real como implicado no processo de constituição do sentido”. Por isso, o sentido está para a ordem de uma incompletude fundante. O sentido é não todo, aberto, já que é constituído pelo real, o que faz com que haja um vazio no interior das palavras, vazio esse que instaura a impossibilidade de dizer que há o sentido verdadeiro de um dado enunciado. Há apenas possibilidades de sentido. Assim, um texto jamais se fecha discursivamente.

No tópico anterior, dissemos que, na AD3, há a prevalência do registro do real nas elaborações teóricas. Segundo Pêcheux (2008, p. 28), “há real’, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser ‘assim’. (O real é o impossível... que seja de outro modo)”. Minimamente, o real aponta para a impossibilidade de fechamento do sentido, mostrando outras possibilidades. De acordo com Teixeira (2005, p. 176, grifos da autora), “é pela intervenção do registro *real* que o *fantasma da totalidade* encontra dificuldade em se manter”, de modo que, para Leite (1994, p. 178), “algo resiste a ser simbolizado, a despeito das denominações variadas que trabalham [por exemplo] o acontecimento”. Tomar partido pelo real é considerar que o simbólico falha, que o simbólico não é consistente a ponto de fechar a possibilidade de o sentido deslizar e tornar-se outro. Por conseguinte, há pontos de deriva possíveis causados pelo funcionamento do real.

Estamos pensando o real em duas perspectivas: real da língua (falha constitutiva da e na língua) e real da história (equívoco constitutivo da e na história). Embora este e aquele tenham características diferentes, compreendemos que se tocam pelo fato de deixarem restos nas operações do simbólico. O real da língua indica que é impossível tudo dizer, já que há limites (im)postos pela língua. Dito de outro modo, não se pode fazer de tudo com a língua, pois ela tem a sua ordem. Assim, o sujeito só faz relações linguísticas a partir daquilo que a língua permite. No entanto,

o real da língua, o qual existe operando e produzindo efeitos, faz com que a língua, como regra, permita que haja o diferente, ou seja, a língua, como um princípio de ordenação, porta em seu bojo a possibilidade de subversão, entendendo aqui subversão como efeitos de sentido em decorrência de uma interpretação possível, podendo ela ser *um rompimento com uma regularidade*. Esse rompimento pode ser uma abertura para se pensar no *funcionamento do real da língua* (OLIVEIRA; LEITE, 2012, p. 2, grifos nossos).

Se, a partir de “um rompimento com uma regularidade” linguística, é possível pensarmos em “funcionamento do real da língua”, perguntamo-nos: que possível relação haveria entre real da língua e ludicidade? O real da língua não permite que se diga de qualquer modo (ordem da língua). Por sua vez, os dizeres lúdicos seriam apenas pequenas possibilidades, pequenos “flashes”, algo do real da língua. Em última instância, a ludicidade percorrida por nós tem relação com o real da língua e com o real da história na medida em que ambos promovem uma abertura a partir da qual o sujeito se coloca e produz sentidos (outros), inclusive sentidos lúdicos. Portanto, a ludicidade é um produto da abertura causada pelo real (real da língua e real da história).

O real da história indica que não há qualquer sentido nas operações do simbólico. Entretanto, esse real diz respeito à contingência, à imprevisibilidade, de sorte que não podemos ter acesso a todo o sentido, embora este não seja qualquer um, nem signifique de qualquer modo. Não há construção discursiva que consiga chegar a um ponto definitivo em uma análise, visto que algo da ordem do impensável pode se apresentar como possível e, portanto, pensável. Por isso, há novas interpretações de fatos históricos, o que mostra a suscetibilidade de sentidos outros e a irregularidade de sentidos.

Nessa perspectiva, o real da história aponta para a impossibilidade de acesso ao que realmente aconteceu em uma situação discursiva. O que acontece no mundo é uma coisa, já as discursividades são outras, mostrando que um dado elemento linguístico pode ser deformável a partir de novas relações, inclusive relações contingenciais. O real da história indica que a

contradição existe porque existe disputa dos e pelos sentidos, de modo que há efeitos de sentido, já que não se sabe que sentido vai aflorar em uma enunciação. Dessa maneira, o real da história sugere que há algo sempre em potencial e em vias de romper com uma regularidade discursiva.

Tendo em vista que há real da história em funcionamento, há, discursivamente pensando, o não fechamento do sentido, o que fundamenta a inconsistência do simbólico. Em decorrência disso, há equívoco, sentidos outros, deslizos etc., mostrando que o simbólico nunca recobre (tampona) o real. Pêcheux (2008, p. 28) afirma que “não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra”. Dito de outra forma, o real da história está para a ordem do não controle dos sentidos, o que sugere que pensar em efeitos do real da história é pensar em sentidos possíveis e não em vários sentidos. Há rastros e restos deixados pelo funcionamento do real da história, então não há como quantificar os sentidos.

A AD3 reconhece a não completude do sentido. Contudo, isso não quer dizer que não haja compreensão entre os sujeitos. A compreensão indica a prevalência do imaginário, prevalência essa decorrente do fato de o sentido ser histórico. Segundo Teixeira (2005, p. 42), “se o sentido não é previamente dado, ele também não pode ser qualquer um, pois aí opera a determinação histórica”. Consideramos que falar em história (memória discursiva), no campo teórico em questão, é falar em configuração de dizeres e de sentidos nas práticas discursivas, o que não implica dizer que o(s) sentido(s) não se movimente(m). Isso porque, conforme Orlandi (1999, p. 3), referindo-se à determinação histórica dos sujeitos e dos sentidos, “é porque é histórico (não natural) é que muda e é porque é histórico que se mantém”.

De acordo com Mazière (2007, p. 100), “com a história, a AD encontrou um campo privilegiado. Mais ainda, parece que a AD pensa o sentido linguístico como sendo história, produto da história, constitutivo da história”. O fato de o sentido ser histórico não tem a ver com datas específicas ou com aspectos cronológicos, lineares e evolutivos, mas, sim, com a circularidade de dizeres, sendo algo constitutivo dos modos de dizer. Na prática do grupo PX de rádio amador, o termo “cutiaco” e a expressão

“capa dez” têm, como referentes, respectivamente, “lugar onde se reside (casa)” e “chefe, patrão”. O termo e a expressão são uma prova da configuração histórica, da historicidade dos sentidos, de dizeres e modos de dizer específicos da e na prática pxzeira.

Os sentidos, os quais estão relacionados ao anacronismo, não são estáticos, haja vista que a história (o interdiscurso) está em movimento. Segundo Orlandi (2012, p. 197), “o próprio gesto de recusa de um sentido se processa dentro da sociedade e da história”. Assim, é impossível apagar sentidos, os quais podem ir para lugares inimagináveis e interpelar o sujeito de formas imprevisíveis. Por meio dos sentidos, podemos perceber aspectos do sujeito discursivo das práticas discursivas em funcionamento.

Para essa percepção, construímos, no próximo capítulo, um modo de analisar as discursivizações dos caminhoneiros pxzeiros. Nesse procedimento de análise, abordamos de que maneira a AD3 concebe as questões de leitura, interpretação e descrição. Essas noções nos são muito caras, uma vez que é a partir delas que conseguimos tocar na regularidade discursiva da prática pxzeira, pensando, em especial, na ludicidade produzida por este sujeito discursivo: o caminhoneiro pxzeiro. Portanto, recortamos, em nosso material de pesquisa, os momentos em que é possível visualizar jogos de linguagem realizados por caminhoneiros pxzeiros produzindo ludicidade entre eles mesmos e entre eles e outros pxzeiros.

Construindo a análise: recortes e procedimentos

1. Constituição do material de análise, materialidade e posição do analista de discurso

Para a realização da pesquisa de que resultou este livro, trabalhamos com um material constituído por 5 (cinco) fitas cassetes, de uma hora cada, gravadas a partir de dizeres entre caminhoneiros pxzeiros e/ou outros pxzeiros no município de Monte Carmelo/MG, durante o segundo semestre de 2007. Os caminhoneiros pxzeiros presentes em nossas gravações são de diferentes estados do Brasil: Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul etc. Salientamos que esses caminhoneiros pxzeiros, em sua maioria, encontravam-se, no momento em que gravávamos seus dizeres via rádio amador, em estrada, significando dizer que não estavam parados, por exemplo, em postos de gasolina ou em restaurantes à beira da estrada.

O pxzeiro Barra Forte, morador do município de Monte Carmelo/MG, possui uma base de rádio amador em sua residência, na qual realizamos a maior parte das gravações. Como Barra Forte possui rádio amador em sua caminhonete D-20, também realizamos algumas gravações durante viagens de Monte Carmelo a Uberlândia, Minas Geais, portanto gravações estando em estrada, ou, nos dizeres pxzeiros, em “móvel movimento”. Em quase todas as gravações que possuímos, Barra Forte está presente, uma vez que elas foram feitas por meio de seus aparelhos de rádio amador em momentos em que esse pxzeiro estava realizando a (re)produção de dizeres na prática pxzeira.

Antes de falarmos propriamente sobre a constituição do *corpus* de pesquisa, conforme o próximo tópico, a partir do material de análise (materialidade linguística) mencionado, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que, em AD, nenhuma produção de linguagem é naturalmente discurso, mas se torna a partir do olhar teórico. É a lente teórica com a qual se analisa o material de pesquisa, o modo como ele é analisado, que o transforma em discurso no sentido que a AD toma este termo. Assim, entendemos que uma materialidade discursiva, que é linguística e histórica, só vai se tornar materialidade discursiva quando houver o olhar para ela de forma teórica e metodológica. Antes disso, tal materialidade é apenas uma materialidade linguística. Eni Orlandi, na “Nota ao leitor” do livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*, de Pêcheux (2008), afirma que a materialidade discursiva se dá no imbricamento do histórico com o linguístico, o que é diferente da materialidade linguística, a qual não tem aspectos discursivos intrínsecos. Assim, falar em materialidade discursiva significa considerar implicadas língua e história, real da língua e real da história, e sujeito.

Ainda segundo essa autora, a AD³ é uma disciplina de interpretação que pode ser considerada um dispositivo de análise que instaura novos gestos de leitura, gestos esses que tomam partido pelo real (real da língua e real da história). Essa disciplina não diz que encontrou o sentido (verdadeiro) de um texto, uma vez que há “pontos de deriva possíveis” causados, justamente, pelo funcionamento do real da língua (o próprio da língua) e pelo real da história (o sentido outro). Dessa forma,

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de *pontos de deriva possíveis*, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso (PÊCHEUX, 2008, p. 53, grifo nosso).

Entendemos que é por haver real da língua e real da história que se torna possível instalar uma disciplina de interpretação, visto que eles

são a causa dos pontos de deriva possíveis, abrindo espaço para “o discurso-outro”. Pêcheux (2008, p. 54, grifo nosso) afirma que “a descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca necessariamente em jogo [...] o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa sequência”. Esse autor considera o discurso-outro como o princípio, espécie de essência, do real da história, o qual aponta para outras possibilidades de sentido, estando para a ordem “[d]as coisas-a-saber”, da contingência.

Pêcheux (2008, p. 43), interrogando-se acerca de um real que é próprio às disciplinas de interpretação, afirma que este é “um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos”. Isso aponta para a impossibilidade discursiva de fechamento de uma análise, não havendo um sentido definitivo. A interpretação é apenas um recorte, pois não é possível interpretar tudo, não havendo interpretação pura, nem interpretação do todo.

A AD3 trabalha no lugar do equívoco (contradição constitutiva), naquilo que escapa, ensejando a interpretação, o que não significa que não trabalha com sentidos estabilizados. Assim, segundo Orlandi (1999, p. 3), “entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso”. Esse modo de atuação da AD3 remete-nos a certas expressões equívocas nos dizeres dos (caminhoneiros) pxzeiros: “tá bão” e “tá beleza”, por exemplo, que podem significar uma confirmação de entendimento, mas também produzir um efeito compensatório, graças à relação que mantêm com certos termos e expressões, conforme mostramos em nossas análises.

Referindo-se à posição de trabalho da AD3, Pêcheux (2008, p. 57) diz que

ela supõe somente que, através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados.

Compreendemos “atos” associados a “tomadas de posição” como responsabilização – um colocar-se em uma posição-leitor – que se deve ter na interpretação, não a fechando, mantendo o(s) sentido(s) aberto(s). É preciso partir de um ponto na interpretação e procurar bancá-lo via análise linguística, o que mostra que o(s) sentido(s) não está(tão) nas entrelinhas; ele é (eles são) na relação a.

Como o real se apresenta de diferentes formas, um determinado ponto de deriva pode, muitas vezes, ser percebido por um analista de discurso e por outro não, visto que não há identificação plena com as redes de sentido. Desse modo, conforme Pêcheux (2010, p. 53-54), “comete cada vez mais à análise de discurso [...] interrogar os efeitos materiais de montagens de sequências, sem buscar a princípio e antes de tudo sua significação ou suas condições implícitas de interpretação”. Isso porque qualquer tentativa de fechamento do(s) sentido(s) – o que parece ser o caso de interpretações impressionistas, as quais consideram que o sentido está para a ordem da obviedade – vai estar intimamente ligada à ordem do imaginário. Um termo estabilizado socialmente pode, a qualquer momento, ser desestabilizado e apontar para sentidos (im)previstos, visto que o recorte que a enunciação instaura produz determinados efeitos de sentido e não outros.

A cristalização (estabilização) social de termos e expressões não indica que o sentido esteja na forma. Num ato enunciativo, sentidos outros podem ser (entre)vistos, o que nos permite pensar que não há dispositivos teórico-metodológicos prontos e acabados para lidar com o(s) sentido(s). A partir disso, entra a ética do analista de discurso, no sentido de que a interpretação, na perspectiva discursiva, é de responsabilidade desse analista. Portanto, a interpretação é (re)construção com base na relação entre materialidade linguística e materialidade histórica na instituição da materialidade discursiva.

Tendo em vista que todo e qualquer enunciado é constituído por pontos de deriva possíveis, cabe destacarmos que, no campo da AD, é o analista de discurso que vai procurar colocar (construir) esses pontos,

os quais mostram que a contradição é constitutiva do dizer, do sujeito e do(s) sentido(s). Conforme Orlandi (1986, p. 117), “faz parte da própria metodologia discursiva levar-se em conta a contradição, a fragmentariedade e a heterogeneidade de seu objeto específico”. Em decorrência disso, o analista de discurso deve se perguntar o que uma dada palavra ou expressão pode produzir em termos de efeitos de sentido em uma dada situação discursiva e na relação com outras palavras e/ou expressões. É indispensável a consideração da língua mediante um trabalho discursivo com mecanismos linguísticos. O modo como a língua é abordada é relativo a uma tomada de posição em que o analista deve se colocar em relação a pontos de deriva possíveis.

Há diferenças nos pontos de deriva, mas também há diferentes pontos de deriva. De todo modo, há abertura à interpretação. Então, é fundamental que o analista reconheça que fala de um lugar, de um ponto de vista, assumindo-o e respondendo por ele, no sentido de mostrar certos efeitos de sentido e não outros a partir daquilo que está analisando. Em outras palavras, fazer isso é responsabilizar-se por aquilo que se mostra via análises empreendidas, posto que lidar com efeitos de sentido é lidar com a possibilidade de outro observador perceber outros efeitos, de maneira que certos efeitos podem se tornar visíveis para um observador; porém, para outro, não. Nem toda posição será afetada pelos mesmos efeitos de sentido. Por isso, o *corpus* está para a ordem da constituição.

2. Constituição do *corpus* a partir de recortes: o procedimento de análise

Na perspectiva da responsabilização do analista de discurso, gostaríamos de dizer que, neste método de análise, realizamos, de início, um levantamento, no nosso material de pesquisa, das ocorrências em que os caminhoneiros pxzeiros produziram jogos de linguagem tendo como efeito a ludicidade. Nesse mapeamento, embora haja jogos de linguagem vinculados a diferentes questões, interessam-nos os jogos

relacionados diretamente às condições de vida desses trabalhadores, jogos esses passíveis de serem mostrados por meio de termos e/ou expressões da linguagem própria *pxzeira* (ou não)¹ pertinentes à vida de estrada. Exemplos: “balancera” (balança onde se pesam veículos pesados), “bota” (policial), “capa dez” (patrão), “muriçoca” (caminhão lento), “arrochar o carro” (acelerar o caminhão), “borrachada dos botas” (multa dos policiais) etc. São termos e expressões apontando para algum aspecto associado à profissão: adversidade, tensão, divertimento, (des)carregamento de mercadorias etc.

Conforme nosso material de pesquisa, a ludicidade como produto de jogos de linguagem não está em uma unidade específica, pode ser efeito desses jogos, os quais ocorrem de diferentes maneiras no material: jogos com as e nas formas linguísticas, com a estruturação sintática das palavras, com a voz musicada por meio do alongamento de algumas vogais e com risos. Essas diferentes maneiras de jogos de linguagem configuram-se como elementos e mecanismos discursivos de análise.

Parece-nos que, em todos os momentos de jogos com a e na linguagem própria (ou não) realizados pelos caminhoneiros *pxzeiros*, há uma implicação das condições de vida. Mesmo que um aparelho de rádio amador esteja em um dado caminhão para um determinado caminhoneiro *pxzeiro* lidar com a solidão imposta pelas estradas, isso já é um lidar decorrente das condições de vida, havendo ali uma implicação (in)direta com

¹ No nosso material de pesquisa, não é a todo momento em que há o emprego da linguagem própria ou o emprego dessa linguagem via um modo lúdico de dizer. Há momentos, simplesmente, de pedidos diretos de informações feitos por caminhoneiros, não havendo nem mesmo tonalidade musicada na voz, o que se assemelha a pedidos de localizações feitos entre desconhecidos nas ruas. Em todo caso, cabe dizer que a linguagem própria *pxzeira* já denuncia, de certa forma, o possível modo como os caminhoneiros *pxzeiros* lidam com certos aspectos das condições de vida, como ao designar o caminhão lento de “muriçoca”. Esse termo aponta para possíveis transtornos pelos quais os caminhoneiros passam ao lidar com certos caminhões que “empacam” o andamento de suas viagens, já que são caminhões lentos ou que estão sendo dirigidos lentamente. Isso faz com que o trânsito não flua, obrigando os outros caminhoneiros, muitas vezes, a se manterem atrás desses veículos.

essas condições. Aparentemente, em alguns recortes, pensamos que não haveria relação com elas, no entanto, analisando novamente esses recortes, percebemos que essa relação poderia existir, conforme o dizer “uma bagunçada na coluna do cabra”, estudado no próximo capítulo. Salvo esse dizer, que está em um recorte em que há jogos de linguagem relacionados (in)diretamente à profissão de caminhoneiro, recortamos somente jogos de linguagem em que há uma implicação direta com essa profissão, ou seja, em que é linguisticamente possível perceber essa implicação.

No capítulo anterior, afirmamos que a AD não desvincilha os dizeres das condições de produção (condições de vida já simbolizadas). Por isso, visto que nos pautamos nessa teoria, é fundamental, para nosso trabalho, a ligação entre as condições de produção dos caminhoneiros e o possível efeito de sentido lúdico a partir de jogos de linguagem por eles produzidos via rádio amador. Tendo em vista que focamos os dizeres dos caminhoneiros pxzeiros, é imprescindível destacarmos que há uma relação entre as condições de produção desses trabalhadores e os dizeres e sentidos por eles produzidos na prática pxzeira. Há, na prática do grupo PX de rádio amador, regularidades discursivas, graças às condições de produção, havendo, conseqüentemente, a fundação de uma posição discursiva, mas também há irregularidades discursivas, graças a posições enunciativas. Na verdade, há, em todas as práticas discursivas, modos específicos de dizer, porém há falhas nesses modos, dado o fato de haver sujeito em jogo jogando com as possibilidades de sentido.

Para a constituição do *corpus* de pesquisa, recortamos, basicamente, jogos com a e na linguagem própria realizados por caminhoneiros pxzeiros e relacionados diretamente com suas condições de vida, jogos esses que produzem ludicidade entre eles ou entre eles e outros pxzeiros. Grosso modo, analisamos dizeres de caminhoneiros pxzeiros. Esses dizeres trazem discursivizações, as quais fazem presentificar certas discursividades relativas às suas condições de vida. Há, portanto, uma espécie de hierarquia: discursividades, discursivizações e dizeres. As discursividades são produzidas por discursivizações, que se dão pela via dos dizeres. Entende-

mos que essa hierarquia aponta para as grandes categorias do discurso que funcionam para o movimento de análise.

Em relação a essa hierarquia, pode-se afirmar que, retomando a (re)constituição do *corpus* de pesquisa, há, nos dizeres dos caminhoneiros pxeiros, diferentes entradas no jogo dos jogos de linguagem, de modo a produzir ludicidade, a qual pode ser percebida mediante certos índices: aspectos linguísticos, risos e voz musicada. Tais índices, discursivizações, são a materialização dos jogos de linguagem. Nessas discursivizações, há determinadas questões sociais mostradas por nós nas análises, questões essas que se caracterizam como discursividades atravessando dizeres. Por isso, não construímos o procedimento de análise anteriormente, uma vez que esse procedimento é relacional, no sentido de ser relativo ao material de pesquisa, ao olhar teórico a ele lançado e à questão de pesquisa. Consequentemente, realizamos recortes no material pautados nesse procedimento de análise.

Ao empregarmos o termo “recortes”, tomamos por base a teorização de Orlandi (1984) acerca da noção de recorte, considerando as condições de produção como parte integrante dos recortes. Essa autora diz que o princípio teórico basilar da AD é a consideração da linguagem em relação às condições de produção. Desse modo, “o *recorte* é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14, grifo da autora). Em outros termos, um recorte comporta aspectos das condições de produção (situação discursiva) que estão em jogo nos dizeres. Em outro momento, Orlandi (2012, p. 184) afirma que “é justamente a ligação constitutiva entre o texto e a situação, tal como a consideramos como condições de produção, que permite a analisabilidade”, por isso essa ligação é o princípio basilar da AD.

A AD não trabalha com a situação empírica em que o sujeito seria a fonte e a causa do sentido, o qual não é capturado na análise a não ser de modo parcelar, não todo; portanto, aquilo que alguém diz numa determinada circunstância é sempre passível de ser analisado de outro

modo. O sujeito discursivo, conforme a AD, é moldado pelas condições de produção. Por meio de recortes é possível a construção do sujeito discursivo de uma prática discursiva. Assim, “através dos recortes se chega à representação das relações textuais referidas às condições em que foram produzidas” (ORLANDI, 1986, p. 121-122). Há o recorte para a constituição do *corpus* e os recortes no recorte para o procedimento de análise. Nesse sentido, em nossas análises, destacamos certos termos, certas expressões e certos dizeres (recortes no recorte) para a realização do procedimento de análise.

Ainda sobre a noção de recorte, Orlandi (1986, p. 121-122) diz que “o recorte resulta de teoria e é uma construção. Não é automático, nem predeterminado”. O recorte é sempre uma construção teórica que possibilita certa representação do possível modo de funcionamento discursivo de uma prática discursiva. Em outras palavras, é uma possibilidade de dizer sobre um determinado aspecto da produção de linguagem analisada. “Acrescente-se, ainda, que o princípio segundo o qual se efetua o recorte varia segundo os tipos de discurso, segundo a configuração das condições de produção, e mesmo o objetivo e o alcance da análise” (ORLANDI, 1984, p. 14). Essa afirmação indica que não recortamos o material de pesquisa de qualquer modo, lembrando que a própria natureza do objeto investigado determina, de algum modo, certos recortes em detrimento de outros.

O procedimento de análise não está para a ordem de uma análise linear, mas, sim, para a ordem de uma análise transversal, em espiral, no sentido de que é possível trabalhar com unidades de status linguístico (ou não) diferentes, colocando em funcionamento o batimento entre o dizer e o não dizer. A nosso ver, esse batimento tem a ver com as relações associativas teorizadas por Saussure (2006). Conforme esse autor, num ato de fala, diferentes signos linguísticos poderiam ter emergido no lugar de um dado signo linguístico, o que afeta, portanto, aquilo que é dito. Entretanto, não sabemos exatamente que signos seriam esses; há, apenas, possibilidades. Pensando no batimento entre o dizer e o não dizer, procuramos elaborar paráfrases para palavras, expressões e dize-

res analisados, isto é, para como poderiam ter emergido, mas não emergiram, de modo a mostrar efeitos de sentido.

Para a realização de nosso procedimento de análise, pautamo-nos nos procedimentos teórico-analíticos constitutivos do método da AD3, de acordo com as noções de descrição e de interpretação. Essas noções têm relação com os pontos de deriva possíveis, para os quais o analista de discurso deve expor o olhar-leitor, que é o olhar à opacidade da linguagem. Segundo Pêcheux e Gadet (2011, p. 291, grifo nosso),

a análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a *níveis opacos* à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro).

Os “níveis opacos” são produtos do fato de que a linguagem é opaca, de modo que é preciso construir um procedimento teórico-metodológico de análise para tentarmos compreender os efeitos de sentido de palavras, expressões, dizeres e risos, bem como da voz musicada. No nosso caso, as noções de descrição e de interpretação constituem nosso procedimento teórico-metodológico para analisarmos efeitos de sentido produzidos pela ludicidade de caminhoneiros pxeiros.

Sobre esse procedimento, compreendemos que tocar em descrição é tocar em mecanismos de funcionamento linguístico, de tal forma a não cair num interpretativismo sociológico. É tocar, portanto, em algo relacionado ao real da língua, posto que a descrição foca questões da língua, da materialidade linguística. Já tocar em interpretação é tocar em pontos de deriva possíveis causados pelo real da língua, o que abre para o discurso-outro, ou seja, para o real da história. Interpretar é, pois, atribuir sentido, mas na relação entre linguagem e história.

A descrição não é a interpretação, embora aquela implique esta, isto é, para descrever, interpreta-se, havendo concomitância entre ambas. De

acordo com Pêcheux (2008, p. 54), “dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível”. A descrição e a interpretação configuram-se como aquilo que produzimos como análise, sendo o resultado desta. Não se separam, estando ambas imbricadas. Assim, o analista de discurso, segundo nosso entendimento, deve trabalhar no embate entre a descrição e a interpretação, naquilo onde é possível mostrar tal embate na língua. É nesse embate que podemos tentar entender determinados efeitos de sentido que dizem respeito a certo funcionamento discursivo de uma prática discursiva.

Pesquisar, na perspectiva discursiva da AD3, é realizar análise, perguntando-se o que uma determinada palavra ou expressão, por exemplo, pode produzir em termos de efeitos de sentido. Dessa maneira, é por meio de análise que podemos sustentar que a prática dos caminhoneiros pxzeiros é uma prática discursiva de ludicidade e resistência. (Re)lembrando que o papel do analista de discurso é expor o olhar-leitor à opacidade dos dizeres, procuramos mostrar, mediante os procedimentos de descrição, análise e interpretação, possíveis efeitos de sentido produzidos pela ludicidade dos caminhoneiros pxzeiros, sobretudo possíveis efeitos de sentido que estão relacionados à resistência simbólica como efeito da ludicidade.

Por fim, cabe salientarmos que, para a realização de nossas análises, sublinhamos e definimos, em nota de rodapé, palavras e expressões da linguagem própria do grupo PX de rádio amador, conforme nosso conhecimento de membro desse grupo. Também sublinhamos e definimos, em nota de rodapé, termos do código Q internacional, os quais estão em caixa alta, a fim de diferenciá-los de tal linguagem propriamente dita, termos esses empregados por outras práticas de rádio amador. Negritamos as manifestações de riso e realçamos os momentos de voz musicada por meio do alongamento de vogais de palavras e expressões. Fazemos isso porque as manifestações de riso e de voz musicada indiciam ludicidade e resistência simbólica entre caminhoneiros pxzeiros e entre estes e

outros pxeiros. Além disso, colocamos *itálico* nas palavras e expressões que produzem um determinado efeito de sentido que é crucial em nosso trabalho: o efeito compensatório.

4

Mo(vi)mento de análise: (des)dizer de si na prática pxzeira

1. Poder, resistência e o “tubarão” do rádio amador: entre a conversa e a conversação

Tendo em vista que este trabalho é com a linguagem, interessa-nos pensar as relações de poder via linguagem, uma vez que, onde há linguagem, há poder. Segundo Foucault (1995 12), as “relações de poder [...] se exercem por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos”. Portanto, toda enunciação é revestida de poder, do qual só há o exercício, não há o poder em si, pois ninguém o detém, ele opera à revelia do sujeito.

Em qualquer relação humana, há o exercício do poder, no sentido de coerção e de dominação, já que não há nenhuma relação social que seja simétrica. Dessa maneira, ao se lutar contra um determinado exercício do poder, luta-se via outro exercício do poder. Este configura-se, pois, como relacional e heterogêneo. Conforme Foucault (1979, p. 71), o poder “não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade”. Essa indicação da sutileza deixa-nos entrever que há poder sendo exercido em diferentes relações sociais e de diferentes modos, podendo significar diferentemente a depender do lugar onde é exercido. Assim, a resistência, na perspectiva foucaultiana, não implica só conflito direto, pensando, por exemplo, em discussões constituídas de injúrias.

Foucault (1995, p. 5, grifos nossos) afirma que, “para compreender o que são as *relações de poder*, talvez devêssemos investigar as *formas de resistência* e as tentativas de dissociar estas relações”. Poder e resistência não se dissociam, constituem-se, de modo que as “formas de resistência” são associadas às “relações de poder”. Portanto, para Foucault (1995, p. 18-19, grifo do autor), “não *há* relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual”. O possível modo como se dá uma determinada manifestação de resistência abre para indícios do exercício do poder em operação.

Nessa perspectiva, pensamos, juntamente com Lagazzi-Rodrigues (1998, p. 16), que “o sujeito encontra, na linguagem, os recursos para lidar com o poder, para redistribuir a tensão que o embate entre direitos e deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas configura. A resistência é a luta do sujeito por um lugar de poder/dizer”. Associamos esse sujeito ao sujeito capitalista abordado por Orlandi (2012), para quem a forma sujeito histórico (sujeito capitalista) sustenta-se no e pelo aspecto jurídico (sujeito de direitos e deveres na e pela sociedade instituída e legalizada). “Este sujeito individualizado pelo Estado, identificado em uma certa formação discursiva, e, portanto, com certos sentidos, estabelece, com a sociedade, uma relação política, dominada pelo Estado. Esta é sua articulação político-simbólica” (ORLANDI, 2012, p. 202). Em outras palavras, o sujeito em questão relaciona-se com o Estado capitalista, o qual articula o simbólico e o político. O sujeito é, portanto, individualizado pelo Estado, pelas instituições e pelos discursos, identificando-se a certas práticas discursivas em detrimento de outras.

Ainda com base em Orlandi (2012), vale dizermos que o sujeito é dividido nele mesmo, posto que há Ideologia (ritual com falhas) e inconsciente. Além disso, na sociedade, há divisão entre os sujeitos. Assim, é pelo modo como o sujeito é individua(liza)do pelo Estado que ele vai ser caminhoneiro ou não, ou, até mesmo, caminhoneiro pxzeiro ou não. O jogo do Estado, das instituições e das discursividades vai individua(liza)r o sujeito de uma maneira e não de outra, ocorrendo a identificação por parte dele com certos sentidos e não com outros.

Cabe ressaltarmos que há uma falha do e no Estado. Ao falhar, o Estado produz uma falta. É nessa falta e naquela falha do Estado que o sujeito “encontra” lugar(es) para (poder) dizer e resistir. Dessa forma, não é pela vontade do sujeito que há resistência. É pela maneira mesma como o Estado funciona, estruturado pela falha, que o sujeito resiste. Procuramos mostrar, em nossas análises, que a prática do grupo PX se configura como espaço discursivo de resistência, dada o modo diferente e recorrente de o sujeito discursivo ali dizer.

A prática do grupo PX representa um gesto pelo qual o sujeito individual(liza)do pela falha do Estado vai (se) simbolizar. A linguagem própria desse grupo configura-se como um lugar em que o caminhoneiro pxzeiro está (se) simbolizando, lembrando que o modo de vida do caminhoneiro (inter)fere (n)o modo como ele (se) simboliza via rádio amador. Pensando, portanto, na maneira própria de (se) dizer na prática pxzeira, diríamos que há uma relação de poder entre os próprios caminhoneiros pxzeiros (e outros pxzeiros), já que, para ser um “tubarão” (minimamente, bom operador de rádio amador) nessa prática, é preciso que o pxzeiro entre no jogo dos jogos de linguagem próprios ao grupo PX de rádio amador e produza ludicidade. No caso dos caminhoneiros pxzeiros, é como se eles buscassem nessa ludicidade um suporte para si, um suporte na e para a vida de estrada.

O pxzeiro tubarão é aquele que consegue realizar deboches e rir de si próprio, brincar com as palavras e seus sentidos possíveis e imprimir um tom musicado na voz, mesmo sem ter um contato íntimo com o(s) parceiro(s) de enunciação. Esses jogos de linguagem ocorrem a partir da relação com outro(s) membro(s), o que configura uma espécie de relação de poder pelo verbo. O poder existe quando é exercido, ou, nas palavras de Foucault (1995, p. 13), “o poder só existe em ato”. Vale, ainda, ressaltarmos que o pxzeiro tubarão é muito procurado (cotado) pelos pxzeiros para conversa e/ou conversação, posto que ele exerce uma relação de amizade, respeito, afeto, cumplicidade etc.

A conversação nos faz lembrar a função fática, em que há, simplesmente, a manutenção do laço social via certas trivialidades.

Em relação aos caminhoneiros pxzeiros, não há a preocupação com certas informações relativas à vida de estrada (balanças, cargas, policiais etc.). Há apenas um contato “supérfluo” ligado a cumprimentos, por vezes, longos, a fim de lidarem com o tempo das viagens. É manter-se falando via uma falação que entretém, o que alimenta a existência de si. Funciona como um convite para dizer de uma disponibilidade em “fugir” à solidão que a cabine do caminhão (im)põe aos caminhoneiros ou para estabelecer uma relação de ajuda e solidariedade.

A conversação não exclui a conversa, que diz respeito a uma troca em que não há apenas uma conversação para passar o tempo. Tem a ver com uma ação importante que se sustenta numa troca de informações úteis para a vida de estrada. Por exemplo: conduzir um caminhoneiro pxzeiro para não errar o caminho e, portanto, não atrasar (des)carregamentos de mercadorias. A conversa vai além da manutenção do laço social.

Todavia, a conversação e a conversa não se excluem, estão imbricadas, de maneira que pode acontecer de um pxzeiro iniciar uma conversa via rádio amador e ir para a conversação ou vice-versa, o que mostra que a fronteira entre elas é porosa, visto que uma se imiscui na outra, havendo uma jogando com a outra. Há momentos em que há prevalência, ou melhor, traços de prevalência, de conversa ou de conversação. No predomínio de uma, há a outra. Assim, no jogo da conversa e da conversação, o que passa é o predomínio. E a ludicidade permeia tanto uma como a outra.

Pensando acerca da diferença entre conversação e conversa e do imbricamento entre elas e acerca da relação diferencial que o pxzeiro tubarão exerce, apresentamos este recorte,¹ no qual os pxzeiros chamaram-se de tubarão.

BARRA FORTE: Tááá legaaal, tá bão, seu Vila, tubarão de ouro, né?! Seja bem-vindo aqui à Capital da Cobertura, né, e TKS aí pela prima vez, pela prima

¹ No recorte, “tubarão de ouro” e “tubarão” significam “bom operador de rádio amador”; “Capital da Cobertura” refere-se a Monte Carmelo/MG; “prima modulação” designa a primeira vez que conversam um com o outro; “enchimento do caixote” indica o carregamento do caminhão ou da carreta e “açulera” significa acelerar o caminhão ou a carreta.

modulação contigo, tá bão, meu jovem. Agradeço aí a visita, né, desde já e daqui pra li vai ajeitano o enchimento do caixote e fica chique, tá bão, Vila. Açulera aí, a hora que cê tivé iniciando a entrada da *city* aqui, vô direcioná ocê ali no rapaz que faz ali o endereçamento das carga, positiivo?!

VILA: Falô, falô, tubarão, muito obrigado, tô aqui ó, já, já chega aí. Cê tá aí na divisa do Monte Carmelo, é?!

Há um predomínio de conversação nesse recorte, já que prevalecem dizeres relativos a cumprimentos e agradecimentos, algo relacionado a trivialidades. Ocorre conversa, no entanto, no momento em que Barra Forte disse de um direcionamento para cargas quando Vila chegasse a Monte Carmelo. Nesse momento, há traços de prevalência de conversa, visto que há uma troca importante (informação de como chegar a um determinado lugar). Assim como o dizer de Barra Forte, o breve dizer de Vila aponta para o entrelaçamento entre conversação e conversa, o que mostra a ausência de fronteiras (de)marcadas, ou seja, não é possível dizer “só” conversa ou “só” conversação a partir de um dado recorte. Vale ressaltarmos que, em meio a esse entrelaçamento, houve o aparecimento do termo “tubarão”.

O termo “tubarão” produz efeitos de sentido diferentes nos momentos em que aparece. A expressão “tubarão de ouro” parece apresentar um tom de respeito, já que Barra Forte referiu-se ao caminhoneiro pxzeiro Vila não só como tubarão, mas “de ouro”: especial, único, importante, inestimável etc., o que valoriza a relação de amizade. Já o termo “tubarão” dito por Vila parece apresentar um tom de afeto e cumplicidade, posto que esse caminhoneiro agradeceu a Barra Forte uma ajuda dada. Notamos que, mesmo sendo a primeira vez de conversa e conversação, “prima modulação”, os pxzeiros em questão se consideram “tubarões”, o que nos permite pensar que ser “tubarão” vai além da habilidade na realização de jogos de linguagem.

Do nosso ponto de vista, os pxzeiros tubarões não enunciam via rádio amador por uma espécie de fama, mas, sim, pela necessidade da voz do outro, pela necessidade de serem ouvidos, pela necessidade de compartilharem

dores e/ou alegrias, pela necessidade de fazerem novas amizades e de manterem as antigas, pela necessidade de informações acerca de localizações, entre outras necessidades. Os pxzeiros tubarões “navegam”, ora na conversa, ora na conversação, via rádio amador, capturando, em última instância, amizades. Na perspectiva da conversa e da conversação, em um momento um pouco mais adiante do último recorte, conforme material de análise, após Barra Forte ter mantido enunciações com Gambiarra e Raposão, trazemos este recorte² para mostrarmos o predomínio de conversa:

BARRA FORTE: Já chegô aí no segundo trevo aí ô Vila?!

VILA: Tô chegano, tô avistano aqui, ok?!

BARRA FORTE: Pois é, cê vai entrá dentro dessas duas pista aí dos coqueiros aí.

VILA: Copiei! Tô passano aqui, tem muita cerâmica aqui do lado esquerdo, muita cerâmica aqui do lado esquerdo, ok?!

[....]

BARRA FORTE: Tá legal... Aí cê vai, a hora que cê entrá aí, cê vai procurá ali o Paulistinha, o Aramisso ou o Dó, representante aí, que é agenciador de carga, na estrada aí, lado canhoto seu, vô ti levá, quando cê vê muito carguero aí, cê ancora aí.

O pxzeiro Barra Forte conduziu o caminhoneiro pxzeiro Vila para o agenciamento de cargas, ratificando que a função do “tubarão” no rádio amador não se restringe à realização de jogos de linguagem, transcende para uma questão forte de apoio nas e pelas palavras, o que coaduna com a ideia propaganda nacional e internacionalmente de que o brasileiro se mostra disponível e solidário. A grande questão parece incidir na visão de que, quando estamos ou somos excluídos, solidarizamo-nos. Vejamos o próximo recorte:³

² No recorte, “ancora” significa estacionar.

³ No recorte, “QTH de sossego” significa residência.

VILA: Falô, falô, Barra Forte. Paulistinha, então. Muito obrigado, viu, meu irmão, Deus te ilumina, bom sabadão para você, Deus que ilumina seu QTH de sossego, Nossa Senhora, Rainha dos Anjos, que o cubra com o manto sagrado, ok?!

BARRA FORTE: Tá legal que eu agradeço de coração o palavreado bonito do senhor, positivo?!

Certa discursividade religiosa permeou os dizeres de Vila ao agradecer a Barra Forte o apoio dado pela condução ao agenciamento de cargas. Embora não tenha aparecido o termo “tubarão” nesse recorte, uma expressão parece estar no lugar desse termo: “meu irmão”, o que indica que “tubarões” são pessoas equiparáveis e semelhantes, sendo uma espécie de “irmãos”.

Ainda sobre o termo “tubarão”, gostaríamos de dizer que ele é muito empregado na prática do grupo PX. Esse termo rememora-nos sentidos de busca por alimentos com rapidez e agilidade nos mares. Isso faz com que reflitamos acerca da própria profissão de caminhoneiro, uma vez que, de certa forma, essa profissão requer uma busca por (des)carregamentos de mercadorias com rapidez e agilidade. Além disso, leva-nos a refletir acerca da agilidade dos pxzeiros que realizam jogos de linguagem e que, por isso, formam grupo, no caso, grupo PX. Por isso, são tubarões! São tubarões, também, pela disponibilidade em ajudar, pela força, pelo destemor, enfim, pelo apoio aos seus: caminhoneiros pxzeiros e outros pxzeiros.

A rememoração em questão permite-nos pensar que “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2005, p. 20). As palavras têm todo um componente histórico que afeta o sujeito, o qual, por sua vez, afeta as palavras, ou melhor, sujeito e língua não se separam. Assim, a língua em uso, já discurso, caracteriza-se como um lugar em que há relação de poder e resistência. Na verdade, o poder e a resistência são inerentes ao discurso. O sujeito discursivo do grupo PX de rádio amador, especificamente o caminhoneiro pxzeiro,

produz efeitos de resistência simbólica por meio de dizeres que funcionam ludicamente entre eles.

2. Resistência simbólica e o caminhoneiro pxzeiro

Inicialmente, queremos dizer que a palavra resistência traz muito forte a ideia de militância e de panfletagem. Por exemplo: há grupos se defendendo de diferentes representações sociais, a fim de marcarem um território e tentarem se mostrar de outro modo para a sociedade. Compreendemos que, minimamente, a resistência está para a ordem de uma conquista, visto que o sujeito sai de uma posição discursiva e vai para outra na qual ele possa ter voz e, de certa forma, lutar – ainda que esse movimento lhe seja inconsciente – contra algum exercício do poder. Nesse sentido,

o que define a resistência não é uma ação de entrenchamento do sujeito em si mesmo. É justamente o contrário. *O movimento é de saída da trincheira*, metáfora da ordem simbólica que determina o que é e o que não pode ser o sujeito. Resistir não é deter-se em si como origem de subjetividade, mas enveredar para outros modos de subjetivação tomando atalhos por onde o discurso que determina a verdade do sujeito não entra (SOUZA, 2003, p. 41, grifo nosso).

A noção de modos de subjetivação nos conduz a pensar que, para que haja o movimento de resistência, é preciso “deixar-se” subjetivar em práticas discursivas. Esse “deixar-se” não é de uma vontade própria, é um “deixar-se” inconsciente, da ordem de um funcionamento discursivo. Pautando-se no pensamento foucaultiano, Rose (2001a, p. 53, nota de rodapé) diz que o termo “subjetivação” funciona “simplesmente para designar processos pelos quais somos ‘fabricados’ como sujeitos de um certo tipo”. Entendemos que a subjetivação é um modo particular de funcionarmos na linguagem. Rose (2001b, p. 143), em outro momento, afirma que

a subjetivação é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles.

Por meio da subjetivação, os homens se inserem em práticas discursivas, a partir das quais resistem. Dito de outro modo, a resistência ocorre por meio de modos de subjetivação (modos de inscrição na linguagem) – “o movimento é de saída da trincheira” – em práticas discursivas particulares. A questão dos modos de subjetivação é para mostrarmos que a resistência da e na prática discursiva do grupo PX é uma resistência relativa a um modo específico de subjetivação. Não é uma resistência para mudar questões sociais, é uma resistência para continuar fazendo parte desse grupo, uma resistência simbólica.

Nesse sentido, a resistência dos caminhoneiros pxzeiros não aponta para uma forma de luta em que se busca mudar certas representações sociais e/ou certos aspectos das condições de vida, mas, sim, se dá a certos modos de subjetivação, conforme discorreremos mais adiante. Isso porque, segundo Orlandi (1999, p. 6), “há assim, tal como pensamos, o caráter irreconstruível do assujeitamento – qual seja o do indivíduo tornar-se sujeito, assujeitar-se ao simbólico pela ideologia – e há a possível resistência do sujeito aos modos pelos quais o Estado o individualiza”. Procuramos mostrar que a ludicidade produzida pelos caminhoneiros pxzeiros produz efeitos de resistência simbólica, enveredando-se para uma saída subjetiva do grupo PX. É uma resistência que lhes possibilita um continuar, em certo sentido, na profissão, uma forma de “luta” que visa a dar suporte à existência desses trabalhadores.

A resistência como “a ‘brecha’ para transformações possíveis, porque instaura o diferente, o que não é do discurso” (AGUSTINI, 2004, p. 67), está para a ordem da ruptura com o “logicamente estabilizado” (PÊCHEUX, 2008). No caso da prática do grupo PX, um dos rompimentos se daria com

certas práticas formais de linguagem, tendo em vista padrões linguísticos e históricos estabelecidos socialmente. Rompimento esse por haver, nessa prática, um modo próprio (diferente) de dizer, modo esse que se configuraria como a própria resistência simbólica. Esse tipo de resistência associado a um modo diferente de dizer de um grupo leva-nos a refletir sobre o que dizem Vogt e Fry (1996) acerca de um agrupamento “descoberto” em 1978, situado nas proximidades de São Paulo.

Os membros desse agrupamento são, em sua maioria, negros. Há cerca de oitenta membros divididos em duas parentelas: Almeida Caetano e Pires Pedroso. Esse agrupamento é chamado de Cafundó (bairro rural situado no município de Salto de Pirapora), uma comunidade que fala uma língua africana. Conforme Vogt e Fry (1996, p. 25, grifo dos autores), “constatar a ‘sobrevivência’ de uma ‘língua africana’ é algo que *em si* tem um sentido político importante. Aponta para o fenômeno de ‘resistência cultural’”. Apesar de a língua portuguesa ser a língua da comunidade, segundo abordado por esses autores, a língua africana de origem banto (falange ou cupópia) sobrevive em parte por funcionar como uma espécie de ritual nas relações sociais dentro e fora do grupo.

Vogt e Fry (1996, p. 27) afirmam que, “pobres, até mesmo miseráveis nas relações de trabalho e produção, pretos, vagabundos ou caipiras integrados à região em que vivem os habitantes do Cafundó têm também o seu emplasto e seu motivo inconfesso: a ‘língua africana’”, língua essa que funciona como um mecanismo compensatório para uma história de perdas e sofrimentos. Desse modo, o vocabulário de origem africana mantido pelo agrupamento do Cafundó indicia ser uma resistência simbólica, a qual, de acordo com Vogt e Fry (1996, p. 343, nota 4), “aponta para a não passividade dos grupos minoritários perante os grupos dominantes da sociedade mais ampla”. Essa não passividade, que se dá por meio da prática de uma língua africana, configura-se como uma afirmação do grupo, o qual parece resistir simbolicamente para poder ter voz em determinadas circunstâncias.

Tomando por base a prática do grupo PX, o que estamos chamando de resistência simbólica tem a ver com o vocabulário próprio criado por esse grupo e com a maneira própria de dizer via jogos de linguagem, ocorrendo, por vezes, a produção de efeitos de sentido lúdico entre caminhoneiros pxzeiros a partir desses jogos. De modo geral, consideramos que os caminhoneiros vivenciam, assim como os habitantes do Cafundó, vidas infames, as quais, na prática do grupo PX, ganham relevo em momentos efêmeros.

Essa questão dos momentos efêmeros conduz-nos à análise empreendida por Foucault (2003) em documentos (arquivos de internamento, da polícia etc.) dos séculos XVII e XVIII, na França, que falam sobre algumas existências (vidas reais de homens infames). Foucault (2003, p. 203, grifo nosso), discorrendo sobre essas existências, afirma que são “vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos, *estranhos poemas*, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário”. Um exemplo acerca de tais vidas: “um jovem estróina, mau filho e devasso: ‘É um monstro de libertinagem e de impiedade: usuário de todos os vícios’” (FOUCAULT, 2003, p. 210).

As existências de homens infames, “vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder” (FOUCAULT, 2003, p. 206). Este, do ponto de vista foucaultiano, caracteriza-se como ação sobre ação. Assim, determinadas existências só ganharam ou ganham certa relevância, ou melhor, tornaram-se ou tornam-se “estranhos poemas”, dado o exercício incessante do poder. Compreendemos que a linha que separa o poder da resistência é muito tênue, uma vez que, ao mesmo tempo que se luta contra um determinado exercício do poder, por um modo de resistência, há nesta poder implicado.

Tendo em vista que o exercício do poder pode se dar de diferentes formas e levar à produção de diferentes modos de resistência, na prática discursiva pxzeira, a ludicidade, efeito de jogos de linguagem, constitui-se

como um lugar para o afloramento de efeitos de resistência simbólica. Por isso, a ludicidade é a nossa grande categoria de análise. A ludicidade constitui a categoria que permite “mapear” o funcionamento do sujeito da e na prática pxeira, porque ela opera de modo constitutivo nessa prática, oportunizando ao sujeito um lugar de (se) dizer e, assim, poder escu(l)tar e ser escu(l)tado, já que seu dizer funciona como – para usar um termo no sentido foucaultiano, conforme abordamos mais adiante – “monumento” nessa prática. Portanto, a ludicidade entre (caminhoneiros) pxeiros é um possível efeito de jogos de linguagem (um modo de escutar a linguagem, de fazer uma espécie de “escultura” desta e nesta).

3. Jogos de linguagem: ludicidade como possível efeito

Benveniste (2005, p. 89) afirma que “uma linguagem é, em primeiro lugar, uma categorização, uma criação de objetos e de relações entre esses objetos”. Essa questão da criação vinculada à linguagem mostra que esta encontra-se para a ordem da não essencialidade, o que permite diferentes possibilidades de produções linguísticas e de sentidos. Há as possibilidades socialmente estabilizadas e as possibilidades que jogam com as socialmente estabilizadas, de maneira a produzir algo circunstancial que pode vir a se tornar regular na prática discursiva de um espaço discursivo. No entanto, essa circunstancialidade pode ter relação com a própria regularidade discursiva de uma dada prática discursiva. Citando Foucault (1996, p. 26), “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”, como no acontecimento de jogos de linguagem como regularidade da prática discursiva pxeira.

A palavra “jogo” não remete a algo puramente linguístico, mas também discursivo, visto que faz com que haja o cruzamento de discursividades. Jogar é o ato de realizar movimentos nas regras da linguagem (e as possibilidades do sistema linguístico estão presentes em tais regras), rompendo com regularidade(s) socialmente posta(s). O jogo de linguagem numa prática discursiva exorbita regularidades discursivas de outras

práticas discursivas. Assim, em última instância, o jogo joga com a quebra de uma ordem discursiva. Não é, pois, uma quebra de uma ordem da linguagem, posto que estamos sempre nesta. É uma quebra com uma outra ordem discursiva e, portanto, com certos sentidos estabilizados.

Acerca da prática pxzeira, perguntamo-nos: com quais sentidos estabilizados os caminhoneiros pxzeiros (e os outros pxzeiros) estariam rompendo e, também, com quais modos de vida? Diríamos que é uma quebra discursiva com a própria legalidade. O modo de (se) dizer do grupo PX, trazendo o modo popular de (se) dizer, nas condições próprias de produção, mostra que os caminhoneiros não estão se colocando do lado da lei e da ordem. Em um recorte analisado mais adiante, o caminhoneiro pxzeiro Raposão afirma que “o bicho tá pegano na balancera” para quem está com “um cadinho de excesso” de carga. Há o cruzamento de duas discursividades antagônicas: a da legalidade, que apregoa um limite para a carga, e a da ilegalidade, que diz que é só um excesso de carga. Por isso, “o bicho tá pegano” (modo popular) “na balancera” (modo pxzeiro).

A quebra discursiva que se coloca contra a lei e a ordem institucionalizada em nossa sociedade mostra-se como regularidade discursiva na prática pxzeira, o que significa que os caminhoneiros pxzeiros não estão quebrando com a ordem discursiva dessa prática, porém com outras discursividades. Além do mais, tendo em vista que, em muitas circunstâncias, não há o hábito em nossa sociedade de brincar em momentos adversos ou tensos, consideramos que os jogos de linguagem, na prática pxzeira, nesses momentos, configuram-se como uma quebra com a ordem discursiva da moralidade, por isso o efeito de deboche. Pensando, ainda, nessas circunstâncias, “o sujeito, mesmo em situação muito adversa, procura uma chance de simbolizar-se em sua necessidade de estabelecer um laço social” (ORLANDI, 2012, p. 211).

A quebra de uma ordem discursiva associada ao jogo não significa que este não tenha a ver com encaixe, com a possibilidade de fazer um (unidade), apontando para o funcionamento e a prevalência do imaginário e levando o simbólico a ganhar certa consistência. A realização de

jogos de linguagem instaura a possibilidade de certo encaixe entre sujeitos, visto que pode haver a entrada no jogo do jogo. Nesse sentido, a ludicidade, efeito de jogos de linguagem, vem como uma espécie de concretização daquilo que era possibilidade de certo encaixe via deslocamento(s) nas regras da linguagem.

Na prática do grupo PX, a ludicidade, que se configura como a entrada no jogo do jogo de linguagem, não vem só via jogos com as palavras, mas também pode vir pelo modo como estas são engendradas. Dependendo do que se faz com a voz, faz-se um jogo lúdico, porque se joga com o diferente, com sentidos diferentes. A voz engendrada de um modo e não de outro gera diferença de sentido. Dessa maneira, a ludicidade não está na forma, emerge na relação entre as formas e/ou no modo como tais formas são empregadas, podendo ocorrer, também, via risos. Na prática pxzeira, há ocorrências em que o lúdico vem pela voz e por suas marcas prosódicas. Por isso, a noção que estamos procurando construir de ludicidade diz respeito ao jogo que o pxzeiro, mais especificamente o caminhoneiro pxzeiro, faz com a e na linguagem própria (ou não), porém não se restringindo a isso, porque a maneira como a voz é engendrada pode resultar em ludicidade.

A ludicidade é possível, pois há a não ludicidade, de modo que termos cristalizados (estabilizados) na própria prática do grupo PX podem apontar para a produção de dizeres lúdicos, dada a voz musicada, a relação entre os termos e seus elementos constituintes e os risos. Assim, a ludicidade traz em si a não ludicidade, o que mostra que ela não parte do “nada”. Trata-se de uma via para pensarmos que o equívoco constitui a linguagem, posto que é por haver equívoco que o jogo e, conseqüentemente, a ludicidade tornam-se possíveis.

Na prática do grupo PX de rádio amador, a ludicidade pode ser produzida quando o sujeito discursivo não se cola ao sentido cristalizado (estabilizado) fora dessa prática discursiva (ou, até mesmo, no espaço discursivo dessa prática) e realiza alguma produção diferente relacionada a questões linguísticas e semânticas, embora discursivamente esperada nas enunciações entre os membros desse grupo.

Esse não colamento nos remete à noção de arbitrariedade do signo linguístico.⁴ Associamos a arbitrariedade à própria abertura na língua – a qual é constitutiva da linguagem –, haja vista que ambas (arbitrariedade e abertura) possibilitam dizer que a língua é constituída de termos de valor concernente à relação e à oposição que esses termos mantêm entre si. Por isso, os termos da língua são genéricos e conceituais, de modo que nenhum termo se cola definitivamente aos objetos do mundo simbolizado na e pela linguagem. Conforme abordamos no Capítulo 2, essa abertura se vincula, sob nossa perspectiva, ao próprio funcionamento do real da língua, o qual causa a mobilidade relacional da língua. É pelo funcionamento da falha que é possível saber que há o real da língua. O real da história, por seu turno, é a causa do equívoco na linguagem, no simbólico, enfim, no discurso. Portanto, o equívoco é constitutivo do simbólico, sendo simbolizado e simbolizável, enquanto o real da história não o é.

Os jogos de linguagem são possíveis porque o equívoco é constitutivo da linguagem. É nessa espécie de espaço que há na linguagem que o jogo se dá. Conforme Wittgenstein (1999), no aforismo 65, “quando os jogos de linguagem mudam, há uma modificação nos conceitos e, com as mudanças nos conceitos, os significados e as palavras mudam também”, o que indica

⁴ Acerca da arbitrariedade do signo linguístico, Saussure (2006), por um lado, considera que ela se dá entre os elementos internos do signo, ou seja, o laço que une o significado ao significante é arbitrário, no sentido de que não há motivação (ligação natural) nesse laço. Por outro lado, Benveniste (2005) considera que há uma relação contingente entre significado e significante, no sentido de estar de um modo, mas poder ser de outro, porque não há fundamento algum na relação, tornando-se necessária ao entrar em uso. Benveniste (2005) afirma que há um terceiro termo (além do significado e do significante) que deve ser considerado, e Saussure, conforme afirma esse autor, não deixou de pensar nesse termo. Desse modo, na interpretação de Benveniste (2005, p. 58, grifos do autor), “na realidade Saussure pensa sempre, embora fale de ‘ideia’, na representação do *objeto real* e no caráter evidentemente não necessário, imotivado, do elo que une o signo à *coisa* significada”. Essa questão do “objeto real (coisa)” nada mais é do que o terceiro termo, que é a realidade. Benveniste (2005) considera que a arbitrariedade se dá entre o signo e a realidade (coisa, objeto), no sentido de que não há nada na realidade que determine o signo linguístico. Se fosse ao contrário, o signo determinado pela coisa, a linguagem seria transparente e haveria relação direta com o mundo, o que fundamentaria o empirismo.

a ideia de que há jogos porque a linguagem é opaca. Nesse sentido, todo e qualquer jogo de linguagem não se dá *a priori*, o que é associável ao que Saussure (2006, p. 124) diz sobre o fato de que “a língua apresenta [...] este caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui”. Ou seja, a constituição da língua diz respeito ao jogo que é feito com suas entidades e que as alça a unidades linguísticas, os signos linguísticos. Assim, a ludicidade, que não se restringe a jogos com essas unidades na prática pxeira, é permitida a partir das diferentes e (in)definidas regras da linguagem, mas também a partir da história.

Quando se trata de jogo, há certa liberdade; uma liberdade condicionada à ordem própria da língua e à ordem da história. Em outras palavras, “há uma liberdade inscrita no controle, e regras para a liberdade. Por isso, faz sentido pensar na presença do lúdico no jogo” (PIMENTEL; PIMENTEL, 2009, p. 170-171). Ratificando a ideia de jogo relacionado a regras, o que não quer dizer ausência de liberdade, Gadet (1981, p. 124) afirma que

é preciso então conceber a regra como comportando em seu próprio princípio um espaço de jogo: jogo, no sentido de um jogo de criança ou sociedade, mas também pode ser de um jogo de um músculo ou mecanismo. [...] Esse espaço de jogo não é ele mesmo o produto de uma regra, mas uma dimensão de cada regra: a abertura no funcionamento geral da língua, também na aprendizagem da língua pela criança, no uso cotidiano de todo locutor desde quando ele fala e no uso da língua para fins literários ou políticos.

O jogo não se dá fora das regras. Para ser jogo, é preciso respeitá-las. No caso do jogo com as palavras, ele ocorre porque a língua já tem um jogo nela mesma. Assim, o jogo sobre a língua, nas possibilidades permitidas por ela, ocorre graças a esse jogo da língua. De acordo com Orlandi (1999, p. 3), “na relação contínua entre, de um lado, a estrutura, a regra, a estabilização e o acontecimento, e, de outro, o jogo e o movimento, os sentidos e os sujeitos experimentam mundo e linguagem, repetem e se deslocam, permanecem e rompem limites”. Na relação

entre sujeito e mundo, ocorrem deslocamentos possíveis nas regras da linguagem, podendo ocorrer ludicidade mediante jogos de linguagem. Por conseguinte, o jogo sobre a língua, que é um jogo de linguagem, pode também presentificar a ludicidade.

Como já dissemos, para ocorrer ludicidade, é preciso que ocorra a quebra de e com uma ordem discursiva, havendo um jogo com os sentidos. De certa forma, no jogo de linguagem produzindo ludicidade, determinado sentido é esperado e pode comparecer numa dada enunciação, mas outros sentidos se fazem presentes e são passíveis e possíveis de serem (entre)vistos. A ludicidade tem a ver com uma quebra com aquilo que seria esperado em termos simbólicos, ideológicos, sociais, ou seja, sócio-historicamente. Na prática discursiva pxzeira, a ludicidade permite um outro jeito de ser que não se rende ao que está posto. O sujeito dessa prática discursiva permanece no entrelugar das discursividades, o que produz o funcionamento compensatório dos sentidos de valoração positiva em função daqueles de valoração negativa. Por isso, lamenta-se como se não estivesse lamentando-se.

Em termos de grupo social e prática discursiva, a ludicidade se dá a partir daquilo que um dado membro do grupo identifica no dizer de outro(s) membro(s), na prática discursiva do mesmo grupo, que o leva à produção de um jogo de linguagem. Essa identificação ocorre nos pontos de deriva presentes em todo e qualquer dizer. Para que a ludicidade ocorra, é preciso do outro, no sentido de que é preciso que se cole em determinados pontos de deriva e não em outros, ou seja, é um deslizar juntos em possíveis efeitos de sentido em comum. Em resumo, é preciso que o outro entre no jogo do jogo, que é o jogo da deriva, da possibilidade, com a e na linguagem, para que a ludicidade se efetive. O jogo e a ludicidade ocorrem por um possível ponto de deriva.

Entrar no jogo do jogo de linguagem, de modo a produzir efeito de ludicidade, é vibrar junto e se coadunar com o outro na quebra de certos sentidos estabilizados. É uma espécie de sentir o que o outro está sentindo, entendendo-o e, portanto, “comprando” sua ideia. A ludicidade,

como possível produto desse jogo, configura-se como “polissemia aberta” (ORLANDI, 1984). Essa polissemia tem relação com a possibilidade de alguém entrar de diferentes formas no jogo do jogo da deriva produzido pelo outro, o que se configura como abertura do sentido. Essa abertura dos diferentes ecos de sentido remete-nos à definição de discurso lúdico dada por Orlandi (1984, p. 20, grifo da autora): “podemos dizer que no *discurso lúdico*, a relação de dominância de um sentido com os seus ecos se faz de tal maneira que se preserve o máximo de ecos”. Nesse discurso, segundo essa autora, a polissemia é aberta, de sorte que há a abertura para o acirramento de diferentes possibilidades de efeitos de sentido num dado dizer lúdico.

Conforme estamos construindo, a ludicidade tem uma especificidade transgressora na linguagem, tendo a ver com brincadeira com sentido(s). Na prática do grupo PX, os caminhoneiros pxzeiros brincam com certos aspectos árduos do trabalho que parecem não incitar brincadeiras de linguagem, o que faz com que a ludicidade ali tenha relação com divertimento, mas também com uma questão de sobrevivência. Nessa perspectiva da ludicidade tendo relação com divertimento e sobrevivência, Neckel (2004, p. 51) afirma que

a manifestação lúdica não se dá apenas visando ao divertimento, mas sim, como um fator de sobrevivência, e por que não dizermos, pelo instinto de sobrevivência. É o prazer evocado pelo lúdico que impulsiona a imaginação e, conseqüentemente facilita a construção de conhecimento e a resolução de problemas do cotidiano.

No que concerne ao grupo PX, pelas próprias condições de produção dos caminhoneiros, a ludicidade aponta para uma questão de divertimento e de sobrevivência. Divertimento porque muitos caminhoneiros pxzeiros realizam jogos de linguagem, a fim de passarem o tempo nas estradas aprazivelmente. Sobrevivência porque muitos caminhoneiros pxzeiros realizam esses jogos em momentos que parecem não os sugerir, já que são momentos, por vezes, de adversidade e/ou de tensão nas estradas.

A partir desse duplo funcionamento da ludicidade: divertimento e sobrevivência, procuramos mapear os momentos de jogos de linguagem nos dizeres dos caminhoneiros pxzeiros via rádio amador. Partimos desse funcionamento localizado para um funcionamento social, constitutivo da e na prática pxzeira, qual seja, o jogo discursivo. Minimamente, o jogo discursivo coloca em funcionamento uma relação de sentidos opostos que produz um efeito e um funcionamento compensatórios relacionados à condição de vida dos caminhoneiros. Aquilo que aparenta ser uma simples “troca de ideias” de caminhoneiros pxzeiros em rádio amador tem a ver com uma questão social, uma vez que, de algum modo, o lugar social que os caminhoneiros ocupam na sociedade tem relação com a produção de linguagem na prática pxzeira. Nesse sentido, os jogos de linguagem, jogos localizados, estão em função do jogo discursivo, o qual permite que nossas análises se configurem como recorrentes, posto que é um funcionamento que vem em razão de sua dimensão social.

Focamos o jogo discursivo construído nas relações discursivas entre caminhoneiros pxzeiros e entre caminhoneiros pxzeiros e outros pxzeiros via rádio amador. Dessa construção, realizamos recortes temáticos: jogos linguísticos de base lexical, sintática e/ou morfológica, jogos de riso e jogos de voz musicada. No tópico a seguir, trabalhamos, prevalentemente, os dois primeiros jogos localizados em detrimento do terceiro, o que não significa que este não esteja funcionando. Depois, no outro tópico, damos ênfase ao terceiro jogo localizado, o que não quer dizer que os dois primeiros não estejam em operação.

3.1 Jogos de riso e jogos linguísticos

O riso é uma das infinitas facetas da linguagem, dado o fato de significar, podendo se manifestar de diferentes formas e, também, ser simbolizado de diferentes modos. O riso não está, necessariamente, ligado à língua, uma vez que não é portador de significado e significante. Isso indica que o riso não é um signo linguístico, mas uma matéria simbólica.

As manifestações de riso podem produzir variados efeitos de sentido, como, em determinadas circunstâncias, de deboche, entendendo este, em poucas palavras, como ridicularização. Esse tipo de riso é associável ao riso carnavalesco da Idade Média e do Renascimento.

Em referência a François Rabelais, Bakhtin (1987, p. 3), ao discorrer sobre o riso carnavalesco, diz que “o mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época”. É um riso ligado à cultura cômica popular em oposição à cultura tida como oficial. Bakhtin (1987, p. 10, grifo do autor) afirma, ainda, que o riso carnavalesco “é, antes de mais nada, um riso *festivo*. Não é, portanto, uma reação individual diante de um ou outro fato ‘cômico’ isolado”. Esse riso funciona como uma espécie de corrente coletiva, corrente essa ligada ao que afirma Stam (2000, p. 87) sobre a ideia de que o riso “é a memória adulta das gargalhadas das crianças, que não riem necessariamente de ‘piadas’ específicas, mas como parte de um contágio coletivo”,⁵ que passa de um para outro.

Bakhtin (1987) afirma que o riso carnavalesco em questão é, além de um patrimônio do povo, universal e ambivalente. O riso de caráter ambivalente, no sentido de ser “alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN, 1987, p. 11). Esse riso (alegre e debochador, por exemplo) é associável àquele que, muitas vezes, se manifesta via prática do grupo PX de rádio amador nos momentos de (não) adversidades ou de (não) tensão passados por caminhoneiros nas estradas. Em face dessa associação, apresentamos este recorte:⁶

⁵ O contágio coletivo faz-nos pensar em uma questão muito comum em estádios de futebol. Muitas vezes, nesses estádios, quando acontece alguma briga, vários torcedores costumam ir ao encontro daquela briga por uma espécie de impulso, ou melhor, contágio coletivo, algo que parece se assemelhar ao bocejar.

⁶ No recorte, “modulá uuuma” significa tomar alguma bebida alcoólica; “poosoi”, positivo; “anquei”, ok.

BARRA FORTE: [xxx] Tranquera, bom dia...

TRANQUEIRA: Positiiiva... Aaa... Começou tudo uma e meia da manhã lá, Barra, descarregamento uma e meia da manhã e sete e meia nós tá aqui, **hahaha**... *Mas tá bão*... Agora, descarrega, se num carregá, dormir um pouco e de tarde modulá uuuma, poosii?!

BARRA FORTE: Anquei, não é que é de lei?! Sexta-feira, hein, rapaiz?! E o Mano tá tomando uma daquela de litrão ainda?

Parece que o caminhoneiro pxzeiro Tranqueira, que estava em momento de estrada, tinha dormido muito pouco, no entanto riu, “hahaha”, de uma maneira alegre e debochada, pois essa manifestação de riso veio como uma espécie de “foda-se” em relação às circunstâncias imediatas das condições de produção (descarregar de madrugada e já trabalhar no início da manhã). Tranqueira riu de algo que, aparentemente, não deveria causar riso, já que se tratava de uma adversidade (dormir pouco), ocorrendo, portanto, um menosprezo por essa adversidade. Esse riso funciona como uma espécie de paráfrase de uma expressão muito comum na cultura popular brasileira, qual seja, “num dá nada não”. Essa expressão costuma indiciar o fato de uma circunstância ser tratada com desprezo.

No recorte em questão, percebemos que há um predomínio de conversa, visto que há informações importantes relativas à vida de estrada. Há também traços de conversação relacionados, por exemplo, à ideia de beber bebida alcoólica e sobre isso ser algo merecido. Nesse predomínio de conversa, houve um cruzamento de discursividades antagônicas (dormir tarde, acordar cedo) que produziu a adversativa “mas” em “mas tá bão”. Essas discursividades indiciam certas dificuldades enfrentadas na profissão de caminhoneiro, abrindo para outra discursividade que rememora certos prazeres que essa mesma profissão pode acarretar: após o trabalho duro, o sono merecido, a bebida merecida, a diversão merecida, a mulher merecida, o descanso merecido etc.

Após a manifestação de riso, Tranqueira disse em seguida: “mas tá bão”. Essa expressão produz um efeito compensatório ligado a um valer

a pena suportar a adversidade enfrentada na estrada, uma via de saída para essa adversidade, configurando-se como parte do jogo discursivo que coloca sentidos em oposição. Ao mesmo tempo que há um tom de queixa ao ter dito sobre o descarregamento, há, também, um tom de não queixa ao que pode vir a acontecer depois do carregamento, o que aponta para um contraponto entre algo relacionado ao trabalho que não é bom (negativo) e algo bom (positivo) que pode vir a acontecer em função do trabalho feito ou a ser feito, haja vista a presença do conectivo condicional “se” em “se num carregá, dormir um pouco e de tarde modulá uuuma”. O que pode vir a acontecer, dormir e beber bebida alcoólica, é uma justificativa para a expressão “mas tá bão”. Essa justificativa instaura-se como um funcionamento compensatório.

O fato de ter ido dormir tarde e de ter acordado cedo não fez com que Tranqueira se queixasse seriamente disso, visto que ele iria dormir e beber bebida alcoólica à tarde (“modulá uuuma”: tomar cerveja, pinga, vinho...? Ou, então, metaforicamente pensando, modular certos prazeres da vida: álcool acompanhado de mulher, descanso e aperitivo, representando a discursividade cultural do prazer).

Há, no recorte, além do jogo de linguagem pela manifestação de riso, o jogo de linguagem pela musicalidade na voz: positiiiva, aaa, modulá uuuma e poosi, do caminhoneiro pxzeiro Tranqueira. Barra Forte, ao ter entrado nesse jogo via jogo lexical e sintático dizendo: “não é que é de lei” beber bebida alcoólica, produziu efeito de sentido lúdico. A expressão “não é que é de lei” remete a algo que deve ser um direito, pois as condições de trabalho parecem ser difíceis, o que não significa que isso seja um precedente para queixas. Desse modo, a ludicidade em questão produz efeito de sentido de resistência simbólica às queixas relacionadas a certos aspectos do trabalho. Tranqueira queixou-se como se não tivesse se queixado, dados os efeitos de deboche e de compensação, os quais estão em função da resistência simbólica. Por isso, a não queixa prevalece sobre a queixa.

Os dizeres, mediante a prática pxzeira, a partir do próximo recorte, ocorreram entre o caminhoneiro pxzeiro Raposão e o pxzeiro Barra Forte.

Observamos que há duas questões diferentes coexistindo: blitz policial numa balança para veículos pesados e situação de um caminhoneiro acidentado.⁷

RAPOSÃO: Ééé... Bom diaaa, tá bããão, Barra Forte, bom dia, um abraço aí, passano aqui em frente os bota, véio, tá looco, de olho na balancera eee se tiver com um cadinho de excesso, borrachada dos bota, viu, Barrinha... O bicho tá pegano na balanceera, tá bãõ, Barrinha, bom dia, um abraço pro cê, o Canguru, o Amendoim e os demais, câããmbio?!

BARRA FORTE: Tá legal, tá bãõ, ô Raposão, não, beleza aí, eu agradeço aí, né, a visita do senhô novamente, né, aquela boa chegada pu lado de cá, sempre será bem-vindo e, daqui pra li, como é que foi a viajada pu lado do senhor, foi legalizado?

RAPOSÃO: Ééé... Legal, tá bãõ, Barrinhaa, foi positivo, graças a Deus, bacanizado, tá bãõ, Barrinha?!

BARRA FORTE: Tá legal, como é que foi, cê teve notícia lá do nosso amigo ali, u, u, como é que chama o homi, gente, fui esqueceno pu lado de cá, cê teve notícia?

RAPOSÃO: O Baxerinho?

BARRA FORTE: Pooositiva!

RAPOSÃO: Tá legal que eu tive, tá bãõ?! Fui encontrano ali o Bil, a galera imensa ali, o cabra tá legal, véio, taí no cutiaco dele, foi dano aí, foi dano uma bagunçada aí na coluna do cabra, parece que a coluna do cabra foi ficano meio fora aí, tá bãõ, aí foi enfaxano ali a coluna ali, sei lá do jeito que tá ali, eu vô passá agora lá no cutiaco dele, câããmbio?!

Raposão afirmou que havia policial, numa balança, atuando com multa a caminhões ou carretas com excesso de carga, ou seja, com “um cadinho

⁷ No recorte, “bota” significa polícia; “balancera”, balança em que se pesam veículos pesados nas estradas; “borrachada dos bota”, multa da polícia; “bacanizado”, bacana; “pooositiva”, positivo; “cutiaco”, casa.

de excesso”. Assim, destacamos o dizer: “O bicho tá pegano na balancera”, visto que, a partir do verbo auxiliar “estar” e do gerúndio de “pegar”, o aspecto durativo da ação é marcado por uma continuidade no tempo presente da enunciação. É possível entrevermos que não é a todo momento que há policiais na referida balança. A expressão “o bicho tá pegano” é uma expressão muito comum na cultura popular brasileira para dizer que “o bagulho tá solto, tá na área”, referindo-se, na ocasião, à presença da polícia. Essa expressão traz discursividades sobre a ideia de que algo ilegal está acontecendo, o que indicia uma aproximação entre prática pxeira e ilegalidade.

Associada ao termo “balancera”, diríamos que a expressão em análise se configura como jogo linguístico de base lexical e sintática, pois articula algo da linguagem própria pxeira a algo da cultura popular brasileira. Refletindo, ainda, sobre essa expressão, consideramos que ela apresenta traços de prevalência de conversa, já que, ao divertir, adverte o outro também, o que mostra que o lúdico é sério, no sentido de que quem diz ludicamente será ouvido.

Nessa perspectiva, o dizer em questão se caracteriza como jogo de linguagem produzindo uma relação lúdica entre Raposão e Barra Forte, que entrou nesse jogo por meio da maneira leve e descontraída de dizer, não tendo dito nada a respeito de uma possível tensão pela qual poderiam ter passado caminhoneiros pxeiros (Canguru, por exemplo) que foram, de certa forma, advertidos e divertidos por Raposão ao dizer, via rádio amador, o que estava acontecendo na balança. Assim, ao mesmo tempo que há conversação, há conversa também, posto que, ao brincar e divertir, avisa e adverte. A conversação e a conversa se imiscuem, havendo apenas traços de prevalência. O fato de haver “borrachada dos bota” não sugere um momento para brincadeiras de linguagem, fazendo-nos pensar que a ludicidade na prática pxeira indicia um fator de diversão, mas também um fator de sobrevivência nas estradas, ou seja, brinca-se para a existência de si.

Termos e expressões ditos por Raposão, como, por exemplo, “bota”, “balancera”, “o bicho tá pegaano” e “um cadinho de excesso” rememoram

discursividades de ilegalidade, de estar fora da lei, mostrando algo das condições de produção dos caminhoneiros: viagens com excesso de carga. Em última instância, esse aspecto pode ancorar-se em uma representação imaginária muito recorrente acerca dos caminhoneiros, a saber, caminhoneiros vistos como imprudentes. Dizer “um cadinho de excesso” parece ironizar o fato de estar com muito excesso de carga, o que reforça essa representação. O termo “cadinho” é um jogo linguístico de base morfológica, dado o sufixo “-inho” associado à redução do substantivo “bocado”; em vez de “bocadinho”, foi dito “cadinho”. Nem sempre o sufixo “-inho” indica diminutivo, podendo, de maneira irônica, indicar aumentativo. Esse “cadinho” de carga é, de certa forma, insignificante para os caminhoneiros, porém, para os policiais e a sociedade, de modo geral, não o é. Essa insignificância é decorrente de o fator econômico sobrepor-se ao respeito social e à legalidade.

Em meio aos dizeres iniciais de Raposão, chama-nos a atenção a expressão “tá looco”, a qual funciona como um anúncio para dizer que “o bicho vai pegar”, que “tem bagulho à vista”, que “a parada tá armada”. O lugar onde apareceu e a musicalidade na voz fazem com que essa expressão produza efeito de deboche em relação ao fato de os policiais poderem aplicar multa aos caminhoneiros com excesso de carga. É como se Raposão estivesse desdenhando dessa circunstância, já que seu cumprimento ao Barra Forte se prolongou pela repetição do termo “abraço”, da expressão “bom dia” e do QRA “Barra Forte” como “Barrinha”, o que indicia uma espécie de “num tô nem aí”, sendo o mais importante manter o fático em jogo, ou seja, a conversação em detrimento da conversa. Vale destacarmos que Raposão, ao chamar Barra Forte de Barrinha, mostra afeto, amizade, intimidade e respeito por esse pxzeiro.

Ainda sobre a expressão “tá looco”, gostaríamos de dizer que ela se apresenta como equívoca, pois pode funcionar como paráfrase de uma confirmação de entendimento, “ok”, além de poder funcionar como paráfrase de expressões que produzem efeito compensatório, por exemplo, “mas tá bão”, e de expressões que apresentam tom de queixa, por exemplo,

“pura bucha”. Ao dizermos isso, interessa-nos manter o sentido aberto e mostrar (im)possibilidades de sentido, posto que há diferentes pontos de deriva causados pelo real da língua e pelo real da história.

No recorte em questão, embora haja muitos dizeres relativos a longos cumprimentos, o que aponta para a conversação entre os pxeiros, consideramos haver um predomínio de conversa, já que há uma troca de informações úteis relativas à vida de estrada, como é o caso da informação sobre a situação de Baxerinho, um caminhoneiro acidentado. Ao falar sobre esse caminhoneiro, Raposão disse o termo “cabra”, o qual é associável ao referente “homem”. Esse termo remete à rede de memória da região nordestina, colocando em cena algo que vem de outro lugar, que é próprio de outro espaço discursivo. Isso mostra que a heterogeneidade é constitutiva, o que faz com que elementos recorrentes numa prática discursiva migrem para outras práticas. Assim, dizeres que, numa dada prática, sugerem exterioridade, são, na verdade, interioridade, já que a relação (interior e exterior) é de imbricamento.

O dizer de Raposão “uma bagunçada aí na coluna do cabra” configura-se como um jogo linguístico de base lexical, sintática e morfológica para se referir sobre a situação de um caminhoneiro acidentado, havendo, de certa forma, uma implicação indireta com as condições de trabalho. Esse dizer indica uma brincadeira com a própria profissão de caminhoneiro, levando-se em conta que o problema na coluna do Baxerinho pode ter sido causado pelo excesso de trabalho com caminhão. Foi um aspecto difícil experienciado por um colega de profissão, ocorrendo uma relação de identificação. Por identificação, houve a brincadeira com a adversidade do outro, a qual não deixa de ter relação com Raposão, visto que ele também é caminhoneiro e, por isso, está suscetível a passar e enfrentar problemas similares ao carregar e descarregar caminhão.

De uma forma geral, nos dizeres de Raposão e Barra Forte, apareceram algumas expressões que se configuram como equívocas: “tá bão”, “tá loco” e “tá legal”, além do termo “beleza”, no sentido de apontarem para confirmação de entendimento e para um efeito compensatório, estando

implícito, neste caso, um conectivo adversativo no início deles. Isso pode ser (entre)visto na expressão “tá bão” destacada no dizer de Raposão: “a coluna do cabra foi ficano meio fora aí, [mas] tá bão, aí foi enfaxano ali a coluna ali”. Normalmente, há um funcionamento canônico no jogo de linguagem dos caminhoneiros pxzeiros (e dos outros pxzeiros também): sentido de valoração negativa e, em seguida, sentido de valoração positiva, tendo este sentido prevalência sobre o primeiro, já que vem como uma espécie de produto final, uma consequência de se suportar as dificuldades enfrentadas nas condições de trabalho. Então, a não queixa (valoração positiva) tem prevalência sobre a queixa (valoração negativa).

Mesmo nos dizeres de Raposão sobre o estado de saúde de Baxerinho, embora haja sentido de valoração positiva no início e sentido de valoração negativa depois, ou seja, embora apareça sintagmaticamente invertida a relação compensatória, temporalmente mantém-se a relação de sentido de valoração negativa e, em seguida, sentido de valoração positiva, de modo que esta permaneça em relação de prevalência, tanto que, de imediato, aparece sintagmaticamente na posição canônica do funcionamento discursivo. Isso ocorre de novo, porém de modo diferente, porque sintaticamente a construção é outra. A grande questão é: Baxerinho está acidentado, mas está bem porque está em sua casa, o que nos rememora uma expressão popular: “tá ruim, mas tá bão”, sendo o “tá bão” um efeito compensatório (o que de bom a ser vivenciado) do “tá ruim” (situações adversas ou tensas relativas à estrada). O fato de estar “legal” porque está no seu “cutiaco” é uma justificativa que se caracteriza como funcionamento compensatório.

Os jogos de linguagem apresentados produzem efeito de ludicidade entre os pxzeiros, uma vez que estes entraram nos jogos por meio de jogos linguísticos e/ou jogos de voz musicada. Apesar das circunstâncias adversas relatadas no recorte, consideramos que a ludicidade em questão produz efeito de resistência simbólica à lamentação relacionada à aplicação de multas por policiais e à situação de Baxerinho. É um efeito relacionado a um não entrar na lamúria de situações que podem ser consideradas árduas.

A queixa está implicada na não queixa, porém a não queixa está em estado de prevalência sobre a queixa. No jogo discursivo “tá ruim, mas tá bão”, o estar bom é mais forte, pois se constitui como uma continuidade para a própria vida.

No próximo recorte, os dizeres ocorreram entre Carabina⁸ (caminhoneiro pxzeiro) e Barra Forte (pxzeiro). Percebemos que Carabina procurou descrever o carregamento do caminhão (local e dia) e o descarregamento (local). Barra Forte procurou reforçar o entendimento dessa descrição por meio de paráfrases de alguns dizeres. Em meio a essas questões, pudemos observar jogos de linguagem. Vejamos:⁹

CARABINA: [xxx] Bom dia e um braço aí, Barrinha. Satisfação imensa em ouvir esse tubarão novamente...

BARRA FORTE: Tá legaaal, tá bão ô, ô, Carabina. Quero ver não conhecer, né?! Como é que num conhece uma voz de locutor de ouro desse, né?! A voz do Ciiid Moreeera... Tá bão ô, ô, Carabina. Bom dia pro cê, baita dum braço, tá bão, meu jóvio. Seja bem-vindo novamente pu lado de cá. Como é que tá o senhor aí? Como é que tá o enchimento do caxooote? Cê tá onde por aí, meu jóvio?

CARABINA: Ah, ok, Barra. Ah, tô aqui encheno o caxote aqui na cerâmica Lassi, né?! Depois aqui du Lassi [xxx] Encheno o caxotinho aqui, Barrinha, do barrinho queimado, no primero horário, né?! [xxx] Indo pru Conselhero

⁸ Gostaríamos de chamar a atenção para um fato ocorrido com o caminhoneiro pxzeiro Carabina. Infelizmente, esse caminhoneiro, com toda a sua experiência de profissão, faleceu no ano de 2011, vítima de uma imprudência consigo mesmo: não calçar o caminhão ao entrar debaixo dele. Deixamos aqui registrado nosso pesar.

⁹ No recorte, “tubarão” significa bom operador de rádio amador; “jóvio”, jovem; “enchimento do caxooote”, carregamento do caminhão ou carreta; “encheno o caxote” e “encheno o caxotinho”, carregando o caminhão ou a carreta; “barrinho queimado”, telha; “arrochá”, acelerar; “a boca num é boa não”, a circunstância não é das melhores; “basquete”, trabalho; “carrão do patrão”, caminhão ou carreta do patrão; “fica só o ouro”, fica tudo bem; “cââmbia”, câmbio.

Lafaiete de novo, Barrinha. Conselheiro Lafaiete da vida. Pura bucha,¹⁰ né?! Arrochá amanhã no Domingão do Faustão. A boca num é boa não viu, Barra, **hahaha**... *Fazê o quê*, né?! Num pode pará o basquete, né?! É pá cabá, Barrinha. Comigo tá bacana. Bacana comigo, com o carrão do patrão também. [...] É motivo de arrochá, Barrinha, amanhã, né?! Sair amanhã mais tarde um pouco, né, no segundo horário, né?!

BARRA FORTE: Tá legal, tá bão ô, ô, Carabina... Entendido e compreendido os comentário do amigo, né?! Taí, né, ancorado na Indústria Lassi. Encheno o caxote e o que liga ali é o Conselheiro Lafaieete. Mas tá de bem com a vida, né, nosso amigo. A saúde tá dez, o carrão do patrão correspondendo às pedlada e fica só o ouro, tá bão ô, ô, Carabina, câââmbia?!

A saudação entre Carabina e Barra Forte é longa e repleta de uma espécie de abraço simbólico entre bons amigos, de modo que Carabina, assim como o fez Raposo, chamou Barra Forte de Barrinha, termo este que produz um tom de afeto, amizade, intimidade e respeito. Nos dizeres desses pxzeiros, observamos a presença de muitos termos e expressões da linguagem própria do grupo PX. Esses termos e expressões foram permeados de voz musicada, ocorrendo a incidência dessa voz também em termos que não são da linguagem própria, como nos nomes próprios “Ciiid Moreeera” e “Conselheiro Lafaieete”. Apesar de haver informações relativas à vida de estrada, compreendemos que o mais importante no recorte foi a manutenção do laço social por meio de trivialidades. Portanto, diferente dos dois recortes anteriores, houve, nesse recorte, o predomínio de conversação.

Chama-nos a atenção a associação feita pelo pxzeiro Barra Forte ao se referir à voz do Carabina de maneira descontraída, dizendo: “voz de locutor de ouro”. Essa associação configura-se como um jogo linguístico

¹⁰ Expressão que tem certa semelhança com outras expressões da linguagem própria do grupo PX: “pura maracutaia” e “ave credo”. Com base na cultura popular brasileira, diríamos ser parecida com: “Deus me livre”. Todas essas expressões parecem produzir alguma desaprovação.

de base lexical e sintática, já que não foi dito, simplesmente, “voz boa”, “voz bonita”, “voz de locutor de rádio” etc. Carabina, ao ser perguntado sobre “o enchimento do caxooote”, entrou nesse jogo de linguagem por meio de um número significativo de termos e expressões da linguagem própria acompanhados por uma manifestação de riso, ocorrendo a produção, portanto, do efeito de ludicidade.

Carabina informou sobre o local e o dia em que estava carregando o caminhão, na Cerâmica Lassi (Monte Carmelo) em um sábado, pois iria viajar no domingo. Ao dizer que iria para Conselheiro Lafaiete, esse caminhoneiro pxzeiro afirmou ser “pura bucha”. Essa expressão indicia um tom de lamentação, já que é uma viagem que iria ocorrer em pleno domingo, dia que, tradicionalmente, para outros profissionais, é dia de folga e descanso. O tom em questão pode ser reforçado pelo dizer que veio a seguir: “A boca num é boa não”. Esse dizer veio no lugar de dizeres como: “a viagem num é boa não”, “o momento num é bom não”, “esse trabalho não é bom” etc., produzindo sentidos de valoração negativa sobre o trabalho e, em particular, sobre essa viagem.

Todavia, houve a manifestação de riso, “hahaha”, a qual remete a um deboche em relação à viagem em pleno domingo, uma ridicularização em relação à circunstância, visto que é da ordem da própria profissão, por isso a expressão “fazê o quê”, que indica algo não passível de mudança: viajar no domingo para descarregar na segunda-feira de manhã, por exemplo. Carabina riu debochadamente de um possível aspecto difícil das condições de trabalho, a fim de torná-lo leve. É um riso de deboche porque era um momento que não aparentava ser de riso, pois domingo é, normalmente, um dia para estar em família. No entanto, no dizer desse caminhoneiro pxzeiro: “num pode pará o basquete”, ou seja, não se pode parar de trabalhar. Assim, o que resta, de certa forma, é rir com desdém da possível adversidade em questão.

Nesse sentido, o dizer: “Fazê o quê, né?! Num pode pará o basquete, né?! É pá cabá, Barrinha”, aponta para efeitos de sentidos contraditórios em jogo, uma vez que, ao mesmo tempo que há algo negativo relacionado

ao trabalho, “é pá cabá”, há algo positivo relacionado a ele também, “fazê o quê”. A expressão “fazê o quê” funciona como paráfrase da expressão “mas tá bão”, apontando para um efeito compensatório que indica valer a pena suportar a viagem no domingo, pois é esse tipo de trabalho que permite sustentar a si próprio e a família, por isso: “num pode pará o basquete”. Carabina, na sequência de seus dizeres, falou sobre estar tudo bem consigo e com o caminhão também, estando pronto para a viagem no domingo, o que mostra ser uma justificativa para o efeito compensatório, logo um funcionamento compensatório. Embora haja um tom de queixa nos dizeres desse caminhoneiro pxzeiro, prevalece um tom de não queixa, visto que aquilo que é básico para a viagem não está faltando: corpo e caminhão. A relação contraditória de sentidos configura-se como jogo discursivo sustentando jogos de linguagem.

No recorte em questão, há a discursividade de liberdade, discursividade essa que há em torno do trabalho dos caminhoneiros, já que estes fazem, de certa forma, seus horários, “arrochando” (acelerando), por vezes, de madrugada. Embora haja a manifestação de voz musicada em alguns momentos, consideramos que há uma prevalência de jogos linguísticos de base lexical, sintática e morfológica porque há, além do emprego da linguagem própria de uma maneira descontraída, o emprego de expressões que jogam com as palavras: “voz de locutor de ouro” e “a voz do Ciiid Moreeera”, e expressões que jogam com elementos internos às palavras por meio do sufixo “-inho(s)”: “encheno o caxotinho” e “barrinho quemado”, sufixo esse que parece suavizar a “carga pesada”, logo uma (não) queixa implicada. Assim, compreendemos que a ludicidade que decorreu desses jogos linguísticos e do jogo de voz musicada produz efeito de resistência simbólica à queixa de ter de viajar em pleno domingo à tarde.

Embora não estivesse na rodagem, assim como Carabina, Barra Forte entrou no jogo do jogo de linguagem e relacionou o carregamento do caminhão a aspectos positivos que poderiam fazer da viagem a Conselheiro Lafaiete uma viagem leve e tranquila. Barra Forte afirmou: “Mas tá de bem com a vida, né, nosso amigo. A saúde tá dez, o carrão do patrão corres-

pondendo às pedalada e fica só o ouro, tá bão ô, ô, Carabina, cââmbia?!”. O pxzeiro encerrou este dizer com uma musicalidade na voz incidindo no último termo. A voz musicada parece fazer com que a necessidade de trabalhar não dê lugar somente à lamentação. Não se restringe a isso porque, em última instância, o caminhão está em pleno funcionamento, o que mostra que o aspecto econômico é determinante. Por isso, “fica só o ouro”.

No próximo recorte, os dizeres, via rádio amador, ocorreram entre os caminhoneiros pxzeiros Chaveirinho e Malboro e o pxzeiro Barra Forte. O que nos chamam bastante a atenção nesse recorte são as manifestações de riso, já que vieram em uma quantidade significativa. Entretanto, houve, também, manifestações de voz musicada. As manifestações de riso somente não ocorrem na enunciação de Barra Forte, o que pode indiciar uma relação estreita entre riso e momento de estrada, pois este pxzeiro é o único que se encontrava em base fixa (casa) operando rádio amador. Portanto, a sua condição era outra. Além das manifestações de riso, chamamos a atenção a quantidade significativa da linguagem própria empregada pelos pxzeiros em questão.¹¹

CHAVEIRINHO: Malboro, **he** [xxx], o filho que, sei lá, diz ele que satisfaz, vai sabê. E o Klebinho morrendo de dor de cabeça lá na retaguuuuarda, cumpri-menta o rapaz aí, Malbooooo...

MALBORO: Ééé, bacanizado aí, **hehehehe**. Ééé... Boa noite e um abraço aí, viu, câmbia... Sou eu, Malboro, 5ª Curitiba é a residência, aí imbicado à 2ª Serra Papa aí, ali novamente pu QTH de basquete, fazê o descarregamento, falô, meu amigooo, boa noite e um abraço do Malboro, QSL...

¹¹ No recorte, “bacanizado” significa bacana; “câmbia” e “cââmbia”, câmbio; “5ª Curitiba”, Curitiba/PR; “2ª Serra Papa” e “Serra Papa”, São Paulo; “QTH de basquete”, local de trabalho; “QSL”, entendido, compreendido; “jóóóvio”, jovem; “5ª parte do Paraná”, Paraná; “radiolando”, praticando o rádio amadorismo; “cutiaco de basquete”, local de trabalho; “QTH de pancadariaaa”, casa; “4ª região mineira”, Minas Gerais; “carrão do patrão”, caminhão ou carreta do patrão; “tapete”, rodovia de asfalto; “fica só o ouro”, fica bom; “maicanudo”, “tubarão”, ou seja, bom operador de rádio amador.

BARRA FORTE: Tá legal, tá bão, Malboro... Boa noite e um braço pu senhô, tá bão, meu jóóóvio... Taíí, representante ali da 5ª parte do Paraná, né... Radiolando e transmitindo território mineero... Em busca ali da Serra Papa, ô Malboro, vê se QSL, câââmbia...

MALBORO: Ééé, bacanizado, **hehehehe**. É bacanizado aí ó, descendo o cutiaco de basquete aí é a 2ª Serra Papa, e o OTH de pancadariaaa, de sossegooo, 5ª Curitiba aí, **he**, viu, pra ficá bacanizado, bicho, aí ooo, conduzinooo a maclaren¹² por aqui, ooo, *ô loco*. A 4ª região mineira imbicadooo à 2ª Serra Papa, pra fazê o descarrego, QSL...

BARRA FORTE: Tá legal, tá bão, Malboro... Taí, né, pedalano aí o carrão do patrão, né... O mesmo correspondeno às pedalaada... O motorista é competentee, o tapete é um filééé, então fica só o ouro ô, Malboro, câââmbia...

MALBORO: Ééé, legalizado, meu amigo, **hehehehe**. Tá chique, bacana memo, viu, bacana, bacana, aí eu vô jogá aíí vosmicê ali pro Klebinho. Klebinho, cumprimenta ooo maicanudo aí, Klebinho...

Os caminhoneiros Malboro e Chaveirinho, juntamente com o caminhoneiro Klebinho, viajavam à noite – isso pode ser notado por meio da expressão “boa noite” dita por Malboro e por Barra Forte –, o que indica para o aspecto das condições de produção dos caminhoneiros relacionado ao risco de roubos de cargas, que aumenta à noite. Tendo em vista que o elemento social se alinhava ao linguístico, diríamos que uma das maneiras de os caminhoneiros pxzeiros lidarem com os diversos riscos que o trabalho na estrada impõe é realizando brincadeiras de linguagem. Desse modo, é brincando para resistir. É resistir para existir.

No recorte em questão, assim como no anterior, há um predomínio de conversação, visto que os pxzeiros se restringiram, basicamente, a cumprimentos e a informações triviais sobre local de residência (Curitiba), local de descarregamento (São Paulo) e local de passagem (Monte Carmelo), embora não tenha sido dito diretamente, foi dito de outro modo:

¹² Este termo não apareceu mais em nenhum outro lugar do nosso material.

“território mineeiro” e “4ª região mineira”). Nesse predomínio de conversação, há um cruzamento de discursividades antagônicas: viajar à noite para cumprir o trabalho e, após o trabalho, nos dizeres de Malboro, ir para “o QTH de pancadariaaa, de sossegooo”. Viajar à noite indicia algo que pode se configurar como árduo na profissão de caminhoneiro, porém há recompensas que esse trabalho ocasiona, como o descanso que o lar pode proporcionar após uma dura viagem.

Os dizeres dos caminhoneiros pxeiros Chaveirinho e Malboro foram permeados por manifestações de riso: “he” e “hehehehe”. De modo geral, destacamos que essas manifestações, dado o contexto imediato da enunciação, produzem efeitos de deboche, já que, mesmo sendo uma viagem à noite com todos os perigos que esse tipo de viagem pode acarretar, vieram como uma espécie de “tanto faz” em relação a essas condições imediatas de produção. O riso, em um momento que aparenta ser de não riso, pois aparenta ser um momento tenso, mostra menosprezo, portanto deboche. Cabe enfatizarmos que a manifestação de riso “he” apareceu tanto nos dizeres do Chaveirinho como nos dizeres do Malboro. Já a manifestação de riso “hehehehe” apareceu apenas nos dizeres do Malboro, em três momentos. Embora haja a produção do efeito de deboche, entendemos que essas manifestações de riso funcionam como uma espécie de confirmação de entendimento, vindo no lugar de termos como: compreendido, entendido, ok etc.

Em meio a dizeres linguisticamente regulares da e na prática do grupo PX de rádio amador, ocorreu, por uma voz musicada, a expressão “conduzinooo a maclaren” nos dizeres de Malboro. Essa expressão, permeada por voz musicada, se configura como um jogo linguístico de base lexical e sintática, pois é constituída por uma relação entre termos que quebra certa ordem discursiva, qual seja, a da legalidade. Vale lembrarmos que uma “maclaren”, no meio automobilístico, é um veículo extremamente rápido. Tentar fazer do caminhão ou carreta uma espécie de “maclaren” é ir de encontro à lei de trânsito, logo é estar no âmbito da ilegalidade e da imprudência.

Julgamos relevante destacar que o verbo “conduzir”, na expressão “conduzinooo a maclaren”, produz um efeito de sentido de que não

se estava apenas dirigindo o veículo pesado, mas, sim, choferando-o e guiando-o. Assim, o verbo “conduzir” pode mostrar, de certa forma, um amor pela máquina, dado o tom de carinho que a musicalidade na voz produz. Essa característica parece acirrar-se pela presença do termo “maclaren”, posto que, na cultura popular brasileira, é comum ouvirmos dizer que, quando um carro é diferencial, é uma “maclaren”. Esse termo permite o efeito de sentido de máquina possante (forte, grandiosa e rápida). Esse efeito de sentido é possível porque o termo “maclaren” está associado à rede de memória automobilística, rememorando discursividades relativas a carros de corrida.

A reatualização do termo “maclaren” reclama o referente “caminhão carregado” ou “carreta carregada”, o que parece produzir efeitos de ironia, mas também de deboche. Pensar num “caminhão carregado” ou numa “carreta carregada” como uma “maclaren” é uma denominação que suscita tais efeitos. Isso porque, com base na Fórmula 1, é possível dizer que “maclaren” é um veículo leve, pequeno e veloz, o que não é o caso de caminhões ou carretas carregados, os quais são veículos pesados, grandes e lentos. Contudo, ter essas características e não aquelas parece não interessar aos caminhoneiros, visto que já é sabido de todos eles que isso é da ordem da profissão, por isso o termo “maclaren” aponta também para um efeito de deboche.

A relação contraditória de sentidos mostra o jogo discursivo entre o (não) se queixar em situações árduas de trabalho, de modo que a expressão “ô loco” produz um efeito compensatório no lugar em que apareceu: “conduzinooo a maclaren por aqui, ooo, ô loco”. Essa expressão funciona como paráfrase de “mas tá bão”, ocorrendo a justificativa para esse efeito compensatório: descarregar em São Paulo para, em seguida, descansar em Curitiba, justificativa essa que se configura como um funcionamento compensatório.

Comparar uma “maclaren” a um desses dois veículos (caminhão ou carreta) produz efeitos de sentido irônico e de deboche, dadas as diferenças entre tais veículos, as quais remeteriam à impossibilidade de comparação. Caso tivesse sido dito, por exemplo, o termo “caminhão”

no lugar do termo “maclaren”, Marlboro estaria no espaço do não jogo de linguagem e, conseqüentemente, do não lúdico. Entretanto, em todo caso, o sentido de caminhão também comparece na expressão “conduzinooo a maclaren”, porém, como o termo “maclaren” migrou de um espaço discursivo para outro, isso produz certos efeitos, rememorando discursividades de pista de corrida, de velocidade, de disputa, de acidente, entre outras.

Os caminhoneiros enfrentam essas situações em estrada, porém de outro modo, ou seja, são significadas diferentemente porque se trata de trabalho e não de esporte. Assim, não é uma disputa esportiva, mas uma disputa em função do tempo para conseguir os melhores horários e os melhores (des)carregamentos. Enquanto, por exemplo, o acidente na Fórmula 1 é considerado uma fatalidade, nas estradas brasileiras é considerado uma imprudência.

A expressão “conduzinooo a maclaren” indicia uma possível relação dos caminhoneiros pxzeiros com uma das características do seu modo de vida: relação leve e descontraída no enfrentamento de aspectos adversos ou tensos do trabalho. Desse modo, a ludicidade realizada pelo caminhoneiro pxzeiro Marlboro, tendo como uma das questões o veículo de trabalho, produz efeitos de resistência simbólica a se queixar aborrecidamente de algum aspecto difícil da condição de vida. Mais especificamente, efeito de resistência simbólica ao fato de estar indo muito lentamente, acarretando uma demora de chegar ao seu destino, o que mostra uma relação com o tempo.

A relação com o tempo é uma das características das condições de produção dos caminhoneiros. Os que são pxzeiros, para lidarem com isso, brincam com a e na linguagem via rádio amador. E um modo de jogar com a e na linguagem, conforme afirmamos, é mediante a voz musicada, que permeia a regularidade discursiva da prática pxzeira, fazendo cruzar sentidos, discursividades, e mostrando-se como uma marca identificatória dessa prática discursiva.

3.2. Jogos de voz musicada

Saussure (2006) afirma que a língua é o meio intermediário entre o pensamento e o som. Essas instâncias se intersectam e (de)limitam ao mesmo tempo uma a outra. Nessa união, há a produção de unidades, signos linguísticos arbitrários. Antes disso, o pensamento é uma massa amorfa e indistinta, e o som é inaudível e irrepresentável. Sobre o som, entendemos que a voz faz um recorte nele, recorte esse que vai produzindo uma modelagem.

Partimos do princípio de que, segundo Scherer (2006), a voz está para a ordem da materialização do som, materialização essa que ocorre via ritmo e melodia¹³ do e no dizer. Assim, a manifestação da voz faz um recorte no som, configurando-se como uma “realidade acústica independente de qualquer sistematicidade linguística e semântica” (SOUZA, 2009, p. 24), o que não quer dizer que a voz não interfira no(s) sentido(s). Ao contrário, faz com que determinados efeitos de sentido afflorem em detrimento de outros, levando-nos a rememorar o enunciado “On a gagné”, analisado por Pêcheux (2008).

Esse enunciado, ocorrido na política francesa, remete à rede de memória esportiva, tendo em vista, justamente, o ritmo e a melodia da voz do e no dizer. Para Pêcheux (2008, p. 21), o enunciado “On a gagné’ [‘Ganhamos’], cantado com um ritmo e uma melodia determinados (on-a-gagné/dó-dó-sol-dó) constitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar”. Pelo ritmo e pela melodia da voz nos dizeres, é possível evocar certas redes de memória, as quais vão sendo produzidas e construídas pela sociedade em diferentes espaços discursivos.

13 Quando algum pxzeiro diz, via rádio amador, “pooositiva” e “positiiva”, entendemos haver um ritmo parecido nesses termos, no entanto com o acento forte e fraco em lugares diferentes. Também entendemos haver uma melodia parecida, embora com movimento ascendente e descendente no primeiro termo, e com movimento descendente e ascendente no segundo termo. Assim, compreendemos que, minimamente, ritmo tem a ver com acentos fortes e fracos, e melodia tem a ver com movimentos ascendentes e descendentes.

De modo geral, consideramos que voz e sentido estão imbricados, isto é, “os dois se tocam, escorregam e se perpetuam. Voz e sentido. Com um funcionamento discursivo determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado” (SCHERER, 2006, p. 17). O imbricamento entre voz e sentido indica que, num movimento de regularidade de ritmo e melodia da voz, pode ser possível remetê-la a um determinado espaço discursivo, embora essa espécie de localização esteja para a ordem do imaginário, haja vista a existência da heterogeneidade constitutiva. Em todo caso, de um espaço discursivo para outro, uma dada voz já não é mais a mesma voz.

Na perspectiva de entrelaçamento de vozes, lembramos o que diz Souza (2009) sobre haver outras vozes incidindo na voz do filósofo Foucault, na aula inaugural proferida por este ao assumir, em 1970, a cátedra no Collège de France. “Sua obra [de Foucault] é resultado da capacidade de dispor da própria voz para fazer ouvir outros tons, outras musicalidades apontando para regimes enunciativos em dissonância” (SOUZA, 2009, p. 11). O momento de uma curva entoacional diferente na voz desse filósofo é o momento em que outras vozes ecoam, vozes essas de homens discriminados (presos, loucos etc.), formando vozes coletivas numa espécie de apelo por escuta.

Nesse sentido, o estatuto fundamental da voz em Foucault é “soar para fazer ouvir outras vozes” (SOUZA, 2009, p. 18). Essas outras vozes não vêm

como estrutura imanente da enunciação, mas como efeito do já dito que [...] permite ouvir vozes historicamente interpretáveis como de excluídos ou, como diz Foucault, no caso dos loucos, ruídos apenas indexáveis como vindo de insensatos, excêntricos etc. (SOUZA, 2009, p. 19).

Esse efeito mostra que a voz desse filósofo, que se interessou em pesquisar diferentes homens discriminados, abre-se para as vozes desses homens. O gesto vocal de Foucault funciona, conforme afirma Souza (2009), como caixa de ressonância que dá passagem para vozes ensurdecidas, vozes essas coletivas, não individuais.

Pensando nessa questão de vozes coletivas, destacamos que a voz musicada que se manifesta via prática do grupo PX de rádio amador rememora

a voz de locutores de rádio, os quais produzem um alongamento nas vogais, como: “bom diiii”. De modo semelhante, isso também ocorre mediante a voz musicada pxzeira, como: “tá loooco”. Essa voz pxzeira faz-nos pensar que há vozes específicas se manifestando em lugares discursivos específicos. Portanto, é uma voz particular, algo da ordem de um hábito, um costume. Saussure (2006, p. 29) diz que “os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação”. Essa questão de os costumes repercutirem na língua sugere que uma voz musicada, voz com uma dada entoação, pode abrir espaço para a alusão a outras vozes de outros lugares. A voz musicada pxzeira alude à voz de locutores de rádio.

Para discorrermos sobre a voz musicada pxzeira, trazemos o recorte a seguir, no qual o pxzeiro Barra Forte e o caminhoneiro pxzeiro Doidinho trataram de questões de perda de horário e de (des)carregamento de mercadorias. Embora sejam questões que se referem diretamente à profissão de caminhoneiro, entendemos que há, nos dizeres deste recorte, um predomínio de conversação, uma vez que os pxzeiros se preocuparam fortemente em manter uma falação para se entreterem. Vejamos.¹⁴

BARRA FORTE: O PTT [xxx], tá bão, Doidim?!

DOIDINHO: Bacanaaa... **Hahaha**... Lá vou ali, rapaz, acordei atrasado ali até umas hooora, oooo, pura bucha¹⁵, ã?!

BARRA FORTE: Aaahh, tá legal, mas é assim memo que funciona, tá bão, Doidim. Cê cruzou o Cachorrão aonde aí?

DOIDINHO: O Cachorrão tá lá no Anel Viário já, ã, tava entrano lá, positiivo?!

¹⁴ No recorte, “PTT”, *Push To Talk* (aperte para conversar); “anqueiii”, ok; “positaaanga”, positivo; “a boca não é boa”, a circunstância não é das melhores; “grega”, viagem.

¹⁵ Expressão que tem certa semelhança com outras expressões da linguagem própria do grupo PX: “pura maracutaia” e “ave credo”. Com base na cultura popular brasileira, diríamos ser parecida com: “Deus me livre”. Todas essas expressões parecem produzir alguma desaprovação.

BARRA FORTE: Anqueiii... Não, proseei com ele em Monte Carmelo. Ele tava passando, eu liguei o equipamento, eu proseei com ele, andou rápido, viu, Doidim?!

DOIDINHO: Positiivo... Não, o Cachorrão tem pobrema, viu, tá doido, correndo demaaais.

BARRA FORTE: Pois é... Então, cê acordou atrasado e tá em busca do carregamento?

DOIDINHO: Positaaanga que é, viu?! Ai, dá três carrada hoje e pará em torno de meia-noite ali, uma hora da manhã, positiivo?!

BARRA FORTE: Ô loco, Juca, então a boca não é boa não, uai?!

DOIDINHO: É meemo... Não, o dia que perde o horário ali, a boca fica escura, ã?! **Hahaha**... *Mas tá bão* que tá morrendo a semana, ã?! Ai, segunda-feira, bota tudo dentro dos conforme ali e fica de bonita forma, positiivo?!

BARRA FORTE: Pooositiva... Mas, no sábado, dá prosseguimento à grega ou é só descanso?!

DOIDINHO: Não, amanhã, dá mais duas, ã?!

BARRA FORTE: Ah, beleza, então. Vai com Deus aí, Doidim, boa chegada e carregamento lá. Depois, cê chama nós de novo aí, tuuudo de bão.

Nesse recorte, não há a presença demasiada da linguagem própria do grupo PX. No entanto, uma questão fundamental que se apresenta em tal recorte é a manifestação da voz musicada da prática discursiva desse grupo, voz essa incidindo em diferentes momentos e produzindo ludicidade entre Barra Forte e Doidinho. Isso porque os dois realizaram jogos de voz musicada, o que aponta para a produção de ludicidade entre eles. O jogo musical produzindo efeitos de ludicidade é da ordem discursiva do grupo PX.

No lugar apenas de uma lamentação relacionada à perda de horário do trabalho, ocorreu, nos dizeres de Doidinho, um jogo de linguagem

por meio da musicalidade na voz, o que indicia uma possível transgressão àquilo que seria da ordem do esperado em outros espaços discursivos: a reclamação. Assim, há um rompimento discursivo, que é da ordem discursiva da prática pxzeira, graças a um jogo de linguagem pela musicalidade na voz. Entretanto, isso não significa que uma certa queixa pela perda de horário não tenha comparecido.

No entanto, a ludicidade entre os pxzeiros produz efeito de resistência simbólica à reclamação relacionada a algo das condições de produção que diz respeito a um lidar com (des)carregamento de mercadorias em um curto espaço de tempo. Por isso, o fato de Doidinho ter dito que terminaria o trabalho por volta de meia-noite ou uma hora da manhã tem a ver com esse aspecto das condições de produção. Aliás, vale enfatizarmos que está implicada na perda de horário de Doidinho a possibilidade de ele ter compensado o atraso na estrada por meio da velocidade exagerada, colocando vidas em perigo, o que ratifica a imagem de imprudência associada aos caminhoneiros.

Doidinho perdeu o horário de trabalho, porém, mesmo assim, realizou jogos de linguagem via musicalidade na voz e, além disso, riu dessa perda de horário, um riso de si, um riso alegre e debochado, visto que, segundo esse caminhoneiro pxzeiro, tudo se normalizaria em termos de horário no início de semana, ou seja, a partir de segunda-feira. Em última instância, o riso veio como uma espécie de “não estar nem aí” para esse aspecto adverso. Assim, chamamos a atenção para os dizeres de Doidinho: “Bacanaaa... **Hahaha**... Lá vou ali, rapaz, acordei atrasado ali até umas hooora, oooo, pura bucha, ã?!” e “É meeemo... Não, o dia que perde o horário ali, a boca fica escura, ã?! **Hahaha**... *Mas tá bão* que tá morrendo a semana, ã?! Aí, segunda-feira, bota tudo dentro dos conforme ali e fica de bonita forma, positiivo?!”. As expressões “pura bucha” e “a boca fica escura” apresentam um tom de queixa, produzindo efeitos de sentido pejorativo, já que remetem às consequências de ir trabalhar com implicações no tempo de viagem, correndo mais e, por conseguinte, correndo mais riscos.

Todavia, as expressões em questão, ao emergirem em meio à voz musicada, produzem efeitos de sentido alegre, cômico, debochado etc., o que mostra um tom forte de não queixa. Nessa perspectiva da não queixa, destacamos a expressão “mas tá bão”, a qual produz um efeito compensatório relacionado a não valer a pena permanecer na queixa, visto que a perda de horário é passível de ser regularizada. O dizer de Doidinho sobre a regularização de horário que a segunda-feira traria aponta para um funcionamento compensatório, isto é, uma justificativa para o efeito compensatório.

Consideramos que a perda de horário é um aspecto árduo na profissão de caminhoneiro, uma vez que, em certa medida, quando isso ocorre, os caminhoneiros correm contra o tempo; contudo, o início de toda semana é sempre hora de (re)começar após um possível final de semana aprazível com amigos e/ou familiares. O trabalho de caminhoneiro proporciona esse não trabalho, por isso há, nos dizeres dos caminhoneiros pxzeiros, a (não) queixa em relação às condições de vida. Esse jogo discursivo que coloca sentidos em oposição funciona como base para os jogos de linguagem, sendo a voz musicada um deles.

Tendo em vista que o aparelho de rádio amador, assim como qualquer outro aparelho tecnológico, não é um mero suporte de linguagem, mas, sim, uma materialidade que afeta o modo como se diz, a voz musicada na e da prática do grupo PX tem a ver com a tecnologia na qual ela opera: rádio (amador). Segundo afirmamos, essa voz rememora a voz de locutores de rádio. É uma voz coletiva, no sentido de ser, de certa forma, de todos os membros do grupo PX. Portanto, essa voz “fala” na voz de quem enuncia via prática desse grupo, configurando-se como um dos aspectos para pensarmos o sujeito social (discursivo) da prática pxzeira.

O jogo de linguagem, via musicalidade na voz, produz ludicidade na prática pxzeira, o que indica que essa prática é saborosa para seus membros, dando prazer a eles. A voz musicada pxzeira é uma possível

realização sonora em elementos linguísticos da língua,¹⁶ de modo que produz nesta um determinado ritmo e uma determinada melodia ou, segundo Benveniste (2006, p. 82), “uma imagem média dos sons”. A manifestação da voz musicada da e na prática do grupo PX não é a manifestação da voz de um membro específico, mas a voz que “fala” em quem assume (ocupa) essa posição discursiva, voz essa que ressoa de um membro do grupo para outro. É uma voz anônima (uma voz sem nome), posto que, embora não pertença a ninguém, pertence a todos ao mesmo tempo, o que evidencia a própria questão da subjetividade não subjetivista do sujeito, mostrando que o sujeito discursivo não é senhor daquilo que diz, nem do modo como diz.

A voz coletiva do grupo PX leva-nos a realizar um paralelo com o que diz Authier-Revuz (2004, p. 221) acerca das aspas: “as palavras aspeadas são palavras assinaladas como ‘deslocadas’, ‘fora de seu lugar’, pertencendo e adequando-se a um outro discurso”. Essa afirmação mostra que não há lugar específico para as palavras, já que a heterogeneidade é constitutiva. Por isso, o termo “deslocadas” e a expressão “fora de seu lugar” estão, a nosso ver, aspeados. No entanto, as aspas distinguem uma palavra de outra palavra e/ou expressão ou uma expressão de outra expressão e/ou palavra, assim como a voz musicada pxzeira se distingue de outras vozes, musicadas ou não.

De acordo com Authier-Revuz (2004, p. 229, grifo da autora), “as aspas se fazem ‘na borda’ de um discurso, ou seja, marcam o *encontro com um discurso-outro*”. Em associação a isso, diríamos que a voz musicada pxzeira marca um modo “aspeado” de dizer, no sentido de emprego das “mesmas” palavras do outro, porém de um outro modo, um modo musicado. Isso assinala uma diferença, mas também uma semelhança, do grupo PX em relação a outros grupos, uma vez que há grupos que não se valem de voz musicada em seu modo de dizer, enquanto outros o fazem.

¹⁶ Essa realização vocal indicia a manifestação de (um aspecto da) linguagem na língua, lembrando que a voz é constitutiva da linguagem e não da língua.

Caminhando na perspectiva da voz musicada, trazemos dois recortes que são, basicamente, produtos de dizeres de caminhoneiros pxzeiros, pelo rádio amador, em momentos de estrada. No primeiro recorte, os dizeres ocorreram entre o caminhoneiro pxzeiro Canguru e o pxzeiro Barra Forte. Nesse recorte, há, majoritariamente, informações sobre a localização do Canguru na estrada e sobre o contato permitido pelo rádio amador, o que aponta para a prevalência de conversação, haja vista a manutenção do laço social via certas trivialidades. No segundo recorte, os dizeres ocorreram entre um caminhoneiro pxzeiro não identificado e o caminhoneiro pxzeiro Vilmontes. Nesse recorte, algo parecido acontece, pois os pxzeiros tratam, principalmente, de questões relacionadas à localização na estrada e ao contato via rádio amador, o que indica a prevalência de conversação. Entretanto, um traço de conversa pode ser percebido nos dois recortes quando os pxzeiros dizem sobre “muriçocas” atrapalhando o movimento na estrada. É traço de conversa porque é uma informação que pode ter ajudado caminhoneiros pxzeiros que passavam pelo local e que estavam com seus aparelhos de rádio amador ligados.

Acerca desse traço de conversa e da conversação que predominou nos recortes, gostaríamos de dizer que essa conversa(ção) mostra algo das condições de produção dos caminhoneiros relacionado à atenção e à ilegalidade. Isso porque, quando há “muriçocas” na frente deles, os caminhoneiros precisam ter muitos cuidados na dirigibilidade do caminhão. No entanto, o fato de manterem enunciações em um momento que exige precaução em relação aos “muriçocas” indicia a discursividade de um estar fora da lei. Nos dois recortes, chamamos a atenção para os jogos de linguagem via voz musicada e para o termo “muriçoca(s)”.

Recorte 1¹⁷

CANGURU: Tô passano aqui pela Matinha... [xxx] Tô ino devagarote aqui, *tá bão*, **hehe**, ai, ai, oia os muriçoca estrovaano. Acabei de passar a três meia aqui, vô começá a descambá agorinha, positiiiva?!

¹⁷ No recorte, “devagarote” significa devagar; “muriçoca”, normalmente, caminhão lento; “okapa”, entendido, compreendido.

BARRA FORTE: *Tá legaaal*. Agora fez aí a rotatória, meia rotatória, né?! E seguiu reto pu lado do Dão aí. Daqui pra li vai desceno os Marreco e *fica só o filé* pu lado do senhor aí, okapa?!

CANGURU: É, positiiiva, hein?! Mas e, tô achano que na hora que tive lá no trevo da 365 num vai falá não, uai. Ali, na descida, num caiu nada, até agora num caiu nada, positiiiva?!

Recorte 2¹⁸

Não identificado: Vô ali carregá outro carreguinho ali de madeira ali no Ismael e encostá o carro em casa.

VILMONTES: Ah, positiiiva, hein?! Cadê o Renato?

Não identificado: Ele acabô de carregá, tá aí do ladinho aí, na maderera aí, oh...

VILMONTES: Ah, agora ele vai embora?

Não identificado: Poositivo... Tá chegando bem aí, Vilmontes? Cê já deve tá quase desceno aí o rio, né?!

VILMONTES: Ah, positiiiva, tô descendo aqui e tá chegano beleza?!

Não identificado: Aaah, poositivo. Oh, tem uns muriçoca subindo devagar aqui, *cê tá doiindo*, deve tá pesado, oh...

VILMONTES: Ah, muriçoca, esse trem tem que levá é pra Gerdau.

Não identificado: Ah, tá levando também telha de carreta, uai...

VILMONTES: Falô [xxx] vai que vai...

De início, observamos, nesses dois recortes, a manifestação da voz

18 No recorte, “carro” significa caminhão ou carreta; “muriçoca”, normalmente, caminhão lento.

musicada pxzeira em diferentes termos, como nos termos “positiiva” (movimento sonoro descendente e ascendente) e “pooositivo” (movimento sonoro ascendente e descendente), constituindo um jogo específico de linguagem. Essa voz musicada marca, portanto, um ritmo e uma melodia específicos. Nos recortes em questão, destacamos dois dizeres: “Tô ino devagarote aqui, *tá bãõ*, **hehe**, ai, ai, oia os muriçoca estrovaaano” (Canguru – presente no recorte 1) e “Oh, tem uns muriçoca subindo devagar aqui, *cê tá doiido*, deve tá pesado, oh...” (Não identificado – presente no recorte 2), uma vez que são permeados por essa voz e, em decorrência disso, produzem certos efeitos de sentido que são da ordem discursiva da prática pxzeira.

No primeiro dizer, houve a manifestação de riso, “hehe”, a qual produz efeitos de sentido de deboche, pois apareceu em um momento em que, segundo Canguru, havia “muriçocas” atrapalhando o movimento na estrada, mo(vi)mento esse de certa tensão. Esse caminhoneiro pxzeiro poderia, por exemplo, ter xingado perante a circunstância de estorvo de “muriçocas”, porém riu debochadamente disso, menosprezando esse estorvo. Consideramos que o efeito de deboche se estendeu, também, para a voz musicada em “os muriçoca estrovaaano”. O alongamento da vogal “a” no verbo “estorvar” acirra o efeito de deboche.

Notamos que houve um movimento descendente em quase toda a sequência do primeiro dizer; no entanto, no verbo “estrovaaano”, houve um movimento ascendente que apresenta um tom de deboche, de ridicularização pelo estorvo do “muriçoca”. Entendemos que o incômodo com os “muriçocas” impeliu o movimento ascendente de deboche à voz, de modo a marcar, em certo sentido, contrariedade e exaltação. Esse movimento aponta para uma espécie de queixa, porém uma queixa debochada que não torna a queixa algo enfadonho para o (inter)locutor, podendo soar como não queixa.

Antes das manifestações de riso e da voz musicada no dizer do Canguru, é possível percebermos o efeito compensatório aflorando por meio da expressão “(mas) tá bãõ”, havendo um conectivo adversativo implícito

antes dessa expressão. Contudo, acreditamos que essa mesma expressão é equívoca, visto que funciona como uma espécie de confirmação de entendimento, sendo paráfrase de “positivo”, “ok” etc. Nesse caminho, destacamos uma expressão dita por Barra Forte que funciona equivocadamente, qual seja, “tá legal” (confirmação de entendimento e efeito compensatório). Além disso, destacamos a expressão dita por esse mesmo pxzeiro “fica só o filé”, a qual funciona como paráfrase de “mas tá bão”, produzindo um efeito compensatório relacionado a um valer a pena suportar o estorvo dos “muriçocas”, já que isso acontece apenas em um momento ou em alguns momentos, não há de durar toda uma viagem.

A relação de sentido do segundo dizer é muito similar à do primeiro. Assim, “uns muriçoca subindo devagar” é associável a “os muriçoca estrovaano” e a expressão “cê tá doiiido” é associável à expressão “tá bão”. Chamamos a atenção para a expressão “cê tá doiiido”, uma vez que, dada a musicalidade na voz, ela produz efeito compensatório, por isso funciona como paráfrase de “mas tá bão”. A expressão que veio a seguir, “deve tá pesado”, funciona como uma justificativa para esse efeito, instaurando-se como um funcionamento discursivo.

Os dois dizeres em análise emergiram justamente em momentos em que os caminhoneiros pxzeiros Canguru e o interlocutor não identificado brincavam com um aspecto da condição de vida imposta pela profissão: lidar com veículos nas estradas. Isso nos faz pensar que a (re)solução de conflitos nas estradas por caminhoneiros pxzeiros via rádio amador se dá, muitas vezes, mediante jogos de linguagem em situações que parecem não ser de brincadeira, visto que envolvem certa adversidade ou certa tensão (e atenção) no trânsito.

Nos dois dizeres, houve uma brincadeira de linguagem pelo ritmo e pela melodia produzidos com a voz musicada, configurando-se como um modo particular de brincar com um aspecto que é próprio do trabalho: “muriçocas” nas estradas. Entendemos que a voz musicada não aponta, prioritariamente, para um tom de lamento de um caminhoneiro irritado ou aborrecido. Embora esses sentidos compareçam, a voz musicada não

é uma voz que produz fortemente lamento, irritação ou aborrecimento, mas, sim, alegria, ânimo, força, entusiasmo, deboche etc.

A nosso ver, o termo “muriçoca” só vai ganhar o estatuto de jogo de linguagem pelo modo como é empregado e/ou na relação com outros termos. Vale dizermos que “a muriçoca” é um mosquitinho que perturba. Tendo em vista a proporção de tamanho de carretas e de certos caminhões em relação a caminhões menores e/ou menos potentes, diríamos que estes são os mosquitinhos, “os muriçocas”, que estão nas estradas “perturbando” certos caminhoneiros. Enquanto “as muriçocas” (mosquitos) perturbam pela insistência em picar, “os muriçocas” podem perturbar certos caminhoneiros pela insistência em não se deixarem, por vezes, ser ultrapassados em descidas, retas ou subidas de estradas. No caso das descidas, a não ultrapassagem pode ocasionar o esquentamento de freios, os quais, por conta disso, podem, inclusive, falhar.

Na perspectiva da prevalência do imaginário, parece que os caminhoneiros se esquecem da força de seus veículos e de que há corpo, dada, por exemplo, a ânsia por (des)carregamentos de mercadorias, ocorrendo a produção de efeitos de sentido, via rádio amador, relacionados a uma espécie de esmagamento de “muriçocas”. Entra em cena, portanto, o perigo de (se) matar, já que, para esses trabalhadores, um “muriçoca” na estrada parece só fazer “soca”, significando uma forma de “estorvo”. A metáfora presente no termo “muriçoca” aponta para esses possíveis efeitos de sentido.

Estamos pensando nessa questão da metáfora associada a uma palavra ou expressão estar no lugar de outras palavras e/ou outras expressões. A metáfora é um elemento fundamental que aparece no nosso material de pesquisa nos momentos em que os caminhoneiros pxzeiros estão brincando com certos aspectos adversos ou tensos relacionados à vida de estrada. Embora não pareça haver nada de engraçado, leve e tranquilo ter um caminhão lento atrapalhando ultrapassagens, sabendo do tempo hábil para (des)carregamentos de mercadorias, os caminhoneiros pxzeiros costumam fazer desse tipo de situação um momento de e para descontração e deboche.

No segundo recorte, um dizer do caminhoneiro pxzeiro Vilmontes nos chama a atenção: “Ah, muriçoca, esse trem tem que levá é pra Gerdau”, pois mostra que esse caminhoneiro, por meio do jogo linguístico de base lexical e sintática, entrou no jogo do jogo de linguagem realizado por seu parceiro de estrada via voz musicada, ocorrendo a produção de ludicidade entre eles. Levar “muriçoca” para Gerdau (fábrica de barras de ferro) indica levá-lo para uma espécie de “desmanche”, posto que pode atrapalhar o fluxo de caminhões e carretas nas estradas. “Muriçoca”, no dizer em questão, não abrange um “muriçoca” em específico, mas todos os “muriçocas” – “muriçoca, esse trem” –, de modo que deveriam ser, a partir da presença de pontos de deriva possíveis em tal dizer, banidos das estradas. Nesse sentido, teriam um destino trágico, qual seja, “desmanche”, o que remete a humor (comicidade) entre os pxzeiros em questão, uma forma de lidar com um aspecto que pode se constituir como “pesado”, pejorativo, no trabalho dos caminhoneiros, qual seja, os “muriçocas” nas estradas.

Partindo para o próximo recorte, observamos que os dizeres entre o pxzeiro Barra Forte e o caminhoneiro pxzeiro Cavalão estão permeados, majoritariamente, por conversação, visto que falam sobre localidades de um modo que aponta para um simples entretenimento. No entanto, consideramos haver um traço de conversa quando Cavalão pergunta para Barra Forte se ele vendeu um determinado aparelho de rádio amador. Essa pergunta foi além da manutenção do laço social, pois levou para uma questão de comércio. Aliás, é muito comum a prática da compra e venda de aparelhos de rádio amador entre pxzeiros e, também, a prática da catira.¹⁹ Nos dizeres desses pxzeiros, há diferentes momentos de voz musicada, a qual incide em diferentes termos: fumaaaça, mimooosa, entre outros. Vejamos.²⁰

19 No lugar de muitos caminhoneiros comprarem e venderem aparelhos de rádio amador, eles “catiram” tais aparelhos entre si, bem como outros produtos. Vale dizer que a catira é uma prática milenar de mercadores. A nosso ver, a catira associada aos caminhoneiros mostra um modo próximo de eles se relacionarem.

20 No recorte, “rodagem” significa estrada; “balanceeira”, balança onde se pesam veículos

BARRA FORTE: Aaah... Tá legal, 20 km. Reporta a localidade do senhor aí pá ficá de bonita forma.

CAVALÃO: Áãã?!

BARRA FORTE: Reporta aí a locaaalidade. Onde o senhor tá na rodagem?

CAVALÃO: [xxx] Tá bão?! Num sei se é minhas vista que tá embaraçada ou os ouvido que tá sujo, heiin?!

BARRA FORTE: Cê tá onde aí na rodagem, Cavalão?

CAVALÃO: Tô antes da balaaança, hein, antes da balaaança.

BARRA FORTE: Aaah... Tá legal, antes da balanceera aí, mas cê tá vino da onde?

CAVALÃO: Tô vino da Capital da Fumaaaça, hein, Capital do Banguê-Banguê, pá, pá, pá.

BARRA FORTE: Aaah... Tá vino aí da Serra Papa, nééé?! Não... *Beleza, beleza que sim*, que tá retornando da Capital do Banguê-Banguê e daqui pra li ancorá o carrão e enchê do suco da mimooosa.

CAVALÃO: Positiiva! Cadê aquele rádio de cara preta? O senhor vendeu?

BARRA FORTE: Hoje, quais que ele foi, viu?! O Canarim queria ele de todo jeito.

Ao ser perguntado sobre a localidade na estrada, Cavalão entrou no jogo de voz musicada produzido por Barra Forte por meio de um jogo linguístico de base lexical e sintática, qual seja, “Num sei se é minhas vista que tá embaraçada ou os ouvido que tá sujo, heiin?!”, produzindo ludicidade entre si. Na perspectiva da ludicidade entre esses pxzeiros, destacamos duas expressões constituídas de jogo de linguagem por meio

de carga; “Capital da Fumaaaça”, “Capital do Banguê-Banguê”, “Serra Papa”, todas se referem a São Paulo (capital); “ancorá o carrão”, parar o caminhão ou a carreta; “suco da mimooosa”, leite.

da musicalidade na voz: “antes da balaaança” (Cavalão) e “antes da balanceeira” (Barra Forte).

Indo por esse caminho da ludicidade, Cavalão, ao ser indagado de onde estava vindo, disse: “Tô vindo da Capital da Fumaaça, hein, Capital do Banguê-Banguê, pá, pá, pá”. Cavalão realizou jogos de linguagem, uma vez que, além da musicalidade na voz, produziu um jogo onomatopaico para imitar o som de tiros: “pá, pá, pá”. Barra Forte entrou nesse jogo de linguagem mediante voz musicada, certa repetição dos dizeres de Cavalão e expressões da linguagem própria de uma maneira descontraída: “Aaah... Tá vindo aí da Serra Papa, nééé?! Não... *Beleza, beleza que sim*, que tá retornando da Capital do Banguê-Banguê e daqui pra li ancorá o carrão e enchê do suco da mimooosa”. Essa entrada de Barra Forte no jogo do jogo de linguagem produz o efeito de ludicidade entre os pxzeiros em questão, indiciando atenção, cumplicidade, respeito etc.

Mostramos todas essas entradas em jogos de linguagem produzindo ludicidade entre os pxzeiros Barra Forte e Cavalão para afirmarmos que a ludicidade é, minimamente, a cola que permite a relação social entre pxzeiros. A ludicidade parece exercer uma função fática que organiza o laço social no grupo PX, uma vez que, frequentemente, trata-se de um predomínio de conversação, conforme podemos perceber na maioria dos recortes.

Embora haja o predomínio de conversação no recorte em questão, há traços de conversa relacionados à crítica que aflora via dizeres, vindo ligada à nomeação que é feita, por exemplo, a São Paulo: “Capital da Fumaça”. Cavalão não diz somente que está vindo de São Paulo, acaba tecendo uma crítica por meio das nomeações a essa cidade. Há esse predomínio no recorte, mas a conversa está implicada, entremisturando-se à conversação. Aliás, há um momento em que a conversa aparece de maneira aflorada quando Cavalão pergunta a Barra Forte sobre um aparelho de rádio amador de “cara preta”, e Barra Forte responde que quase o havia vendido. Notamos, portanto, que se passa da conversação para a conversa sem precisar fazer nenhuma (de)marcação, justamente porque a fronteira é porosa, passando somente da prevalência de uma para a da outra.

Cavalão disse que estava vindo da “Capital da Fumaaaça”, “Capital do banguê-banguê”. Em seguida, (re)produziu o som de tiros via jogo onomatopaico “pá, pá, pá”. Esse jogo onomatopaico produz efeito de deboche, visto que menospreza, em certo sentido, o perigo de dirigir na maior capital brasileira. Consideramos que a sequência “pá, pá, pá” veio no lugar da manifestação de riso de deboche “hehehe”, um riso de desprezo de uma circunstância perigosa, que, por isso, requer cuidado redobrado.

Em seguida, Barra Forte disse que Cavalão estava vindo da “Serra Papa” e, logo na sequência, disse a expressão “beleza, beleza que sim”. Essa expressão configura-se como equívoca, posto que pode ser pensada como uma confirmação de entendimento e como paráfrase de expressões que produzem um efeito compensatório, como “(mas) tá bão, tá beleza”, relacionado a um valer a pena enfrentar certas dificuldades, haja vista a recompensa que está por vir. No caso de Cavalão, Barra Forte disse que ele iria carregar de leite, “suco da mimooosa”, fato esse funcionando como uma justificativa para o efeito compensatório: é a recompensa. Essa justificativa instaura-se como um funcionamento compensatório.

A ludicidade entre Barra Forte e Cavalão está permeada pelo jogo discursivo relacionado ao confronto de sentidos: de “Serra Papa” para “beleza, beleza que sim”, por conta, possivelmente, da missão cumprida e da carga em questão. É uma relação de contraste entre o vivenciado (possível dificuldade de ter estado e de estar vindo de São Paulo) e o vir a vivenciar (possível carga rentável: leite).

Acerca das condições de trabalho dos caminhoneiros, há uma discursividade que indica que não deve ser fácil dirigir caminhão ou carreta em metrópoles, sobretudo na maior capital brasileira, em razão de uma série de fatores: trânsito pesado, poluição, roubo a cargas, tiroteios etc. As expressões ditas por Cavalão “Capital da Fumaaaça” e “Capital do Banguê-Banguê” apontam para um jogo de linguagem em um momento que não parece sugerir-lo, devido aos fatores em questão, mesmo estando distante dessa cidade. Assim, esse jogo de linguagem produz efeitos de ludicidade relacionados a divertimento (descontração), mas também a sobrevivência (suporte de si).

A expressão “Capital da Fumaaaça” rememora uma discursividade sobre poluição. Rememora, também, uma discursividade sobre trânsito pesado e perigoso. A expressão “Capital do Banguê-Banguê” rememora uma discursividade sobre São Paulo ser uma cidade violenta, já que é a capital do PCC.²¹ Todas essas rememorações vinculam-se a uma questão de saúde no trabalho, o que nos permite pensar que a ludicidade, nessas condições de produção, pode significar alívio por já não estar em São Paulo ou felicidade por estar bem, por ter sobrevivido. No recorte analisado, há certas questões de trabalho que implicam alguns percalços pelos quais passam os caminhoneiros em suas viagens.

Todavia, ao lidar de um modo brincalhão e debochado com aspectos difíceis da profissão, o sujeito discursivo da prática de rádio amador do grupo PX, especificamente o caminhoneiro pxzeiro, mostra-se como bem-humorado e resistente à queixa a tais aspectos. Esse modo brincalhão e debochado exalta, em certo sentido, a virilidade (Barra Forte, destacando que ser “barra forte” é ser suporte e solução para outros, por isso a questão da virilidade), a força (Touro Sentado, Tijolo), a coragem (Cavalo, Zé Urso), o heroísmo e a ilegalidade (Doidinho, Carabina), a boemia e a imprudência (Canarim, Soneca, Malboro, Tranqueira, Vila) e a astúcia (Feiticeiro, Canguru, Advogado, Raposo, lembrando que a raposa é considerada um símbolo da astúcia) do caminhoneiro (e de outros membros do grupo PX), como se já fossem propriedades constitutivas desse profissional. Como podemos notar, os QRAs mostram algo dos caminhoneiros pxzeiros e de suas condições de produção.

Os caminhoneiros pxzeiros, ao debocharem de si, fazem aflorar uma contradição: (não) crítica de si e (não) revolta de si. Há certa crítica e certa revolta maquiadas de não crítica e de não revolta. Os caminhoneiros pxzeiros realizam jogos de linguagem via aparelho de rádio amador como

21 O Primeiro Comando da Capital (PCC) é considerado a maior organização, facção, criminosa do Brasil, atuando, sobretudo, em São Paulo. Por isso, a capital São Paulo é tida como a capital do PCC.

uma forma de (poder) dizer (sobre) certas questões de trabalho e, por isso, tornam-se passíveis de ser ouvidos por seus companheiros pxzeiros de estrada: caminhoneiros ou não. Ao serem ouvidos e “vistos”, entra em cena a ludicidade, a qual nos permite reforçar a imagem de heroísmo ligada aos caminhoneiros, os quais realizam jogos de linguagem em momentos (in)tensos de estrada.

Nesse sentido, para além de uma representação de herói associada aos caminhoneiros, vislumbramos a associação a eles da representação de “mártir”, como alguém que vivencia uma resignação queixosa, entendendo a “resignação” como um viver a vida sob certas condições em função do bem de outros; é “queixosa” porque a queixa, via ludicidade, vem de uma maneira branda. Os caminhoneiros submetem-se a uma resignação queixosa, de modo que muitos deles preferem que seus filhos sigam outras profissões.

4. O funcionamento discursivo do grupo PX de rádio amador

No espaço discursivo da prática pxzeira, a ludicidade é uma via de saída para os possíveis problemas advindos da profissão de caminhoneiro, podendo ocorrer momentos de humor entre os caminhoneiros pxzeiros, entre estes e outros pxzeiros e entre pxzeiros, uma vez que ludicidade e humor têm certa relação. Não há uma relação direta entre lúdico (jogo) e humor (comicidade), embora o lúdico possa produzir (provocar) efeitos de humor (momentos que sejam engraçados). Na prática do grupo PX, há relação entre brincadeiras de linguagem e ludicidade, podendo haver a produção de efeitos de humor. Referindo-se ao humor relacionado aos caminhoneiros, Vilaça (1987, p. 22-23, grifos nossos) diz que

um otimista, mesmo sob as mais duras missões, *o chofer* [o caminhoneiro] geralmente não perde o bom humor que o marca. *É alegremente dionisíaco*. A favorabilidade²² é constante no seu espírito. A convivência mantida pelos

²² Há camaradagem (favorabilidade) entre os caminhoneiros, porém há, também, a não camaradagem, visto que, por exemplo, um caminhoneiro em uma carreta tende a chamar

profissionais de criação ou solicitação do caminhão, motoristas, ajudantes, mecânicos, borracheiros, contribui para manter um clima dionisíaco.

Os jogos de linguagem, a ludicidade e o humor já vêm marcando o clima “alegremente dionisíaco” dos caminhoneiros desde tempos remotos, antes mesmo da junção entre caminhoneiro e rádio amador, junção essa que significa uma expansão de algo que é anterior. Segundo Vilaça (1987), muitos caminhoneiros, no que diz respeito ao caminhão FNM (Fenemê), afirmam que a sigla em questão significa “Fábrica Nacional de Mandros”. Esse autor, falando sobre o vocabulário dos caminhoneiros, diz que “motorista ruim é ‘barbeiro’, ‘munheca de pau’,²³ ‘trevelô” (VILAÇA, 1987, p. 44). Esses jogos de linguagem produzem efeito de humor, haja vista a associação metafórica com um tom engraçado. A característica cômica associada aos caminhoneiros pode ser corroborada mediante frases de para-choques. Sobre essas frases, conforme Noel (2006, p. 69), “por décadas, suas tiradas bem-humoradas atraíram a atenção nas estradas. Ora fazendo piadas nem sempre politicamente corretas com as mulheres, ora reproduzindo ditos de duplo sentido sobre a vida nas estradas”.

O estar nas e pelas estradas dos caminhoneiros faz-nos pensar que eles passam por vários lugares no mesmo dia, vendo o Brasil (e/ou outros países) sob diversos ângulos. Quando estão viajando, entendemos o porquê das vestimentas descontraídas desses trabalhadores, vestimentas essas que mostram um lidar bem-humorado com as condições de vida: chinelos,²⁴ bermudas, camisetas cavadas, bonés, óculos escuros, colares,

um caminhão lento de “muriçoca”, o que aponta para certos conflitos no próprio grupo dos caminhoneiros. Isso coaduna a ideia, tratada por nós, de que há uma contradição interna em todo e qualquer grupo.

23 A expressão “munheca de pau”, muito empregada na prática do grupo PX de rádio amador, vem de outros tempos na vida dos caminhoneiros, pois aparece antes mesmo da linguagem própria da prática desse grupo. Essa linguagem própria é (re)produzida e cultivada entre os pxzeiros (caminhoneiros ou não).

24 Dirigir caminhão calçado de chinelos aponta para uma imprudência dos caminhoneiros, imprudência essa que ocorre com outros motoristas também. No entanto, muitas vezes, os

chapéus²⁵ etc. Esses trajes rememoram trajes de finais de semana, significando, em certo sentido, que os caminhoneiros estariam na farra; é algo que os diferencia de, mas também os assemelha a, outros grupos de trabalhadores: executivos (diferença) e vendedores ambulantes de praias (semelhança), por exemplo.

No decorrer deste livro, não tivemos a pretensão de defender que ser caminhoneiro é bom ou ruim, mas, sim, de mostrar que há uma lógica discursiva própria nas discursivizações dos caminhoneiros pxzeiros, na prática discursiva do grupo PX de rádio amador. Geralmente, os caminhoneiros são associados somente a uma vida “pesada”, no sentido de enfrentarem certas condições de vida difíceis e de serem vistos, em geral, de um modo pejorativo pela sociedade. Essas associações sugerem ser um exemplo de “mundo semanticamente normal”. Assim,

de nada serve negar essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um “*mundo semanticamente normal*”, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (PÊCHEUX, 2008, p. 34, grifo nosso).

Em oposição a esse “mundo semanticamente normal”, consideramos que a ludicidade produzida pelos caminhoneiros na prática pxzeira desfaz um certo imaginário social em relação à questão simbólica que envolve

caminhoneiros, bem como outros motoristas, dirigem descalços fazendo o uso dos chinelos ao descerem de seus veículos.

25 Com muita frequência, notamos chapéus dependurados nas cabines de caminhões ou carretas, dando uma ideia de vida de final de semana, uma vida de “liberdade”. Diferentemente de outros profissionais, os caminhoneiros podem trabalhar de chinelos, por exemplo, o que parece produzir uma sensação de liberdade, sensação essa que consta do imaginário infantil, de pegar o caminhão e desbravar o mundo afora. Caso um caminhoneiro esteja todo “engomado”, no sentido de bem vestido, conforme o que apregoa a mídia contemporânea, esse trabalhador será significado por outros caminhoneiros pelo tipo de relação que está estabelecendo com a profissão. Como é uma relação muito diferente daquela que a maioria dos caminhoneiros estabelece com a profissão, tal caminhoneiro poderá ser, de algum modo, expurgado por outros caminhoneiros.

esses trabalhadores. Parece-nos que falar sobre esses profissionais implicaria falar somente sobre uma vida sem ludicidade, devido a uma grande recorrência da imagem de imprudência associada a uma pressa nas idas e vindas nas estradas, então não haveria tempo para brincadeiras de linguagem. Entretanto, a produção de ludicidade pelos caminhoneiros pxzeiros indicia que eles não são apenas uma espécie de “volante e estrada”, mas também trabalhadores que brincam com a e na linguagem em momentos que, muitas vezes, sugerem ser de não brincadeiras, pois são momentos que aparentam ser de intempéries.

A ludicidade produzida pelos caminhoneiros pxzeiros via rádio amador instaura-se como um aspecto representativo dos caminhoneiros. Um dado caminhoneiro pxzeiro, ao dizer ludicamente na prática pxzeira, passa a ser ouvido e “visto” como (outro caminhoneiro) pxzeiro que integra um grupo que resiste simbolicamente. Posto que o outro (caminhoneiro) é visto e vive de forma parecida, logo se trata de brincar com a e na linguagem para poder ser ouvido e “visto”, de modo a produzir ludicidade na prática pxzeira. Nesse sentido, a ludicidade funciona como cola social (certo encaixe entre pxzeiros), promovendo a produção de efeitos de resistência simbólica. Materialmente, a resistência simbólica nas discursivizações dos (caminhoneiros) pxzeiros não está relacionada somente a questões morfológicas, lexicais e sintáticas, mas também à voz musicada, que é marcada por uma certa curva entoacional, e ao riso. Para muitos grupos sociais, resistir simbolicamente é o que pode restar como suporte para a vida. Isso mostra que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” (BENVENISTE, 2006, p. 222, grifo do autor).

De certa forma, os caminhoneiros pxzeiros “preenchem-se” na ludicidade, visto que “o lúdico possui como uma de suas principais características esta capacidade de *reajuste de hábitos*, ao nos fornecer a possibilidade para a elaboração de resignificações de elementos presentes em nosso dia a dia” (PERANI, 2007, p. 35-36, grifo nosso). O modo diferente de dizer da e na prática discursiva pxzeira, modo lúdico, tem uma implicação muito importante com o modo de vida dos caminhoneiros.

Dessa maneira, a produção de ludicidade é uma saída subjetiva, uma espécie de “reajuste de hábitos” do e no grupo PX. A saída subjetiva se configura como tal porque, discursivamente pensando, os dizeres dos caminhoneiros pxzeiros indiciam certo tom de queixa, porém esse tom vem brandamente, pois vem via ludicidade. Assim, essa saída vai de encontro à possibilidade de os caminhoneiros pxzeiros se renderem somente a aborrecimentos, lamentações ou queixas acerca de certas representações imaginárias e certas condições de vida. Isso indica um não levar a sério demais as adversidades da profissão, debochando delas. Em última instância, a ludicidade, ao produzir efeitos de resistência simbólica, mostra que não vale a pena levar algum problema tão a sério.

Segundo Thompson (2001, p. 261), “homens e mulheres, ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos [relativos] ao seu modo de vida”. A partir dos recortes analisados, podemos dizer que a produção de ludicidade pelos caminhoneiros pxzeiros produzindo efeitos de resistência simbólica está relacionada direta ou indiretamente às suas condições de vida, ou seja, configura um modo de confronto com sua existência. A ludicidade aponta para questões de divertimento e de sobrevivência, fornecendo um terreno fértil para o funcionamento da resistência simbólica, já que esta, conforme construímos neste livro, está ligada a um fator de vocabulário e de modo de dizer, assim como ocorre com a ludicidade, produto de jogos de linguagem.

O que une os efeitos de resistência simbólica são as condições de produção. A repetição desses efeitos nas discursivizações dos caminhoneiros pxzeiros permite-nos afirmar que a prática pxzeira é uma prática discursiva de resistência simbólica. Os efeitos de resistência simbólica não se ligam a reclamações e/ou a revoltas dos caminhoneiros pxzeiros a ponto de quererem abandonar a profissão, o que não quer dizer que reclamações e/ou revoltas não apareçam em suas discursivizações. No entanto, a resistência simbólica parece causar o bem-estar, transformando momentos tediosos em momentos prazerosos para os caminhoneiros pxzeiros, de

modo que estes não se colam em lamentações, o que os leva a sair de uma possível posição de “vítimas” da sociedade.

Nesse sentido, a resistência simbólica não indica ser uma resistência em que há uma vontade de mudar (d)a posição de trabalho, pois não é uma resistência de militância, no sentido de quem defende um território com “armas e brigas” por uma condição melhor de vida. Em certo sentido, é uma resistência sutil na linguagem para os caminhoneiros continuarem sob as condições de vida e, além disso, para se manterem como parte da ordem discursiva pxzeira. Portanto, está ancorada em uma (r)existência de si. Entendemos que não é um ponto de honra para os caminhoneiros pxzeiros ficarem se amargurando seriamente via rádio amador. Ao contrário, parecem realizar jogos de linguagem via esse aparelho por uma questão de honra, mostrando, discursivamente, que gostam da profissão, mesmo havendo diversas e sérias dificuldades nela.

Desse modo, refletindo acerca da representação imaginária de “heróis da estrada” associada aos caminhoneiros, diríamos que a resistência simbólica dos caminhoneiros pxzeiros mostra que, culturalmente, como todo herói é forte, viril e gosta do que faz, então esses profissionais deixam a responsabilidade da queixa para o outro. Assim, é possível que o efeito compensatório, que transforma uma queixa em uma não queixa, venha em função dos sentidos que incidem sobre os caminhoneiros que são relativos à imagem de “heróis da estrada”. O herói não reclama, ele suporta e resolve. Além disso, o amor pela máquina, pela “vida de tapetão” e por certa liberdade (vida ativa) parece levar, também, os caminhoneiros pxzeiros a resistirem simbolicamente.

Julgamos fundamental tecer um paralelo entre os caminhoneiros pxzeiros e o que diz Foucault (2003) sobre certas existências:

as falas breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existências as mais essenciais, sem dúvida, são para estas o único *monumento* que jamais lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o *breve clarão* que as traz até nós. (FOUCAULT, 2003, p. 207, grifos nossos).

Embora as enunciações dos caminhoneiros pxzeiros via rádio amador, em estradas, possam se dar de maneira efêmera, “breve clarão”, elas parecem funcionar como uma espécie de “monumento” para esses caminhoneiros. Isso porque são constituídas por jogos de linguagem, fazendo com que suas discursivizações ganhem relevância entre si e, nesse sentido, possibilitando um suporte para a própria vida.

A produção linguageira dos caminhoneiros pxzeiros (e dos outros pxzeiros) constitui-se como acontecimento discursivo, conforme sentido pècheuxtiano. Há, nessa produção, atualização da memória discursiva, do interdiscurso, por meio da manutenção de uma continuidade de emprego de palavras e expressões próprias e de uma maneira própria de dizer; também, por meio da manutenção de uma continuidade dos efeitos que tais palavras, expressões e maneira própria de dizer produzem. Historicamente, mediante o acontecimento discursivo, há uma atualização da memória discursiva, de modo a desembocar numa espécie de suporte para a vida dos caminhoneiros pxzeiros.

Essa atualização ligada ao jogo discursivo que é produzido na prática pxzeira transcende aos caminhoneiros pxzeiros, estendendo-se para outros pxzeiros, posto que é um funcionamento discursivo da ordem dessa prática discursiva; é algo identificatório do grupo PX. Trazemos um recorte para ratificar a ideia de que o jogo discursivo, que é a base para os jogos de linguagem, ocorre não só com caminhoneiros pxzeiros, porém, de certa forma, com todo e qualquer pxzeiro, posto que é uma regularidade discursiva.²⁶

TOURO SENTADO: Positiiiva, uai, tem um transisto aqui, 2073, tava nesse 22 PLUS, rapaiz, eu nunca vi desse transisto, 2073, já vi o 20, 20, 2166, já vi esses trem tudo, só num vi esse, ã?!

FEITICEIRO: Positivo! *Mas é assim mesmo.* Quem vem buscá? O Barra ou ocê?

²⁶ No recorte, “QSJ” significa dinheiro; “buraco do alfaiate”, bolso; “pipoco”, pouco; “timbau”, tchau.

TOURO SENTADO: Ah... O Barra, né?! O Barra vai aí que o Barra tem QSJ, eu num tem.

FEITICEIRO: Não sô, **hehe**, *tem disso não*, cê num tem, se eu tenho pá arrumá, cê qué 1 ou 2?

TOURO SENTADO: Positivo! Não, vô dexá pu Barra, ele passa aí e traz, **hehehe**. Hora de levá a mão no buraco do alfaiate é só ele, eu num tem, o buraco do alfaiate tá furado, cumé que eu levo?

FEITICEIRO: Esse é o miserável! Tá bão, Barra, bom dia!

BARRA FORTE: Tá legal, Feiticeiro, bom dia e um braço aí pu senhor aí. Daqui a pipoco tô passano aí, nós combina aí o valor da mercadoria, positiiivo?!

FEITICEIRO: Positivo, então, vô trabaiaá, timbau pro cêis.

Nesse recorte, os pxzeiros Touro Sentado e Feiticeiro (técnicos em eletrônica) e o pxzeiro Barra Forte (mecânico aposentado de trem de ferro) produziram dizeres sobre a compra de uma peça (transistor 2073) para conserto de um aparelho de rádio amador de Barra Forte e sobre uma possível falta de dinheiro do pxzeiro Touro Sentado. Tendo em vista que a conversa e a conversação estão imbricadas, consideramos que há, nesses dizeres, um forte imbricamento entre conversa (compra de um transistor) e conversação (falta de dinheiro), de maneira que parece haver apenas certa prevalência de conversa, dada a questão da compra do transistor 2073 ser o foco principal.

Em relação aos jogos de linguagem produzidos pelos pxzeiros em questão, podemos observar um jogo de voz musicada: “positiiiva” (Touro Sentado) e “positiiivo” (Barra Forte). Esse jogo produz ludicidade entre os pxzeiros porque eles poderiam ter dito os termos “positiva” e “positivo” sem musicalidade na voz, já que a grande questão no recorte diz respeito a uma simples compra de mercadoria. Além disso, um elemento que mostra jogo de linguagem e efeito de ludicidade diz respeito ao termo “pipoco” (Barra Forte) no lugar do termo “pouco”. É um jogo linguístico de base

morfológica, visto que transgride elementos linguísticos de uma palavra estabilizada socialmente. “Pipoco” remete a uma atitude que pode acontecer rápida e repentinamente, pois tem a ver com estalo.

Nessa perspectiva dos jogos de linguagem, as manifestações de riso “hehe” (Feiticeiro) e “hehehe” (Touro Sentado) configuram-se como tais, especificamente um jogo de riso, produzindo efeito de deboche, uma vez que, em se tratando de uma negociação, essas manifestações de riso transgridem discursividades relacionadas a uma possível seriedade na hora de comprar e vender um produto. Portanto, há um certo desdém aflorando nessa negociação, de modo que foi proferido por Touro Sentado o dizer: “Hora de levá a mão no buraco do alfaiate é só ele, eu num tem, o buraco do alfaiate tá furado, cumé que eu levo?”.

Destacando, nesse dizer, a expressão “o buraco do alfaiate tá furado”, diríamos que o jogo não é porque Touro Sentado empregou uma expressão da linguagem própria (“buraco do alfaiate”), mas porque esse pxzeiro disse que tal buraco “tá furado”. Touro Sentado poderia ter dito simplesmente expressões que são muito comuns na nossa cultura popular (“tô quebrado” ou “tô sem grana”), ou, então, poderia ter empregado um termo do código Q: QSJ (dinheiro), em “tô sem QSJ”. A expressão “o buraco do alfaiate tá furado” é um jogo linguístico de base lexical e sintática, pois é um jogo com palavras e não propriamente com elementos linguísticos de uma palavra. Esse jogo linguístico produz efeito de deboche, visto que mostra que Touro Sentado tratou da possível falta de dinheiro com certo menosprezo, o que se relaciona a certas expressões muito comuns na nossa cultura: “e daí?!” e “que me importa?!”.

Dizer a expressão “o buraco do alfaiate tá furado” remete a algo desagradável, estar sem dinheiro, contudo veio de um modo leve e divertido, o que implica uma (não) queixa, tendo a não queixa prevalência sobre a queixa, dado esse modo de dizer. A expressão em questão, como jogo de linguagem, rompe com certa ordem discursiva, com sentidos socialmente postos relacionados apenas a queixas nesse tipo de circunstância: estar sem dinheiro. A partir desse jogo, há a produção de ludicidade, pois

Feiticeiro entrou no jogo do jogo ao dizer: “Esse é o miserável!”, que indicia a possibilidade de que Touro Sentado estava blefando ao ter afirmado que estava sem dinheiro. O jogo linguístico de base lexical e sintática “esse é o miserável!” produz efeito de humor entre os pxzeiros em questão, posto que é um jogo que traz em si um tom engraçado relacionado a uma lástima debochadora.

O jogo discursivo, no último recorte, incide no movimento de sentidos que se contradizem em relação a estar disponível para executar uma tarefa, mas não ter dinheiro para que a execução dessa tarefa se concretize. Touro Sentado, por meio de jogos de linguagem, tocou na possibilidade de consertar um aparelho de rádio amador do pxzeiro Barra Forte. Porém, para isso, precisava que o transistor 2073 fosse comprado. Touro Sentado disse que não tinha dinheiro e que, portanto, Barra Forte deveria buscar esse transistor “[por]que o Barra tem QSJ”. Feiticeiro riu e disse a expressão “tem disso não”, a qual produz efeito compensatório, funcionando como paráfrase de “mas tá bão”. Logo em seguida, veio a justificativa para esse efeito compensatório: “cê num tem, se eu tenho pá arrumá, cê qué 1 ou 2?” Essa justificativa instaura-se como um funcionamento compensatório, mostrando que o “tubarão” do rádio amador é aquele que, além da habilidade de realizar jogos de linguagem, está sempre pronto para ajudar e servir os seus.

O funcionamento compensatório é um funcionamento discursivo da prática pxzeira. Na verdade, destacando os caminhoneiros, esse funcionamento é recorrente não só em seus dizeres via rádio amador, entretanto está circulando socialmente em outros espaços discursivos relacionados a eles. No filme *Jorge, um brasileiro*, o caminhoneiro Oliveira afirma que a vida de estrada é difícil, “mas tá bão” porque gosta do companheirismo que encontra ali. Na entrevista concedida por Tião do Pó, ele afirma que há muita discriminação relacionada à profissão de caminhoneiro, “mas tá bão” porque há muitos que valorizam e sabem o quão árdua é essa profissão. Tanto no filme quanto na entrevista há o funcionamento compensatório que há na prática pxzeira.

Para além dos caminhoneiros pxzeiros, o funcionamento compensatório está implicado nas relações discursivas dos pxzeiros via rádio ama-

dor, uma vez que, conforme Orlandi (2012, p. 190), “e mais do que símbolos comuns é o mesmo tipo de imaginário que solda o grupo”. Aquele que se coloca numa determinada posição discursiva produz certos efeitos de sentido a partir de um determinado funcionamento discursivo. Assim, alguém que entra para a prática do grupo PX vai funcionar em certa ordem discursiva, que é a da compensação, dada a soldadura do e no grupo.

No caso do efeito compensatório, observarmos que não é o conectivo “mas” que está em voga, podendo aparecer ou não. Essa compensação é passível de ser mostrada e generalizada via diferentes expressões: “(mas) tá bão”, “(mas) tá beleza”, “(mas) tá loco”, “(mas) tá legal”, “(mas) tá chique”, “(mas) tá bacana”, “(mas) fica só o ouro”, “(mas) fazer o quê” etc. Ou seja, todos esses modos de dizer, constituintes do mesmo funcionamento parafrástico, da mesma relação de paráfrase, produzem o efeito compensatório. Além disso, tanto o riso como a voz musicada também produzem esse efeito. Há discursividades que provocam um efeito compensatório entre x e y, sendo x uma variável negativa e y uma variável positiva – x, (mas) y. Portanto, x e y são variáveis que designam valores em relação de oposição.

Neste momento, podemos traçar um caminho que direcionou nosso olhar em relação à análise dos recortes. Partimos de jogos localizados, jogos de linguagem, e do jogo discursivo, procurando cotejar descrição e interpretação. Percebemos os momentos em que há a entrada no jogo dos jogos de linguagem, de modo a ocorrer a produção de ludicidade. Construimos que um dos efeitos da ludicidade é a resistência simbólica, que produz o efeito de deboche e o efeito compensatório. Todas essas particularidades estão ancoradas no grande funcionamento discursivo do grupo PX de rádio amador, qual seja, o funcionamento compensatório, o qual transcende os caminhoneiros pxzeiros, estando presente nas discursivizações dos outros pxzeiros.

Os caminhoneiros são trabalhadores que estão no entremeio, no sentido de estarem em trânsito pelos lugares. Chegam e já têm hora de partir, visto que estão de passagem. De certa forma, o fato de aparentarem ter uma vida árdua de trabalho não significa que sejam desvalidos, miseráveis e/ou dignos de pena. Os caminhoneiros pxzeiros (e outros pxzeiros tam-

bém) acabam funcionando de um certo modo (compensatório), via prática pxzeira, ao lidarem com certas discursividades. É uma saída coletiva, grupal e subjetiva do grupo PX. Assim, quem entra na prática discursiva desse grupo acaba funcionando dessa maneira, compensatoriamente, já que, se não, seria, de algum modo, expelido, não se tornando um “tubarão”.

Considerações finais

Orlandi (2012) afirma que o Estado promove uma separação entre os sujeitos. Pensando nessa separação e nos caminhoneiros, em especial nos que são pxzeiros, diríamos que eles não estão resistindo por eles mesmos, mas pelas próprias condições que a sociedade e o Estado (im)põem. Em decorrência disso, há a resistência de si, a qual se relaciona ao modo como lidam com essas condições na vida de estrada, e a resistência simbólica, a qual se relaciona ao modo como lidam com tais condições via prática pxzeira de rádio amador, mais especificamente via ludicidade, a qual é constitutiva do grupo PX.

Além de marcar naquilo que os caminhoneiros dizem via rádio amador, sendo parte do simbólico produzido por esses profissionais na prática pxzeira, a resistência de si marca-se no modo como levam a profissão. A resistência de si e a resistência simbólica têm a ver com o modo como os discursos afetam os caminhoneiros. Portanto, a resistência dos caminhoneiros pxzeiros está enganchada no simbólico que circula no espaço brasileiro por certas redes de memória, visto que qualquer possibilidade de subjetivação não se daria a partir do sujeito por ele mesmo, nem a partir do simbólico por ele mesmo. É na relação/tensão entre sujeito e simbólico.

Do nosso ponto de vista, há resistência a todo momento nas relações humanas. O próprio ato de dizer indicia resistência, pois dizer uma palavra de um modo e não de outro já é resistir a certas práticas discursivas e se inscrever em outras. Inscrevemo-nos em práticas discursivas para (nos) dizer. Por isso, resistimos a outras práticas possíveis. A prática de rádio amador do grupo PX resiste a outras práticas discursivas por meio de um modo particular de (se) dizer. A resistência é inerente ao discurso, porém se marca de diferentes modos nas práticas discursivas, como é o caso da prática pxzeira, em que a resistência se marca, de um modo especial, na ludicidade, a qual mostra o funcionamento do que estamos chamando de resistência simbólica.

A resistência simbólica, para nós, se configura como funcionamento e efeito da e na prática *pxzeira*. É funcionamento devido a certos fatores: recorrência, materialidade discursiva (jogos linguísticos, de risos e de voz musicada) e possibilidade de vermos seus aspectos pelos efeitos que produz. Esses fatores estão em função da resistência simbólica, a qual, na prática *pxzeira*, é passível de ser (entre)vista na ludicidade. Esta faz com que a resistência simbólica seja “visível”, não no sentido de transparência, mas no sentido de possibilidade de vermos seu(s) funcionamento(s) e seu(s) efeito(s). Isso é uma particularidade do grupo *PX*, já que, em outros grupos, a resistência (simbólica) pode ter visibilidades diferentes.

Essa resistência é constitutiva do grupo *PX*, não tendo nenhuma espécie de conteúdo, contudo o modo como se marca produz certos efeitos, por exemplo: a não lamentação aborrecida relacionada a alguma situação atribulada da e na estrada, no caso dos caminhoneiros *pxzeiros*, tendo como decorrência uma espécie de (não) lamento para gozar via deboche. Assim, o próprio deboche é um efeito da resistência simbólica em funcionamento, não é a resistência propriamente dita, já que é efeito. Dependendo do modo como a resistência simbólica se marca, produz certos efeitos de sentido e não outros. A problematização acerca da resistência simbólica como funcionamento e efeito da e na prática *pxzeira* diz respeito ao nosso olhar, um olhar que, de certa forma, vê de fora. Isso é diferente do olhar de quem está imerso nessa prática discursiva que, portanto, não vê a resistência em questão.

O modo como a ludicidade ocorre no grupo *PX* entre caminhoneiros *pxzeiros*, entre estes e outros *pxzeiros* e entre *pxzeiros* faz-nos lembrar do modo descontraído que muitos brasileiros têm de lidar com situações adversas de suas vidas, produzindo até mesmo humor com as próprias experiências trágicas. É fazer deboche de si pela via da ludicidade, o que mostra um efeito de resistência (simbólica). Dessa maneira, em última instância, as discursivizações dos caminhoneiros *pxzeiros* mostram algo dos próprios brasileiros, o que é associável à inseparabilidade entre o social e o linguístico.

Essa inseparabilidade permite-nos associar ao que diz Pêcheux (2008, p. 44), referindo-se a novas práticas de leitura, sobre haver “relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não ditos no interior do que é dito”. O que é dito em uma determinada prática discursiva afeta, de algum modo, outra(s) prática(s) discursiva(s). Assim, a ludicidade, no espaço discursivo da prática do grupo PX, indicia relação com outro(s) espaço(s) discursivo(s). Essa relação mostra que “o sentido não pára, ele muda de caminho” (ORLANDI, 1997, p. 13).

Retomando as discursivizações dos caminhoneiros pxzeiros, compreendemos que a resistência vem no (modo de (se)) dizer, resistência simbólica, mas também no modo de ser, resistência de si. Neste livro, focamos o simbólico produzido na prática pxzeira de rádio amador, em função da maneira própria de (se) dizer. No entanto, para além desse simbólico ou mesmo nesse simbólico, há outras questões envolvidas que resvalam no modo de ser: uma resistência do e no dia a dia, do e no próprio fazer cotidiano. Enfim, uma resistência a certos modos de subjetivação presentes na sociedade vigente.

A resistência simbólica é possível porque, como nos alerta Pêcheux (2008, p. 51), a língua é atravessada pelo espaço das significações estabilizadas e pelo espaço das transformações do sentido, estando estas para a ordem daquilo que escapa às normas estabelecidas anteriormente. Por isso, a voz do caminhoneiro no rádio amador é a voz que se assemelha a outras vozes, mas também destoa de outras vozes de diferentes espaços discursivos, uma vez que, segundo Agustini (2004, p. 48),

se houve (e há) mudanças é porque houve (e há) transgressões às discursividades oficializadas e seus modos de dizer institucionalizados. É porque sujeitos excluídos de lugares sociais de locutor específicos ascenderam ao direito de (poder) falar a partir de um lugar social de locutor do qual encontravam-se excluídos.

As discursividades antagônicas acerca dos caminhoneiros incidem nas discursivizações que esses trabalhadores produzem na prática pxzei-

ra. São discursivizações que parecem permear o funcionamento discursivo de práticas discursivas de sujeitos excluídos, os quais constituem grupos de minoria. Não que os caminhoneiros sejam um grupo de minoria, uma vez que o Brasil é um país com uma imensa dimensão territorial, e o transporte da produção brasileira é feito, majoritariamente, por caminhões em rodovias. Entretanto, eles funcionam simbolicamente no rádio amador como minoria, pois são, socialmente, significados desse modo, de maneira que há propagandas de valorização e reconhecimento aos caminhoneiros. Logo, certa regularidade discursiva se mantém na prática *pxzeira* porque os caminhoneiros *pxzeiros* continuam funcionando como minoria pela própria estigmatização²⁷ social. Portanto, há semelhança de funcionamento discursivo entre a discursivização da e na música punk a seguir, "Rotina", da banda DZK, conforme álbum "De geração para geração eternamente punk" (1997), e as discursivizações dos caminhoneiros *pxzeiros*: deboche e compensação em relação à própria condição de vida.

Na segunda-feira, vou um trampo procurar. / Na terça, eu me emprego. / Quarta, eu vou trabalhar. / Quinta, mato o trampo. / Sexta, já sou dispensado. / No sábado, eu recebo. / E no domingo, eu tiro um sarro... / **Hahaha...** / Pra que querer mudar a vida pra mim? / Pra que querer mudar a vida pra mim, porra?! (DZK, 1997, grifo nosso).

Na perspectiva do cruzamento de discursividades antagônicas – apesar de certas dificuldades das condições de vida, o deboche e a compensação relacionados a certos prazeres da vida –, aventamos a ideia de que os grupos de minoria (ou que funcionam como tais) funcionam discursivamente no deboche e na compensação. Nessa canção, há sentidos contraditórios

²⁷ Lendo a questão da “estigmatização” relacionada a uma espécie de “marca infame”, remetemo-nos à greve do dia 24 de fevereiro de 2015, em que apareceu, nas notícias, não a reivindicação dos caminhoneiros, mas sim o fato de estarem atrapalhando o trânsito, ou seja, um modo “estigmatizado” de serem vistos. Os caminhoneiros funcionando socialmente como um corpo fora (marginalizado) que está dentro (atrapalha e, portanto, aparece), dando continuidade para o fluxo da sociedade, porém de modo “invisível”.

em operação: dispensa do trabalho e tirar um sarro, produzindo efeito de deboche em relação a algo que se apresenta como adverso. O efeito de deboche é acirrado pela presença do riso (“hahaha”) e pela presença do dizer “Pra que querer mudar a vida pra mim, porra?!”.

O riso ali tem relação com o riso que se manifesta na prática pxzeira, e que o dizer em questão, o qual produz efeito compensatório, funciona como paráfrase da expressão “mas tá bão”, o que nos permite afirmar que a prática punk e a prática pxzeira se cruzam, já que são produtos de grupos minoritários ou tidos como minoria. São práticas discursivas diferentes produzindo efeitos de sentido similares, coadunando com o pensamento de Foucault (1996, p. 52-53) ao dizer que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”.

Em geral, o trabalho dos caminhoneiros aparenta ser árduo, de modo que, a partir das suas discursivizações via rádio amador, é possível notarmos que eles trabalham em função do não trabalho que o trabalho pode proporcionar: família, descanso, amigos, bebidas, farras etc. No caso da canção mencionada, é receber no sábado e zoar no domingo. Os caminhoneiros pxzeiros lamentam certos aspectos das condições de vida como se não estivessem lamentando, posto que o deboche e a compensação funcionam fortemente na posição discursiva dos (caminhoneiros) pxzeiros. Assim, o lamento via ludicidade mostra um brincar para não precisar (se) lamentar.

A ludicidade é séria! É por meio dela que o brasileiro tem podido, muitas vezes, (se) dizer sobre aquilo que é sério, a fim de ser ouvido e não olvidado. Aliás, a ludicidade parece ser um traço da dita subjetividade do brasileiro na contemporaneidade, pois é recorrente em outras práticas discursivas, como a prática punk. Na prática pxzeira, os (caminhoneiros) pxzeiros parecem dizer a todo momento n(o) modo lúdico. Portanto, a ludicidade, nessa prática, é séria porque é o modo que os (caminhoneiros) pxzeiros têm de formarem um grupo, qual seja, o grupo PX de rádio amador.

Pensando na relação que os caminhoneiros mantêm com a sociedade, cabe frisarmos que o deboche e a compensação vêm em função do lugar que ocupam nela, lembrando que, segundo Orlandi (2012, p. 197), “os sentidos não são sentidos fora da sociedade e da história”. Esse lugar é contraditório, pois os caminhoneiros são fundamentais para o funcionamento da sociedade brasileira, mas, ao mesmo tempo, em geral, a sociedade os vê de uma forma excludente. Isso faz com que ocupem um lugar social contraditório em termos dos sentidos que podem ser produzidos. A contradição em torno dos caminhoneiros – significados como grupo de minoria sem sê-lo – parece levá-los a funcionar de modo debochador e compensatório na prática pxeira. Nesse sentido, arriscamos dizer que sujeitos excluídos funcionam no deboche e na compensação, rompendo com discursividades que regem a sociedade legal, jurídica e institucionalizada. Conforme construímos aqui, esta é a voz do caminhoneiro no rádio amador. Uma espécie de



Foto de arquivo pessoal tirada no ano de 2014, em viagem de Monte Carmelo/MG a Uberlândia/MG.

Referências

AGUSTINI, Carmen Lúcia Hernandes. *A estilística no discurso da gramática*. Campinas: Pontes Editores; São Paulo: Fapesp, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BERTOLDO, Ernesto Sérgio. Discurso e enunciação: implicações da emergência do sujeito. In: AGUSTINI, Carmen L. H.; BERTOLDO, Ernesto S. (org.). *Linguagem e enunciação: subjetividade-singularidade em perspectivas*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011. p. 71-84.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação de realidade*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CHEROBIM, Mauro. O caminhoneiro na estrada. *Perspectivas*, São Paulo, p. 113-125, 1984.

CONEIN, Bernard. Décrire un événement politique. In: PÊCHEUX, Michel et al. (org.). *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie. Quel objet pour l'analyse du discours? In: PÊCHEUX, Michel et al. (org.). *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV: estratégias, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

GADET, Françoise. Tricher la langue. In: PÊCHEUX, Michel *et al.* (org.). *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

GRIGOLETTO, Marisa. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, Izabel; CORACINI, Maria José; GRIGOLETTO, Marisa (org.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Da enunciação ao acontecimento discursivo em Análise de Discurso. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. 2. ed. Campinas: Ed. RG, 2008.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso, de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy Maria. *A discussão do sujeito no movimento do discurso*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

LEBRUN, Jean-Pierre. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo. *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

LIMA, Aristides Fraga. *O filho do caminhoneiro*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 1997.

MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MEILI, Angela Maria. A exclusão midiática enquanto silenciamento generalizado. In: FREITAS, Alice Cunha de (org.). *Linguagem e exclusão*. Uberlândia: EDUFU, 2010.

MILNER, Jean-Claude. *Os nomes indistintos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

NECKEL, Nádia Régia Maffi. *Do discurso artístico à percepção de diferentes processos discursivos*. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

NOEL, Francisco Luiz. *Por onde andamos: um relato das viagens dos caminhoneiros pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

OLIVEIRA, Karine Rios; LEITE, Thiago André Rodrigues. Interpretação de textos literários e enfrentamento de real. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA*, 2., 2012, Uberlândia. *Anais [...] Uberlândia*: UFU, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Segmentar ou recortar? *Estudos* [Linguística: questões e controvérsias], Uberaba, n. 10, 1984.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A análise de discurso: algumas observações. *D.E.L.T.A.*, v. 2, n. 1, p. 105-126, 1986.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Do sujeito na história e no simbólico. *Escritos*, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, n. 4, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. *In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.)*. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). *In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.)*. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo? *In: PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso – Michel Pêcheux*. Seleção de textos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, Michel et al. *La frontière absente (un bilan)*. *In: PÊCHEUX, Michel et al. (org.)*. *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

PERANI, Letícia. O lúdico no ativismo global. *Contemporânea*, v. 5, n. 2, jul./dez. 2007.

PIMENTEL, Renata Marcelle Lara; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Discurso do lúdico nos discursos sobre o lúdico. *Forma y Función*, v. 22, 2009. Disponível: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio>. Acesso em: 4 jul. 2012.

ROSA, Ivani. *Trilhando caminhos e perseguindo sonhos: histórias e memórias de caminhoneiros*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? *Educação & Realidade*, v. 26, n. 1, p. 33-57, 2001a.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERER, Amanda Eloina. Subjetividade, inscrição, ritmo e escrita em voz. In: MARIANE, Bethania (org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006.

SOUZA, Pedro de. *Michel Foucault: o trajeto da voz na ordem do discurso*. Campinas: Ed. RG, 2009.

SOUZA, Pedro de. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito feito fora de si. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 37-54, 2003.

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 2000.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

VILAÇA, Marcos Vinícios. *Em torno da sociologia do caminhão*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: Universidade Federal Fluminense/EDUFF/PROED, 1987.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó: a África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

Entrevista

DO PÓ, Tião. Tião do Pó: entrevista [jul. 2011]. Entrevistador: Thiago Leite. Entrevista sobre representações acerca (das condições de vida) dos caminhoneiros. Monte Carmelo, 2011.

Filme

Jorge, um brasileiro. Direção: Paulo Thiago. 1988.

Minissérie

Carga pesada. Direção: Walther Negrão. 2003.

Música

Rotina. De geração para geração eternamente punk. DZK. São Paulo, 1997.

Notícias

CAMINHONEIROS praticam manobras arriscadas para se exibir em redes sociais. 14 de outubro de 2013. *Blog do Caminhoneiro*, set. 2013. Disponível em: <http://blogdocaminhoneiro.com/2013/09/caminhoneiros-gravam-manobras-arriscadas-para-se-exibir-na-internet/>. Acesso em: 10 ago. 2014.

IMPRUDÊNCIA: caminhoneiros despreparados para trânsito. *180 Graus*, 23 out. 2008. Disponível em: <http://180graus.com/noticias/imprudencia-caminhoneiros-despreparados-para-transito-57770.html> Acesso em: 10 ago. 2014.

IMPRUDÊNCIA de caminhoneiros gera revolta entre motoristas em MS. *94 FM Dourados*, 18 fev. 2014. Disponível em: <http://www.94fmdourados.com.br/noticias/regiao/imprudencia-de-caminhoneiros-gera-revolta-entre-motoristas-em-ms> Acesso em: 10 ago. 2014.

7º CLASSIFICADO no herói das estradas. *Revista Caminhoneiro*, 1º nov. 2011. Disponível em: www.revistacaminhoneiro.com.br. Acesso em: 18 dez. 2011.

Novela

PANTANAL. *Direção: Jayme Monjardim*. Rio de Janeiro: Rede Manchete, 1990.

Reportagens

CAMINHONEIROS burlam lei e rodam sem aditivo que reduz poluição. *Fantástico*, 14 dez. 2014. Disponível em: www.fantastico.globo.com. Acesso em: 27 dez. 2014.

COCAÍNA é comprada com cartão de crédito na beira das estradas. *Fantástico*, 27 mar. 2011. Disponível em: www.fantastico.globo.com. Acesso em: 18 dez. 2011.

Créditos

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Reitora

Oneida Cristina Gomes Barcelos Irigon

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Thais Amaral e Sousa

Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Projeto Gráfico, Ilustração e Capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

Diagramação

Renata Rosa Franco

Revisão

Olliver Robson Mariano Rosa

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Conselho Editorial

Presidente

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Titulares

Alessandro Silva de Oliveira

Darlene Ana de Paula Vieira

Fernando Henrique Silva Carneiro

Kalinka Martins da Silva

Kênia Érica Gusmão Medeiros

Lidiaiane Maria dos Santos

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Suplentes

André Augusto Nobre Dantas

Lemuel da Cruz Gandara

Lorena Pereira de Souza Rosa

Ricardo Fernandes de Sousa

Ruberley Rodrigues de Souza

Thiago Wedson Hilário

Formato 160 x 230mm

Tipografia Myriad Pro Bold 12/18 (títulos)
Chaparral Pro 12/18 (texto)

Imagem da Capa Truck Driver CB Radio Talk

<https://br.depositphotos.com/163027934/stock-photo-truck-driver-cb-radio-talk.html>

Créditos

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Comitê Avaliador

Alessandro Silva de Oliveira (IFG)
Ana Beatriz Machado de Freitas (IFG)
Ângela Custódia Guimarães Queiroz (IFG)
Antonio Pasqualetto (IFG – PUC/GO)
Cláudia Helena dos Santos Araújo (IFG)
Dálcio Ricardo Botelho (IFG)
Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura (IFGoiano)
Helen Betane Ferreira Pereira (IFG)
Hilda Rodrigues da Costa (UEG)
Jaciane Martins Ferreira (IFGoiano)
Luana Alves Luterman (UEG)
Luciano Duarte da Silva (IFG)
Maria Tâmara de Moraes Guimarães Silva (IFG)
Paula Franssinetti de Moraes Dantas (IFG)
Paula Graciano Pereira (IFG)
Pauliana Duarte Oliveira (IFG)
Rachel Benta Messias Bastos (IFG)
Rosana Gonçalves Barros (IFG)
Selma Zago da Silva Borges (IFG)
Simônia Peres da Silva (UEG)

Conselho Científico

Adelino Cândido Pimenta (IFG)
Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)
Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)
André Luiz Silva Pereira (IFG)
Angel José Vieira Blanco (IFG)
Antônio Borges Júnior (IFG)
Camila Silveira de Melo (IFG)
Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)
Carlos Leão (PUC/GO)
Celso José de Moura (UFG)
Clarinda Aparecida da Silva (IFG)
Cláudia Azevedo Pereira (IFG)
Dilamar Candida Martins (UFG)
Douglas Queiroz Santos (UFU)
Gláucia Maria Cavasin (UFG)
Jullyana Borges de Freitas (IFG)
Jussanã Milograna (IFG)
Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)
Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)
Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)
Lídia Lobato Leal (IFG)
Lillian Pascoa Alves (IFG)
Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)
Marcelo Costa de Paula (IFG)
Marcelo Firmino de Oliveira (USP)
Maria Sebastiana Silva (UFG)
Marshal Gaioso Pinto (IFG)
Marta Rovey de Souza (UFG)
Mathias Roberto Loch (UEL)
Maurício José Nardini (MP/GO)
Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)
Paulo César da Silva Júnior (IFG)
Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)
Paulo Rosa da Mota (IFG)
Rachel Benta Messias Bastos (IFG)
Ronney Fernandes Chagas (IFG)
Rosana Gonçalves Barros (IFG)
Simone Souza Ramalho (IFG)
Waldir Pereira Modotti (UNESP)
Walmir Barbosa (IFG)



THIAGO ANDRÉ RODRIGUES LEITE possui doutorado (2015) e mestrado (2010) em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, além de especialização em Linguística e Língua Portuguesa (2008) e graduação em Letras (2005) pela Fundação Carmelitana Mário Palmério (FUCAMP). É professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás | Campus Jataí. Atua como membro do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS-UFU) e como pesquisador em Análise de Discurso, investigando diferentes materialidades de linguagem.



A leitura do livro *A voz do caminhoneiro no rádio amador: discurso e resistência*, de Thiago André Rodrigues Leite, pode proporcionar um imenso valor reflexivo a todos aqueles que se interessam pela questão da linguagem, em sua relação constitutiva com o sujeito, o social, a história e a significação. Por isso, convidamos o caro leitor a deliciar-se com suas páginas, de escrita fluida, acessível e consistente, e, assim, aferir por si próprio o prazer do texto e de sua reflexão.

Cármem Agustini

Universidade Federal de Uberlândia



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Goiás

 editora ifg


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias